

MARIA TERTULIANA BRASIL

**AS RELAÇÕES ENTRE
ESCOLAS-FAMÍLIAS:
UM ESTUDO DE CASO EM
BARRA MANSA E VOLTA REDONDA
(APÊNDICE)**

Orientadora: Professora Doutora Ana Benavente

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Departamento de Educação

Lisboa

2021

MARIA TERTULIANA BRASIL

**AS RELAÇÕES ENTRE
ESCOLAS-FAMÍLIAS:
UM ESTUDO DE CASO EM
BARRA MANSA E VOLTA REDONDA**

(APÊNDICE)

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 02/12/2021, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 326/2021, de 19 de novembro de 2021, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa

Arguente: Prof. Doutor João Sebastião (CIES-Iscte)

Orientadora: Prof.^a Doutora Ana Benavente

Co-Orientadora: Prof.^a Doutora Sónia Vladimira Correia

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Departamento de Educação

Lisboa

2021

Índice Geral

Índice Geral	3
Apêndice.....	7
I - Organização das entrevistas por datas, grupos, campos e identificações.....	8
II – Organização das questões das entrevistas – famílias e funcionária de apoio escolar.....	10
III - Organização das questões das entrevistas – docentes e equipes diretivas e pedagógicas	11
IV - Autorização para filmagem e declaração de confiabilidade e anonimato	12
V - Organização das transcrições por grupos, questões e campos.....	13
V.I - Pergunta n.º 1 – Grupo A - famílias - BM	13
Em sua opinião como são as relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?	13
As relações são fáceis, agradáveis, difíceis, desagradáveis?	13
Por quê?.....	13
V.II - Pergunta n.º 1 - Grupo B – docentes - BM.....	19
Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?	19
V.III - Pergunta n.º 1 – Grupo C – funcionária de apoio escolar - BM.....	22
Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?	22
V.IV - Pergunta n.º 1 – Grupo D - equipes pedagógicas e gestoras das escolas e SME - BM.....	23
Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?	23
V.V - Pergunta n.º 1 – Grupo A – famílias -VR.....	34
Em sua opinião como são as relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?	34
As relações são fáceis, agradáveis, difíceis, desagradáveis?	34
Por quê?.....	34
V. VI - Pergunta n.º 1 – Grupo B – docentes - VR	35
Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?	35
V.VII - Pergunta n.º 1 – Grupo D/ equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME-VR.....	36
Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?	36
V.VIII - Pergunta 2 – Grupo A – famílias - BM.....	37
Para si o que é democracia?.....	37
Quais são os direitos das famílias/alunos/escolas?	37
Considera as relações democráticas?.....	38
V.IX - Pergunta n.º 2 – Grupo A – famílias - VR	39
Para si o que é democracia?.....	39
Quais são os direitos das famílias/alunos/escolas?	39
Considera as relações democráticas?.....	39
V.X - Pergunta n.º 3 – Grupo A – famílias - BM	39
A partir do evento Covid 19 as relações com a escola sofreram alguma alteração?.....	39
Exemplifique com situações que tenha agradado e/ou desagradado	39
V. XI - Pergunta n.º3 e n.º6 – Grupo B – docentes - BM	42

A partir do evento Covid-19 as relações com as famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.	42
Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19?.....	42
Avalie a participação das famílias antes da Covid-19.	42
Avalie a participação das famílias durante a Covid-19.	42
Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias? .	42
V.XII - Pergunta n.º3 e n.º6/Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME BM	50
A partir do evento Covid-19 as relações com as Famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.	50
Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19?.....	50
Avalie a participação das famílias antes da Covid-19	50
Avalie a participação das famílias durante a Covid-19.	50
Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias? .	50
V.XIII - Pergunta 3 – Grupo A – famílias - VR	71
A partir do evento Covid 19 as relações com a escola sofreram alguma alteração?.....	71
Exemplifique com situações que tenha agradado e/ou desagradado	71
V.XIV - Pergunta n.º3 e n.º6 – Grupo B – docentes - VR.....	73
A partir do evento Covid-19 as relações com as Famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.	73
Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19?.....	73
Avalie a participação das famílias antes da Covid-19. Avalie a participação das famílias durante a Covid-19. Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias?	73
V.XV - Pergunta n.º3 e n.º6 – Grupo D – equipes pedagógicas/Gestoras Escolas/SME - VR.....	75
A partir do evento Covid-19 as relações com as Famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.	75
Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19?.....	75
Avalie a participação das famílias antes da Covid-19	75
Avalie a participação das famílias durante a Covid-19.	75
Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias? .	75
V.XVI – Pergunta n.º4 – Grupo A – famílias - BM	80
Participa das tomadas de decisões na unidade escolar de seus filhos?	80
Como? Cite exemplos.....	80
Na sua percepção os gestores escolares e professores promovem condições para que as famílias e alunos participem das tomadas de decisões na escola? Como?	80
V.XVII – Pergunta n.º4 – Grupo B – docentes -BM	82
A escola tem contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do sistema educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.	82
V.XVIII – Pergunta n.º4 – Grupo C – funcionária de apoio escolar - BM.....	84
Na sua percepção os gestores escolares e professores promovem condições para que as famílias e alunos participem das tomadas de decisões na escola? Como?	84

V.XIX – Pergunta n.º4 – Grupo D – equipes pedagógicas/Gestoras Escolas/SME- BM	85
As escolas têm contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do Sistema Educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.	85
V.XX – Pergunta n.º4 – Grupo A – famílias - VR	92
Participa das tomadas de decisões na unidade escolar de seus filhos?	92
Como? Cite exemplos.....	92
Na sua percepção os gestores escolares e professores promovem condições para que as famílias e alunos participem das tomadas de decisões na escola? Como?	92
V.XXI – Pergunta n.º4 – Grupo B – docentes - VR	94
A escola tem contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do sistema educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.	94
V.XXII – Pergunta n.º4 – Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME - VR.....	94
As escolas têm contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do Sistema Educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.	94
V.XXIII – Pergunta n.º5 – Grupo A – BM.....	96
Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os professores e direção ou com outros funcionários da u.e. De seus filhos?	96
V.XXIV – Pergunta n.º5 – Grupo B – docentes - BM.....	96
Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?	96
V.XXV – Pergunta n.º5 – Grupo C – funcionária de apoio escolar - BM	99
Quais são as dificuldades que encontradas no diálogo com os professores e direção ou com outros funcionários da U.E.?	99
V.XXVI – Pergunta n.º5 – Grupo D – BM.....	99
Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?	99
V.XXVII– Pergunta n.º5 – Grupo A – famílias - VR.....	103
Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os professores e direção ou com outros funcionários da U.E. De seus filhos?	103
V.XXVIII– Pergunta n.º5 – Grupo B – docentes - VR.....	104
Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?	104
V.XXIX– Pergunta n.º5 – Grupo D – VR	104
Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?	104
V.XXX – Pergunta n.º 6	107
A pergunta n.º 6 se mesclou ora com a pergunta n.º 2 ora com a n.º 4 em suas respostas, pois as pessoas entrevistadas tiveram liberdade para usar a palavra e quando respondiam já às questões de outras perguntas essas eram consideradas.	107
V.XXXI – Questão n.º 7 – Grupo A – famílias - BM.....	107
Narre uma situação positiva e/ou negativa dessas relações entre famílias e escolas vivenciadas.	107
V.XXXII – Questão n.º 7 – Grupo B – docentes - BM.....	108
Narre uma situação positiva e/ou negativa dessas relações entre famílias e escolas vivenciadas.	108
V.XXXIII – Questão n.º 7 – Grupo C – funcionária de apoio escolar - BM	110
Narre uma situação positiva e/ou negativa dessas relações entre famílias e escolas vivenciadas.	110

V.XXXIV – Questão n.º 7 – Grupo D – equipes pedagógicas/Gestoras Escolas/SME - BM.....	111
Narre uma situação positiva vivenciada e uma negativa nas relações entre escolas-famílias	111
V.XXXV – Questão n.º 7 – Grupo B – docentes -VR.....	119
Narre uma situação positiva vivenciada e uma negativa nas relações entre escolas-famílias	119
V.XXXVI – Questão n.º 7 – Grupo D – equipes pedagógicas/Gestoras Escolas/SME - VR	120
Narre uma situação positiva vivenciada e uma negativa nas relações entre escolas-famílias	120

Apêndice

I - Organização das entrevistas por datas, grupos, campos e identificações.

I.I – Grupo A – Famílias

GRUPO A – FAMÍLIAS - F				
DATA DA ENTREVISTA	NÚMERO DA ENTREVISTA	IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO		CAMPO
05/11/2020	04	F1 FVR	Mãe de aluno de 14 anos E.B.	VOLTA REDONDA
		F2 FVR	Mãe de aluno 13 anos E.B.	
		F3 FVR	Mãe de aluna 12 anos E.A.	
10/11/2020	10	F4 FBM	Mãe de aluna de 10 anos	BARRA MANSA
		F5 FBM	Mãe de aluno do 3º ano – aluno com necessidades especiais	
23/11/2020	17	F6 FBM	Mãe de aluna de 7 anos – 1º ano	BARRA MANSA
		F7 FBM	Mãe de aluno de 7 anos e aluna de 5 anos- 2º ano/ Ed. Infantil	
		F8 FBM	Mãe de aluna 5º ano e aluno Ed. Infantil	
		F9 FBM	Mãe de aluno do 4º ano e aluna do 1º ano.	
		F10 FBM	Mãe de aluna de 13 anos 8º ano e avó de aluna Ed. Infantil	
		F11 FBM	Mãe de aluno Ed. Infantil	
		F12 FBM	Mãe de aluna de 15 anos e aluna de 8 anos 4º ano	
		F13 FBM	Mãe de 3 filhos: 1º ano, 4º ano e 8º ano.	
		F14 FBM	Avó de aluno de seis anos.	

I.II – Grupo B - Docentes

GRUPO B – DOCENTES – P				
DATA DA ENTREVISTA	NÚMERO DA ENTREVISTA	IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO		CAMPO
05/11/2020	05	P1 F30BM	Professora – 30 anos de profissão – Ensino Fundamental I	Barra Mansa
		P2 F28VR	Professora – 28 anos de profissão – Ensino Fundamental I	Volta Redonda
06/11/2020	07	P3 F24VR	Professora – 24 anos de profissão – Educação Infantil	
08/11/2020	09	P4 F04BM	Professora – 04 anos de profissão – Ensino Fundamental I	Barra Mansa
10/11/2020	11	P5 F24BM	Professora – 24 anos de profissão – E. Fundamental I (Alfabetização)	
16/11/2020	15	P6 F11BM	Professora – 11 anos de profissão – Ensino Fundamental I	
		P7 M7BM	Professor – 07 anos de profissão – Ensino Fundamental I	

I.III – Grupo C – Funcionária de apoio escolar

GRUPO C – FUNCIONÁRIA DE APOIO – FUN				
DATA DA ENTREVISTA	NÚMERO DA ENTREVISTA	IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO		CAMPO
08/11/2020	08	FUN1 F20BM	Merendeira Escolar – 20 anos de profissão	Barra Mansa

Maria Brasil
As Relações entre Escolas-Famílias: um estudo de caso em Barra Mansa e Volta Redonda

I.IV – Grupo D – Equipes diretivas – pedagógicas – multidisciplinar – SME

GRUPO D – Equipes Diretivas – Pedagógicas – Multidisciplinar – SME - EQDP				
DATA DA ENTREVISTA	NÚMERO DA ENTREVISTA	IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO		CAMPO
02/11/2020	01	EQDP1 F27BM	Trabalha no CEMAE –Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado. Trabalha dentro de duas escolas municipais vinculadas ao CEMAE – 17 anos no CEMAE– Sala de Recursos Multifuncionais – Atendimento Pedagógico Individualizado. Possui 27 anos de profissão.	Barra Mansa
		EQDP2F22BM	Trabalha no CEMAE desde 2016 – professora –sala de recursos multifuncionais. Atendimento individualizado. Possui 22 anos de profissão.	
		EQDP3F12BM	Trabalha no CEMAE desde 2017 – Orientadora Pedagógica. Atua na Equipe Escola que visita as escolas para verificar qual é a necessidade dos alunos e/ou das escolas. Possui 12 anos de profissão.	
03/11/2020	02	EQDP4F15BM	Orientadora Educacional - 15 anos de profissão	Barra Mansa
		EQDP5F60BM	Diretora Geral – 60 anos de profissão	
		EQDP6F5BM	Orientadora Pedagógica - Possui 5 anos de profissão	
		EQDP7F30BM	Diretora Adjunta – 30 anos de profissão	
05/11/2020	03	EQDP8F15BM	Pedagoga trabalha na SME há 6 anos na Gerência de Educação Básica – 15 anos de profissão	Barra Mansa
		EQDP9F25BM	Pedagoga trabalha há 04 anos na Gerência de Educação Básica SME – 25 anos de profissão.	
05/11/2020	06	EQDP10F30BM	Orientadora Pedagógica e Educacional. Atua há mais de 30 anos como Orientadora Pedagógica/Aposentada- continua na ativa.	Barra Mansa
12/11/2020	12	EQDP11F20BM	Professora de Ed. Infantil há 20 anos, destes 10 anos em creche. É Licenciada em Letras	Barra Mansa
		EQDP12F30BM	Diretora Geral com 30 anos de profissão na área da Educação. Desses 04 anos no E. Fundamental I e os demais em Ed. Infantil. Há 24 anos trabalha na mesma creche. Possui Curso Normal Superior e Pós-Graduação em Gestão e Orientação Educacional.	
		EQDP13F22BM	Diretora Adjunta – está na creche há 22 anos, nos últimos 6 anos ocupando o cargo de Diretora Adjunta – está finalizando o Curso de Pedagogia	
12/11/2020	13	EQDP16F20BM	Diretora Geral há 1 ano, trabalha na Educação há 20 anos, desses a maior parte como professora de Arte no Ensino Fundamental II. Os 5 primeiros anos de sua experiência foram na Ed. Infantil	Barra Mansa
		EQDP17F6BM	Diretora Adjunta possui Formação em Pedagogia e Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento, atualmente cursando Psicopedagogia. Funcionária de apoio na PMBM há 6 anos, há uma ano faz parte da equipe diretiva.	
		EQDP18M5BM	Professor há 5 anos E. Fundamental I. Há 2 anos atua também como professor de Matemática E. Fundamental II. Possui Licenciatura em Matemática, Pós-Graduado em Gestão Escolar e Metodologia de ensino de Matemática. Atualmente cursa Pós-Graduação em Neurociência Aplicada na Aprendizagem	
16/11/2020	14	EQDP15F20VR	Diretora Adjunta desde 2009 – Formação Inicial Professora de Matemática e Física – Cursou Pedagogia para melhorar sua prática pedagógica o que acabou por levá-la ao cargo de Diretora Adjunta- Possui mais de 20 anos de profissão.	Volta Redonda
17/11/2020	16	EQDP14F30VR	Trabalha há 30 anos na Rede de Ensino dos quais 21 anos são dentro da SME. É atualmente Diretora Pedagógica da SME. Possui 15 anos de experiência em sala de aula. Também possui 16 anos experiência em Orientação Pedagógica município BM	Volta Redonda

II – Organização das questões das entrevistas – famílias e funcionária de apoio escolar

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – 2019/2020
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Projeto de Investigação
As relações entre Escolas-alunos-famílias : um estudo sobre as realidades
dessas relações em Barra Mansa e Volta Redonda-RJ
Roteiro/guia de entrevista - Famílias



Objetivo	Pergunta	O que as pessoas têm a dizer	Novas perguntas
Analisar a avaliação que famílias e profissionais da Educação fazem sobre as relações estabelecidas entre escolas-alunos-famílias.	Na sua avaliação como são as relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias ? As relações são fáceis? Agradáveis? Difíceis? Desagradáveis? Por quê?		
Identificar os parâmetros ou os quadros axiológicos de referência em que as famílias-escolas se fundamentam em suas avaliações.	Para si o que é democracia? Quais são os direitos das famílias-escolas e alunos? Considera as relações democráticas?		
Descrever como as famílias se sentem quanto ao diálogo com as Unidades Escolares no contexto Covid-19.	A partir do evento Covid-19 as relações com a Escola sofreram alguma alteração? Exemplifique situações que tenha agradado ou desagradado.		
Identificar se as famílias participam dos processos educacionais de forma dialógica.	Participa das tomadas de decisões na Unidade Escolar de seus filhos? Como? Cite exemplos		
Descrever os entraves identificados nas relações	Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os professores e direção ou com outros funcionários da U.E. de seus filhos?		
Compreender como os docentes, gestores escolares e demais profissionais da educação se posicionam a respeito das participações das famílias no contexto do Covid-19.	Na sua percepção os gestores escolares e professores promovem condições para que as famílias e alunos participem das tomadas de decisões na escola? Como?		
Descrever as posturas dos docentes e gestores quanto às participações das famílias.	Narre uma situação vivenciada em que percebeu o acolhimento à participação das famílias no contexto escolar. Narre uma situação vivenciada em que percebeu a repulsa à participação das famílias no contexto escolar.		

III - Organização das questões das entrevistas – docentes e equipes diretivas e pedagógicas

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – 2019/2020
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Projeto de Investigação
As relações entre Escolas-alunos-famílias : um estudo sobre as realidades
dessas relações em Barra Mansa e Volta Redonda-RJ
Roteiro/guia de entrevista - ESCOLAS – DOCENTES / GESTORES



Objetivo	Pergunta	O que as pessoas têm a dizer	Novas perguntas
Analisar a avaliação que profissionais da Educação fazem sobre as relações estabelecidas entre escolas-alunos-famílias.	Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias ?		
Identificar os parâmetros ou os quadros axiológicos de referência em que as famílias-escolas se fundamentam em suas avaliações.	Gostaria que mencionasse alguns valores que embasam sua experiência com as famílias e que pensa ser relevante.		
Descrever como as famílias se sentem quanto ao diálogo com as Unidades Escolares no contexto Covid-19.	A partir do evento Covid-19 as relações com as Famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.		
Identificar se as famílias participam dos processos educacionais de forma dialógica.	As escolas têm contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do Sistema Educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.		
Descrever os entraves identificados nas relações	Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?		
Compreender como os docentes, gestores escolares e demais profissionais da educação se posicionam a respeito das participações das famílias no contexto do Covid-19.	Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19? Avalie a participação das famílias antes da Covid-19. Avalie a participação das famílias durante a Covid-19. Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias?		
Descrever as posturas dos docentes e gestores quanto às participações das famílias.	Narre uma situação vivenciada em que reforça sua concepção a respeito das relações entre escolas-famílias.		

IV - Autorização para filmagem e declaração de confiabilidade e anonimato

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – 2019/2020
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Projeto de Investigação
As relações entre Escolas-alunos-famílias : um estudo sobre as realidades
dessas relações em Barra Mansa e Volta Redonda-RJ



AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
RG _____, autorizo tanto a gravação de áudio quanto de vídeo da
entrevista para facilitar tanto a recolha de dados quanto posterior análise.

_____, ____/____/____.

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – 2019/2020
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Projeto de Investigação
As relações entre Escolas-alunos-famílias : um estudo sobre as realidades
dessas relações em Barra Mansa e Volta Redonda-RJ



COMPROMISSO DE CONFIABILIDADE E ANONIMATO

Eu, Maria Tertuliana Brasil, mestranda da ULHT, na posição de investigadora deste projeto, me comprometo em garantir a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Comprometo-me a comunicar aos entrevistados o trabalho final que contou com a colaboração dos mesmos, sem a qual tal não seria possível.

_____, ____/____/____.

Maria Tertuliana Brasil – Matrícula 21900578 – Ciências da Educação - ULHT

V - Organização das transcrições por grupos, questões e campos

V.I - Pergunta n.º 1 – Grupo A - famílias - BM

Em sua opinião como são as relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?

As relações são fáceis, agradáveis, difíceis, desagradáveis?

Por quê?

F4FBM - Eu acho essa relação muito importante porque a gente conhece mais a escola e a escola conhece a gente. É para atender alguma dúvida, eu já precisei buscar a escola pra tirar dúvida sobre o que estava acontecendo com a minha filha lá, ou sobre aprendizados, se precisa de um psicólogo ou se não precisa e fui muito bem atendida. Acho que é de suma importância sim. Eu gostaria até de participar mais, mas oito horas de trabalho diário não dá, mas sempre que tem reunião ou evento eu procuro participar sim.

F5FBM - Então eu procuro acompanhar, quando eu vejo que tem alguma coisa errada eu vou até à escola e procuro a direção, enfim procuro o que for preciso porque ele é um aluno que tem muita dificuldade. Eu marco colado, eu olho o caderno e quando eu vejo que está tendo alguma coisa errada eu procuro saber o quê que está acontecendo. Porque eu acho assim a gente não tem que colocar o filho na escola e o colégio se virar, então a gente tem que estar em conjunto: a escola e a família. Então no que a gente pode ajudar a gente ajuda, entendeu? Eu procuro, vou atrás. A gente não pode ver certas coisas e ficar quieta, então a gente tem que procurar ver o que está acontecendo. É o que eu faço. O que eu posso fazer quando a escola precisa a gente tem que procurar apoiar. Tem questões, principalmente do meu filho que é muito demorado. Por exemplo, assim: ele tem muita dificuldade, por exemplo, ele está precisando de uma psicopedagoga, eu não tenho condições de pagar, então eu tenho que ficar esperando, esperando, esperando..., mas assim o que eles podem ajudar eles ajudam eu não tenho o que me queixar.

F8FBM - Eu acho que não existe essa relação. Eu lamento que essa relação não ocorra da forma que eu gostaria que acontecesse. A minha filha estudou um bom tempo em escola particular e eu trabalhei em escola particular com ED. Infantil e eu acho que as relações são muito diferentes. A escola pública busca a família para???? com os recursos. E eu acho que não deveria ser assim. Eu acho que a família tem que participar de tudo que está acontecendo desde o início de qualquer processo, seja processo disciplinar, seja processo de aprendizagem, dificuldades... Eu acho que a família tem que começar a participar desde o início, não depois que o problema já se agravou. E eu vejo que isso é muito comum acontecer,

às vezes os pais não sabem e se surpreendem quando a escola procura. Eu acho que não existe esse relacionamento. Para mim eu acho que é um pouco mais complicado, eu não sei se por conta de eu ter sido Conselheira Tutelar aqui em Barra Mansa, por conta de eu trabalhar com política, o tratamento que a escola dispensa a mim eu acho que é diferente ao que dispensa aos demais pais. E eu acho que não deveria ser assim. O tratamento que eu tenho que receber qualquer outra mãe tem que receber. Com isso eu não estou dizendo que o tratamento dispensado a mim é bom, mas eu acredito que para algumas mães é bem ruim e para mim eu vejo que eu tenho um tratamento diferencial e eu nunca cobreí isso da escola, um tratamento diferencial. Eu já vi em reuniões de pais, eu não sei se aqui tem alguém que já participou de reunião de pais junto comigo, e a escola sempre fala assim: é porque tem a mãe ali que já foi Conselheira Tutelar... Eu não sou diferente de ninguém. Não é o fato de eu ser advogada, de eu ter sido Conselheira Tutelar que difere o tratamento de meus filhos. Eu acho que não existe o relacionamento e o que existe em relação a mim, mãe da C e do A, é diferente. Não tanto privilégio. O tratamento dispensado a mim é mais cheio de dedos, com mais cuidado, receio de falar. Na escola particular a gente sempre procura os pais para participar os pais de tudo, e eu acho que a escola pública, e é uma crítica que estou fazendo, ela não procura no início do problema, ela vai procurar quando o problema já se agravou. No meu caso eu acho que eles não me procuram, não sei o porquê. E eu já tive problemas, e eu sei que a minha filha problema, tem dificuldades na aprendizagem. O meu filho, eu tive problema com meu filho na escola, e eu que tive que buscar a escola depois de um tempão que estava acontecendo o problema e quando eu fui buscar a escola, na reunião eles falaram assim: “mas a professora nunca te falou? Você não sabia?” Eu fui surpreendida porque eu não sabia de nada que estava acontecendo.

F6FBM - Eu não tenho nada a reclamar. Eu trabalho.

F9FBM - Olha não tenho reclamado muito não, mas tem muita coisa que tem que melhorar ali. Igual ela (F8) falou, ali tem tratamento diferenciado entre as pessoas. Uns eles chamam, pegam mais firme, outros não. Algumas coisas que ela (F8) falou e eu concordo com que ela falou.

F10FBM Sabe o que eu penso? Eu acho que isso é de cada um também. Porque eu vou a todas as reuniões. Se tiver reunião de manhã eu vou, se tiver a tarde eu vou. Se mandar mensagem para mim eu vou. Então, eles falam na reunião lá que eles pedem para as outras mães para ir, eles chamam. Só que tem gente que realmente trabalha, não pode ir, mas tem gente que não se interessa. A gente conhece gente que fala: “Ah não vou à reunião porque

estou ocupada, eu sei que não vai dar em nada mesmo!” Aí o que acontece: eu que vou da minha filha e da minha neta, quando dá um problema de alguma criança, manda chamar a avó ou a mãe, não vem! Aí fico eu, a professora, a diretora do lado, aí fica difícil sabe? Tem certas coisas que tem que ter mais união..., mas fica difícil. Vai de cada um. Eu vou a tudo. Chamou eu estou indo. Manda mensagem eu estou indo. Porque eu gosto de participar, eu sou participativa. (Você encontra campo para participar?) Ah se eu não encontro eu dou um jeito de entrar no meio, eu já vou conversando, já vou falando, eu vou pedindo eu vou chamando. Eu sou desse jeito. (após todas se manifestarem... volta a falar) é como a questão das apostilas que leva para crianças fazerem, é o que eu falo pra você todo mundo me chamou de boba, isso não vai levar a nada. Eu fui lá e busquei a apostila da minha filha, minha filha está terminando já. É o que eu falo isso é de cada um. Não tem como - juntar todo mundo e generalizar e falar: a escola é assim e os pais são assim! É opinião diferente. A escola pediu para eu comparecer e buscar e é o que eu estou fazendo. Ela está em casa e está fazendo a apostila. Ela está bem, está conseguindo fazer direitinho. A diretora me explicou, olha tem gente que realmente não traz as respostas, acha que é bobeira, que não vai dar em nada, mas você faz sua parte, sua filha está fazendo a dela, e no futuro... ela falou que isso vai valer ponto...no ano que vem agora vão avaliar. Eu não quero o mal da minha filha, eu não quero o mal de ninguém. Isso aí vai de cada um, de cada pai. Acho que seria importante que todos os pais fossem à escola pra buscar essas apostilas. Acho porque minha filha só fica no celular, então naquela hora ali que está fazendo a apostila ela não está no celular. Naquela hora ela está ocupando a cabeça dela, eu até prefiro porque do jeito que estão as coisas hoje.

F11FBM - Ah! Eu sempre tive um bom relacionamento, tudo assim que eu precisei, tudo que acontece, eu tenho dois filhos lá, então quando mandam bilhete eu vou lá à mesma hora. Marca o dia eu vou, eu não tenho nada que reclamar não.

F12FBM - Eu penso assim: - Concordo plenamente com o que F8 falou, porque às vezes eu também sinto um tratamento diferenciado também, mas eu penso que a escola tem que estar mais aberta, para o pai poder ajudar a colocar um parafuso, para um pai poder entrar e trocar um ventilador... entendeu? Para um pai chegar e falar eu tenho isso eu posso capinar essa escola. Ser mais amigo, não só questões educacionais, mas questões administrativas que às vezes os nossos filhos estão precisando, a gente sabe que é difícil vir a verba, vir tudo e as vezes tem pai que tem disponibilidade em fazer, e a gente encontra essa dificuldade também com a escola. Eu passei uma dificuldade com a L durante três anos diretos, aí a gente foi relevando, relevando, porque a escola disse que estava tomando o andamento de tudo, aí

aconteceu a gota d'água, foi o garoto ter mordido no braço da professora e ter tirado um pedaço do braço da professora. E esse menino é especial e precisa de um cuidador para ele. Então eu falei assim: eu não posso mais me calar. Fui até à direção conversei: “nós estamos tomando a providência”, “nós estamos tomando a providência” ..., mas a providência não vinha. Eu fiz um abaixo-assinado pedindo um cuidador, que fosse homem, porque é um direito dele ter esse cuidador com ele, para poder resguardar os nossos filhos e resguardar aquela criança também. Fui para porta da escola colher assinaturas. Quando a diretora viu que eu estava colhendo assinaturas, ela se sentiu ameaçada. Vamos conversar: “onde você vai levar isso?” Eu vou levar no Secretário de Educação, eu vou levar no Conselho Tutelar e vou levar no CEMAE. “Mas porque você vai fazer isso se a escola está tomando providência?” Olha tem três anos que nós estamos na mesma rotina. É agressão com uma criança daqui uma criança dali. Ela disse: “Por favor, não leva!” Eu falei assim eu comecei e eu não posso voltar atrás com 350 mães que assinaram o abaixo-assinado. Eu vou levar. Aí no dia que eu cheguei à Secretaria de Educação, quando cheguei lá fui muito bem atendida. O secretário perguntou o que estava acontecendo. Ele falou assim: “Pega os currículos agora e seleciona um rapaz para ir para lá”. O rapaz foi, mesmo assim não deu jeito na situação porque a situação ainda era mais complicada. E eu continuei fui ao CEMAE e ao Conselho Tutelar e entreguei. É assim ajudou a escola ajudou no processo de andar rápido com algumas coisas que a escola precisa. E às vezes a escola se fecha e eu não sei por qual motivo. Eu não sei se tem medo de perder o cargo comissionado que os diretores têm, eu não sei qual é a razão.

F8FBM - Eu já vi um caso acontecer parecido com esse, eu era conselheira tutelar e foi cobrada no Conselho Tutelar a falta do professor da sala de leitura, aí a gente foi conversar, porque isso não é atribuição do Conselho Tutelar, mas a gente foi até à Secretaria de Educação e eu fui informada que eles estavam segurando a vaga para uma professora que estava na direção. E assim as crianças, toda a escola ficou prejudicada, sem professor na sala de leitura, todo mundo sabe que a sala de leitura é muito bacana, é um momento mágico na vida das crianças. A escola ficou por mais de um ano sem professor na sala de leitura, eu acredito que isso aconteça em outras escolas, aguardando a professora que estava

na direção voltar. Às vezes os pais querem reclamar, mas a escola não vai aceitar que a gente vá lá reclamar, pedir aquele profissional. Eu acho um absurdo a escola ficar fazendo isso.

F13FBM - Eu não tenho o que reclamar. As crianças estão lá desde a Educação Infantil, mas eu tenho visto nas reuniões também que várias vezes o que falta também é o pai

participar da vida escolar do aluno. Muitas vezes, eu em todas as reuniões estou eu faço parte do Conselho Escolar, eu vejo às vezes a criança está com problemas, a direção, a coordenação da escola aciona os pais, aciona a família, muitas vezes a família não tem participado. Isso aí eu estou falando porque eu vejo ali, eu acompanho. O caso que F12 narrou foi difícil mesmo, só o que aconteceu com aquele aluno? Ele tem problema, quando a criança tem problema os primeiros a aceitar isso tem que ser os pais. Muitos pais não aceitam. Não tem como a escola fazer tudo sozinha. Entrou uma nova gestão, fez reunião e a professora falou: tem esse e esse problema para resolver. Vamos resolver? A escola está resolvendo encaminhando a criança, marcando reuniões com os pais, só que em casa a responsável pela criança não medicava a criança, mandava a criança de qualquer jeito para a escola. Então quer dizer: não tem como a escola fazer tudo sozinha. Precisa de união. Eu acho assim existe uma parte que a escola deixa a desejar em certos momentos, toda reunião que a atual direção faz deixa bem claro: “gente se tiver algum problema, se quiser conversar, marca com o professor, veja o horário disponível”.

Dizem: Ah só chama quando o aluno tem algum problema, só que antes disso eu sendo mãe eu reconheço que o meu filho tem problema, ele chegando em casa quando ele vai fazer as tarefas... eu vejo tem algum problema aqui. Então eu comecei a ver o lado da escola e dos pais. Acho que falta uma parceria. Tanto dos pais quanto da escola. Os pais também têm que procurar a escola, “e o meu filho como é que está?” “AH o meu filho está no nono ano, ah ele é grande se vira.” Não! Não é assim, seu filho da Ed. Infantil ao nono ano você tem que estar em cima. Chegou. “tem dever? Você fez o seu dever?” Eu estou falando assim porque meu filho teve muito problema, problema com aprendizagem, problema com bullying, ele sofreu muito, outras crianças mexerem com ele. Eu cansei de ir à escola, mas eu estava ciente do que estava acontecendo, eu sempre acompanhei. Mas eu sempre deixei bem claro, desde a outra gestão, o que acontecer pode me ligar que eu estou aqui, porque eu conheço o meu filho, e eu sei o que acontece. Então o que eu vejo é que os pais não devem esperar a criança chegar numa determinada fase para poder procurar a escola, procure desde a Ed. Infantil. Porque a criança quanto mais cresce mais difícil de acompanhar.

F8 - quando eu disse que a escola demora a tomar atitude, é isso aí. Porque o menino enorme que ela falou, não apresentou o primeiro problema com 13 anos. Ele apresentou problema lá na Ed. Infantil quando mordida a professora. E outra a escola tem recursos, mas não utiliza os recursos. A escola pode procurar o Ministério Público, a escola pode procurar o Conselho Tutelar. A escola não faz isso! Na grande maioria dos casos a escola não faz! Existe uma ficha chamada FICAI que é uma ficha que você tem que apresentar a frequência da

criança na escola, eu enquanto conselheira tutelar. Sabe quando nós recebíamos essas fichas? No mês de novembro! Aí vinha aquele tanto de ficha que as escolas enviavam, aí adiantava chamar a família? No final do ano letivo? A escola tem que participar. É, identificou o problema a escola tem que procurar ajuda, encaminhar, porque se esse menino tivesse passado pelo acompanhamento, antes dos 10 anos a família responde. A escola tem medo de denunciar porque estão em bairros, os profissionais têm medo de denunciar e o pai num momento de fúria vai lá e resolve as coisas com as próprias mãos.

F7FBM - Eu também não tenho nada a reclamar, mas como elas falaram da união não tem mesmo! O meu filho também sofreu bullying, porque ele gagueja muito. E eu reclamava, reclamava, reclamava e nada. Até um dia que eu cheguei à mãe da criança e falei, porque a gente fala com a escola e a escola não faz nada! Porque o papel deles é chamar a mãe e conversar. É o que eu acho.

F13FBM- Só que muitas vezes acontece assim: a escola chama a mãe, a mãe vai lá, igual aconteceu no caso do meu filho, no caso do meu filho foi um pouco mais grave porque o meu marido... de tanto o meu filho reclamar que durante a Ed. Física abaixavam a calça dele. Meu filho chegou a casa em prantos, ele estava no 6º ano, ele era pequenininho, aí tinha o dentinho pra fora aí você já viu né? Chegou a casa em pranto, mas chorando muito, muito mesmo. “Eu não vou estudar” que não sei o quê. Aí eu fui à escola no outro dia. Fui eu, ele, entramos na escola, aí a professora, aí realmente eu vi que o que aconteceu ali foi um furo do professor que não viu o que o outro garoto fez lá, só que a criança não tinha um pai e uma mãe para dizer: você não pode fazer isso! Ela tinha um pai e uma mãe que passava a mão na cabeça. Que falava: “meu filho não faz isso!” Então teve uma vez uma reunião, eu, meu filho, o pai da criança, um parente e a criança. Só que a criança que é mais velho que meu filho, mais alto que eu, a criança disse: “ah tia... foi sem querer! Eu vou parar!” Aí ficou por isso mesmo. Passou um dia, dois, beleza. Num outro dia de novo... ligaram-me, me ligaram da escola, aconteceu isso, isso, vem aqui, eu fui, meu filho estava em grito, dentro da escola, eu fui subindo, só que meu marido ficou no portão, e o portão estava aberto, conversei lá com a diretora, com todo mundo, o meu filho desceu e o moleque desceu atrás, e eu e a parenta do menino continuamos conversando com a diretora, nisso o meu filho desceu e o moleque desceu atrás, ele só deu um «tapão» na cabeça do meu filho. O meu marido que estava do lado de fora e viu só foi entrando na escola e catou o moleque pela camisa e disse olha o seu tamanho pra fazer isso com ele. Aí depois disso ninguém mais mexeu com meu filho! Isso foi uma situação grave. O porteiro falou com meu marido que ele não poderia ter feito isso. Você

não poderia entrar aqui. Aí a diretora falou vamos ter um pouco de calma, ele está com problema na família, a mãe dele é presidiária. O pai dele morreu. Eu falei assim, poxa o menino tem problema na família, mas ele que ficou... é a gente aconselhar ele a seguir o mesmo caminho.

F14FBM - Eu acho que está faltando união dos pais com a escola mesmo

V.II - Pergunta n.º 1 - Grupo B – docentes - BM

Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?

P1F30BM - O que eu tenho percebido é que nos últimos dez anos aqui em Barra Mansa a família tem se afastado muito da escola, muito mesmo da vivência da criança da escola. Realmente hoje eu me vejo assim: eu comigo mesmo, eu e as crianças. Poucos pais se interessam em saber. A única coisa que eles querem é receber bolsa família e que o filho esteja presente na escola. Há uns dez anos atrás era diferente, mas agora, eu não sei se é por causa de trabalho, eu não sei se é a crise econômica que está afetando, mas a família está bem afastada mesmo.

P1F30BM- Aqui os pais procuram a escola para justificar a falta por causa do Bolsa Família do contrário...

P1F30BM- Eu fico até quieta porque Barra Mansa não é nada disso. Não sei se não houve uma estrutura de preparar os pais para essa coisa de tomar conta dos filhos na escola, incentivar... porque Barra Mansa olha infelizmente isso não acontece, de vinte e cinco crianças uns seis ou sete os pais se preocupam... do contrário é cada um por si e Deus por todos.

P4F04BM - Para mim é uma questão muito deficiente. A família deveria participar muito, participar, além do que tem feito. Parece que a família não tem consciência do seu papel e acaba que a maioria das coisas aflora na escola, a culpa maior do desempenho do aluno, o bom desempenho ou o mau desempenho acabam ficando na conta da escola, como se a escola fosse a única responsável. Como se fosse culpa exclusiva da escola ou mérito exclusivo da escola. E não deveria ser a família deveria estar inserida nessa questão toda, mas às vezes se omite do papel que ela tem. Existe um despreparo familiar, acho que a família, muitas vezes, na realidade em que estamos inseridos são famílias desestruturadas e por isso não oferecem para o aluno a estrutura mínima que ele deveria ter, geralmente estão inseridos

em ambiente de muitas brigas, de discussões constantes e os alunos ficam ali perdidos no desempenho de seus papéis tanto como filhos quanto como alunos, se mistura muito esses papéis. É um ambiente às vezes sem regras ou às vezes tem regras demais, não há um equilíbrio nas coisas e acaba que isso estoura na mão da escola especificamente.

P5F24BM - Eu sempre tive um bom relacionamento com as famílias, neste tempo todo de trabalho com Educação eu posso citar uns quatro ou cinco casos mais difíceis, que a gente sempre tentou resolver ou com a ajuda da Orientadora Educacional ou com a Orientadora Pedagógica, com a equipe da escola. E eu tento ter um bom relacionamento com os pais dos meus alunos, mas sempre deixando clara a questão do profissionalismo, e o respeito é mútuo, tanto deles para comigo, quanto o meu para com eles e com os filhos deles. Então nas reuniões de pais eu sou bem democrática, eu falo: se não gostou de algo me procura, fala comigo na porta da sala, ou procura a direção, nossa equipe, porque lá na escola a gente tem uma equipe completa, a direção muito participativa, está sempre pronta a ouvir tanto os profissionais quanto os alunos, isso faz muita diferença. E eu faço questão de dizer isso porque a gente passou por um período conturbado lá na escola e passamos tempos difíceis, que eu nunca tinha vivido na minha vida como professora. E depois que a gente se reuniu e conseguimos ir à SME recebemos de presente a Diretora I que é uma diretora muito competente e que sabe ouvir o outro. Então ela promoveu uma mudança na escola, nos tirou de um clima ruim, que a gente nunca tinha vivido lá na escola, isso foi em agosto de 2017. Essas coisas marcam, as coisas ruins marcam, mas as boas também marcam, porque a gente sempre teve um bom relacionamento. É lógico, eu sou questionadora, sempre fui, mas sempre com todo respeito. Tanto pela direção da escola e a direção comigo e com os meus colegas. E a situação em 2017 me chateou muito porque foi uma situação muito antidemocrática, quando houve muito assédio moral e nem foi comigo, foi com colegas de trabalho. E eu acho que ninguém merece isso. A partir de agosto de 2017 a gente vive outro clima, que já havíamos vivido anteriormente. Às vezes a falta de capacidade e a falta de eleição mesmo para direção da escola, quando a comunidade pode escolher quem vai dirigir aquela escola faz muita diferença. Se fosse eleita a direção nós não teríamos passado pelo que passamos no início de 2017.

Faz toda a diferença quando a gente tem um pai que participa, quando uma família, mesmo que não tenha conhecimento científico, mas que está ali presente, o aluno mesmo com dificuldade ele anda quilômetros. A gente espera. A gente sabe que vai ter resultado, é visível. E quando a família está ausente, nós temos vivido tempos muito difíceis, e a gente vê que as

famílias estão muito abandonadas. A gente precisa capacitar esses pais, conversar, porque na maioria das vezes eles são ignorantes, eles não sabem o que eles estão fazendo. E isso reflete no aluno. Não vou falar que a gente não tenha problema com aluno, lógico que a gente tem. A gente tem problemas, alunos muito carentes, aqui mesmo no bairro alunos com carência de alimentação, de moradia e também carência emocional. Mas porque a gente precisava a gente sempre falou isso lá na escola, de fazer uma escola de pais, nem que seja uma vez por mês. De começar a criar isso e nós lá na escola temos condição disso porque somos muito respeitados até na Rede Municipal mesmo. Quando fala a é da escola z todo mundo tem respeito. Porque além de sermos responsáveis, a gente luta pelos nossos direitos e pelos direitos de nossos alunos.

P6F11BM - Eu acho que esse relacionamento família e escola a gente não pode generalizar porque a gente tem uma pluralidade muito grande de famílias e diferentes famílias, mas eu vejo uma carência da participação das famílias na escola e mesmo quando a escola tenta trazer a família, você recebe sempre à mesma família, mesmo quando a gente desenvolve dentro da escola, como já aconteceu com alguns projetos, para estar aproximando a família da escola, têm algumas famílias que são muito resistentes, elas não se aproximam muito não. Elas demonstram certa resistência em estar se aproximando da escola, e normalmente a maioria são as famílias mais carentes. É o que acontece isso. A gente percebe isso é nas famílias mais carentes. Eu estou até fazendo uma Pós-graduação em Educação Inclusiva, e as famílias dessa realidade, eu percebo que elas já chegam à escola armadas, já achando que vai acontecer ali algum tipo de discriminação, antes até mesmo de conhecer, conhecer quem vai atender, de conhecer como é o trabalho da pessoa, eu acho que a família no geral, tanto da inclusão como dos outros alunos, já chegam à escola armados. As primeiras reuniões que a gente faz com as famílias às vezes a gente já recebe palavras ásperas na primeira reunião, antes da mãe conhecer a gente, ela já chega armada na escola. Antes de conhecer direito o ambiente escolar, a pessoa que está chegando. Eu sinto até um pouco de constrangimento, de receio de conversar com algumas mães, a gente tem que ficar rodeando ali para tentar falar, para tentar atingir aquela mãe para chegar até aquela família. Porque parece que eles se armam contra a gente. Já incita à violência. E tem aquelas famílias que são muito participativas, são mães que são muito presentes na escola. A gente vê isso no caderno, no material, na tarefa que vem de casa. Muitas vezes você faz um projeto na escola para trazer a família, mas são os mesmos que aparecem.

P7M07BM - Eu vejo várias faces aí, várias formas aí nessa questão na relação com as famílias. Eu vejo tanto uma dificuldade da família, que foi formada há tempos atrás, que vê a escola como detentora do conhecimento, e que não é a concepção que a gente tem hoje, mas de uma escola que está mais aberta às pessoas, mais aberta às mudanças, que a escola contribui para a transformação, não que a escola do passado não contribuísse, mas quando a gente fala da questão da gestão, a gente tem hoje uma escola muito mais aberta, proposta a receber a família, receber a comunidade. Eu vejo assim várias faces, primeiro é a questão de a família ter dificuldade em entrar na escola, com medo de alguma maneira, com medo do que possa vir fazer, receosa, não ter ainda intimidade com a escola, proximidade com os professores, ter essa barreira e isso interfere nesse processo. Depois eu vejo a questão da gestão da escola. Algumas gestões elas não estão abertas nesse sentido para fazer esse trabalho na escola. Às vezes a gente escuta em algumas escolas que a gente passa que não querem se envolver com a família. Só que a gente sabe que a família é o ponto principal, um dos pontos principais nesse processo aí. Então eu vejo isso, e tem o lado dos profissionais que de certa maneira falta tempo para se planejar, se organizar e contribuir nas ações da escola nos projetos com a família. E vejo também profissionais que não estão dispostos nem a contribuir com esse processo na aproximação da família com a escola. Então assim são muitos fatores que eu vejo que interferem nessa questão da relação e que cai que acaba interferindo, quando acontece ou deixa de acontecer positivamente ou negativamente na aprendizagem da criança ou do adolescente.

P6F11BM - Eu sinto também que às vezes o próprio profissional coloca que não quer muito essa aproximação. Existe aí uma barreira do lado da escola também. Não são todos que tem essa abertura de querer a família muito próxima não!

V.III - Pergunta n.º 1 – Grupo C – funcionária de apoio escolar - BM

Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?

FUN1F20BM - Isso varia de escola para escola, de realidade para realidade. Isso é muito complexo. Como funcionária já trabalhei em três escolas com realidades muito diferentes uma da outra. Eu trabalhei em uma em que havia um distanciamento entre os pais e a escola, eu trabalho em uma agora em que tem essa união entre os pais e a escola, que é lindo

de você ver como funciona, a escola faz parte da família, que é uma coisa diferente da realidade que eu vivi anteriormente, em que era um distanciamento que tinha escola/escola, família/família. Na escola em que trabalho atualmente não é assim que funciona, ela funciona num âmbito geral em que os pais procuram a escola até para buscar ajuda em problemas que são familiares. Procuram ajuda lá dentro da escola. Então assim.... é muito enriquecedor, hoje em dia a escola em que eu vivo, não sei se porque ela é pequena e fica num lugar afastado, mas ela se tornou uma grande família. Há essa conexão entre a escola e a família muito grande. E nas outras duas escolas anteriores, pelo menos em uma delas havia um distanciamento e na outra tinha a associação de pais que funcionava muito bem. Tinha um enlaçamento grande entre os professores e os pais da região dessa escola, que foi a escola em que ingressei na prefeitura, que foi a escola JM, que foi uma escola maravilhosa, que me deu um suporte, eu fiquei pouco tempo lá, mas me deu uma experiência de vivência junto com a comunidade, junto com os pais muito grande. Agora a atual escola que eu vivo a realidade é essa há essa cumplicidade entre a escola e os pais, tanto que os pais vão lá pedir conselho, a escola também se puder ajudar ela ajuda. Há um abraço entre o postinho, a escola e o CRAS, funcionam juntos. Muito interessante isso!

V.IV - Pergunta n.º 1 – Grupo D - equipes pedagógicas e gestoras das escolas e SME - BM

Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?

EQDP2F22BM - É um trabalho que exige muito de nós, apesar de dar um atendimento individualizado, mas cada criança, cada um tem suas peculiaridades e isso exige de nós muita pesquisa, essa necessidade de a gente buscar aquilo que vai ajudá-los no desenvolvimento dentro das necessidades que eles apresentaram. É claro que com a família é um trabalho também muito importante. Quanto mais a família participa neste processo melhores são os resultados que a gente consegue observar nas crianças que estão sendo atendidas.

EQDP1F27BM - Como a EQDP2 já ressaltou essa questão do AEE tem várias funções, uma das funções é elaborar estratégias para melhorar a vida do aluno na vida escolar e na questão do desenvolvimento da criança tanto nos conhecimentos da escola, na adaptação escolar, quanto nas questões de vida mesmo, então muitas das vezes existe um relacionamento entre a família escola e nós acabamos ficando no meio disso para tentar

articular estratégias educativas e facilitar a vida dessa criança. Realizar encaminhamentos quando percebemos que precisa de uma fonoaudióloga, assistente social, então realizamos o necessário quando percebemos e orientamos a família, orientamos a escola.

EQDP3F12BM - Eu penso até que, por conta do nosso meio de atuação que é a Educação Especial, a nossa equipe acaba passando para além dos muros das escolas, a nossa relação é uma relação também social, as escolas são muito envolvidas, o CEMAE é muito envolvido, até a Rede daqui de BM está muito engajada. Quando a família tem alguma dificuldade, quando a família ou é ausente ou não é atuante, existe um estudo de caso que envolve toda a Rede para chegar até essa família junto à assistente social para ver qual é a necessidade. Se é negligência ou se é dificuldade mesmo sei lá de passagem para levar para os atendimentos ou para levar até para a escola por falta de alimentação. É uma relação bem sólida, uma relação bem estreita. E na maioria dos casos a gente vê que nem tanto é negligência e aí vem a escola e apoia, vem o CEMAE e apoia, vem a Rede e a coisa tem acontecido. Eu vejo por esse lado, eu acho que já avançou bastante a relação entre escola-CEMAE -famílias. Eu penso que é muito positiva essa relação. As escolas são muito atuantes.

EQDP1F27BM - Tanto para os neuros atípicos quanto para os neuros típicos a escola ainda não é democrática da forma como deveria! Nós precisamos melhorar muito ainda, estamos caminhando. Mas eu sinto que existe muita abertura dos profissionais, existe muito abertura da maioria dos profissionais, tem alguns casos de resistência ainda com relação ao diálogo, a buscar alternativas de uma forma saudável, de uma forma mais dinâmica possível. Eu acho assim como EQDP3 falou tem muitas situações em que a escola passa a ser até assistencialista para tentar suprir uma necessidade, que nem era função dela, que deveria ser do Estado, da família e de Políticas Públicas. Infelizmente isso ainda acontece, mas assim eu vejo as crianças bem assistidas, em casos assim a família tem resistência, outros casos nem tanto, mas essa questão do diálogo, essa questão da tentativa de buscar estratégias, de realizar encaminhamentos, de efetivar a inclusão de uma forma mais inteligente possível está acontecendo, mas precisa melhorar ainda, precisa melhorar principalmente quando se trata de políticas públicas, nós não estamos no ideal, estamos caminhando.

EQDP2F22BM - Uma das dificuldades que eu observo é que a estrutura que as escolas muitas vezes oferecem para esses alunos caminha de maneira muito lenta, então a gente tem casos de alunos em que a escola necessitaria de ambientes específicos para que a inclusão acontecesse de maneira mais eficiente, por exemplo, um aluno autista que ainda não interage socialmente, que ainda está nesse processo de desenvolvimento ele não poderia, por

exemplo, ficar o tempo todo na sala regular como a inclusão hoje está ditando, matricula na escola regular e a escola tem que dar os seus pulos, dar o seu jeito para ficar com esse aluno. Então essa falta desses espaços é que é o processo ainda lento na minha visão. Eu acho que a escola deveria ter ambientes alternativos para esses casos mais severos, mais graves, para que o aluno ficasse um período na sala regular com os seus colegas, mas num outro momento está em outro espaço, brinquedoteca, ou numa sala alternativa para que o tempo que ele vai ficar ali para ele seja também um tempo efetivo de desenvolvimento, seja produtivo. E não simplesmente dizer que ele está na escola o tempo todo. Faltam muito ainda investimento e políticas públicas.

Têm famílias que têm essa visão e cobram da escola e participam e querem saber, o quê que o aluno está fazendo, por exemplo, um aluno que esteja no sexto ano e ainda não está alfabetizado ele não pode estar na aula de LP fazendo o que os outros vão fazer, ele tem que ter uma adaptação, então tem mãe que chega para a escola e pontua meu filho ainda não alcança isso. O nosso papel é intermediar entre essa necessidade do aluno e com os outros professores planejar. Há ainda certa dificuldade por parte dos professores, não que eles não queiram fazer, mas por conta até da própria formação que eles tiveram que dificulta esse entendimento.

EQDP1F27BM - Tem uma coisa que eu gostaria de acrescentar na fala EQDP2 em que inclui a família, é que a família agora, nesse momento Barra Mansa tem a normatização do plano de aprendizagem diferenciada, que é o PAD, com esse documento o professor do AEE, o professor do Ensino Regular, a família é convidada, todos participam da formação desse PAD. Existe todo um Portfólio de atividades que são endereçadas a ele, é um documento que é a vida do aluno que está ali, e o PAD só pode ser realizado e implementado com a autorização da família. A família é convidada a olhar, a analisar o PAD e ela vai assinar autorizando a escola a executá-lo. Porque digamos que eu tenha um aluno que esteja no quarto ano, mas ele ainda não está alfabetizado e já foi aprovado para o quarto ano para acompanhar os seus pares em decorrência de estar numa idade mais avançada, mas ele vem sendo trabalhado de acordo com suas necessidades desde a Ed. Infantil. Só que no PAD, baseado na BNCC vai ser lançado pelo orientador pedagógico da escola os objetivos que ele precisa para desenvolvimento dentro do estágio de desenvolvimento que ele se encontra naquele momento. Digamos que ele esteja num estágio sensório motor, ou pré-operatório, pré-silábico. O quê que acontece o professor do quarto ano vai receber um documento formal em que a família autorizou a ele exercer essa flexibilização de conteúdo. E todo esse

movimento que envolve a vida acadêmica desse aluno e a inclusão escolar dele tem que ser autorizada pela família, e até o momento a maioria das famílias concorda e até agradece. Ficam muito satisfeitos quando veem que a escola está se preocupando, que a escola está ali organizando um documento, formalizando um documento. Esse documento é a vida do aluno. Ele vai acompanhar o histórico escolar dele. É um documento muito sério, então a criança que tem necessidades educacionais especiais por lei tem direito ao PAD. E esse PAD não é executado por uma única pessoa e a família está presente. E outra coisa na maioria das vezes ela recebe orientações, por exemplo, a família é sempre chamada, porque o PAD tem uma parte que trata da medicação que o aluno toma, da última consulta. Toda vez que a família faz algum movimento com essa criança ela leva para a escola um anexo que é a cópia das receitas, um exemplo. Mudou o medicamento a família vai avisar a Orientadora da escola que vai anexar a cópia da receita no PAD. E todos na escola terão que saber. Se o aluno passar mal, tiver alguma oscilação qualquer pessoa que é responsável pela parte pedagógica da escola terá acesso às informações necessárias. Terão como avisar à equipe da ambulância que o aluno faz uso de tal medicamento. Tudo isso vai compor a vida desse aluno e vai resguardá-lo. Isso é uma proteção para o aluno também.

EQDP4F15BM - Eu acredito que a minha função ainda é mais importante a participação da família. Eu trabalho diretamente com a família e o aluno. Então se eu não tiver esse retorno eu não tenho como desenvolver o meu trabalho. Que às vezes é até muito difícil até por conta disso, da dificuldade que a gente tem de trazer a família até à escola. Hoje em dia a estrutura familiar é muito diferenciada, às vezes é o tio que cuida da criança, às vezes é o avô que cuida da criança e às vezes nem tudo está legalizado, então tem essa dificuldade: quem realmente cuida e quem realmente legalmente tem a responsabilidade por aquela criança. Então assim é muito evidente a diferença entre a criança que tem uma família que acompanha e a criança que tem uma família que não comparece às reuniões. Que não vem à escola, até mesmo na fala da criança a gente percebe. Então assim a importância da família é essencial. A gente não consegue desempenhar o nosso trabalho dentro da escola se a gente não tiver muito presente.

Hoje em dia o que eu mais percebo é a inversão de valores a respeito da escola e a família. Na minha época quando eu estudava que eu me lembro, se eu fizesse alguma coisa de errado na escola a minha mãe chamaria minha atenção, e me levaria na escola para que eu pedisse desculpas. E hoje muitos pais já chegam armados contra a escola, se como a escola

estivesse errada. Passa para a criança uma falta de credibilidade na escola. Muitas vezes as crianças não respeitam mais a escola porque quando você fala: vou chamar o seu pai aqui, hoje não funciona mais como antes. Eles mesmos dizem: vou chamar minha mãe aqui ela vai brigar com você! Então a gente percebe na fala deles que não tem mais esta confiança, essa colaboração e sim uma inversão. Lá na casa deles eles escutam: “a professora não sabe ensinar nada; elas ganham dinheiro à-toa, elas são obrigadas a aguentar porque ganham para isso!” E quem está perdendo mais é a criança e a aprendizagem.

EQDP5F60BM - Eu sou a Diretora Geral da escola e sou a responsável por todo esse trabalho que a Orientadora Educacional mencionou aí e também pelo trabalho da Orientadora Pedagógica. Então eu tenho como obrigação cuidar, orientar, fiscalizar, proporcionar a elas e às famílias a oportunidade de chegar à escola, de conversar, de resolver os problemas e servir de mediadora entre a Orientação tanto Educacional como Pedagógica e às famílias. E realmente o que a Orientadora Educacional falou a respeito de família está muito complicado. As famílias de hoje são totalmente diferentes de alguns tempos atrás. A família é o tio que toma conta, ou é pai, ou é mãe ou é avó, ou é quem te cria, ou é uma vizinha que toma conta, a gente tem aqui essa situação em que a vizinha é quem toma conta porque a mãe não pode, tem algum problema. A vizinha vem trazer, vem buscar. Vem buscar documento, vem entregar. Então é uma família totalmente diferente da nossa família de antigamente. E a escola precisou arrumar um jeito de se organizar para poder saber lidar com esse tipo de família diferente. É a escola que tem que se modificar porque as famílias já se modificaram. E a gente precisa achar um termo para poder agir certo com esses tipos de famílias. Que é bem complicado. Tem época que complica bastante. Agora, por exemplo, nós tivemos aqui a entrega de umas apostilas, em que os alunos têm que ter as apostilas em casa, o responsável tem que vir à escola buscar e precisa depois trazer as apostilas realizadas, mas os responsáveis não estão cumprindo conforme seria a regra: buscar na data certa, os alunos realizam as questões e depois os responsáveis trazerem. A gente está disponibilizando whatsapp de dois professores para que os alunos tirem as dúvidas para que esclareça tudo, mas mesmo assim não está funcionando por parte da família. A família está acomodada, preocupada com outras coisas. As crianças estão em casa, e pelo que a gente entendeu ficarão o resto do ano e a gente não tem bem certeza absoluta como será o final desse ano letivo de 2020. Um ano bem difícil para todos, não só para toda população de nosso município como para o mundo em geral, de todos os países, de todo o planeta. Eu estou aqui como diretora colaborando, apesar de ser

grupo de risco eu ainda arrisco vir à escola sempre que é for preciso, e estou sempre à disposição no telefone, participo de reuniões com elas pelo whatsapp, participo do simpósio, dou os meus palpites, a minha colaboração, eu estou sempre pronta a ajudar, estou sempre aqui e estou à disposição.

EQDP6F5BM - É uma relação muito difícil, para trazer um pai na escola! Até mesmo para buscar as apostilas na escola está sendo muito difícil. Às vezes um pai vem... (imperceptível o que disse) aí você tem que ligar.... Tem que buscar apostila número 1, número 2, número 3.... Está sendo bem complicado.

EQDP7F30BM - Eu entendo isso de duas formas. Eu particularmente acho que a família precisava demonstrar um pouco mais de interesse, e talvez seja essa a maior dificuldade que a gente está enfrentando, de não ver por parte dessa família, igual nesse momento a questão da apostila, demorou? Demorou muito para que comesse, mas na nossa cabeça essa família correria também, “ah já foi tanto tempo perdido que eu vou correr agora para recuperar alguma coisa”. Isso não está acontecendo por parte da família. A gente escuta muito:” Ah não dá! Esse horário para mim não dá! Avisa lá que eu não posso! Avisa lá que eu tenho que trabalhar!” E não há um esforço assim: “pelo meu filho eu vou tentar fazer alguma coisa.” E o que a gente acompanha durante o ano, quando o ano corre de forma normal você organiza uma reunião com maior cuidado e aquele que precisaria estar na reunião jamais comparece. Na maioria das vezes quem vem à reunião na escola são os pais, famílias que estão mais bem estruturadas, que as crianças são mais bem cuidadas. Então eu acho que esta questão a gente precisa ainda achar outros caminhos, outras formas de atrair essa família, mas acabou virando muito na minha cabeça também um jogo de troca: eu vou por isso, ou para receber aquilo. Para que você consiga trazer essa família. Eu não sei daqui alguns anos realmente como isso vai ficar. Eu acho que precisa de uma consciência, que tem que vir do Estado, de todos os governos de maneira geral para essa família dá um estalo e entender a importância da escola pública.

EQDP5F60BM - Concorde com o que a EQDP7F30BM falou. O respeito que havia com o professor não há mais, então a gente tem que fazer alguma coisa para que esse respeito volte. De pouco a pouco.

EQDP8F15BM- Eu acredito assim: não tem trabalho de sucesso sem a família, não tem. A família faz parte dessa equipe. Cada vez mais assim a gente tem trabalhado a importância de tornar claro o que é o trabalho dentro de cada unidade, dentro de cada segmento. Não tem como ter sucesso se a família não entende o que acontece dentro da escola. Eu acho que a gente vem crescendo... Na medida assim... Que a família não seja convidada apenas para apresentações, culminância de projetos, mas que ela entenda o que se faz na escola. Claro que os profissionais somos nós, quem entende o processo somos nós, mas a gente precisa estabelecer uma linguagem clara para que a família entenda o que a gente acredita ser educação, como a gente faz educação, reinterá-los nesse processo que acontece dentro das unidades. Então assim... A gente caminha para essa tomada de consciência, a gente sabe que consciência é cada um que toma, mas assim cada vez mais dentro de cada coisa que se propõe dentro de cada formação a gente coloca o quanto é importante que esse pai entenda que eu faço isso não é de maneira aleatória, não é solto, que há um objetivo por trás, que há uma intenção, e que há uma concepção. É muito importante que a família entenda e que acredite no trabalho da escola. E é isso que é a confiança que a gente estabelece.

EQDP9F25BM- Eu acho que é importantíssimo que a família entenda a intencionalidade pedagógica. A partir do momento que a gente busca uma educação que tenha significado, que faça sentido para o nosso aluno, a gente busca uma estratégia e uma linguagem mais acessível para estimular esse desenvolvimento da criança, e muitas vezes a família acha que a gente está brincando. Então é essencial que... A gente tem tentado fazer com que as equipes gestoras percebam a importância de esclarecer para a família o que de fato existe de intencionalidade em cada ação. Porque como a EQDP8 F15BM falou os técnicos somos nós, os professores, os orientadores, as diretoras, nós que somos os profissionais da educação que sabemos o porquê fazemos, como fazemos e baseados em que fazemos. A família não tem obrigação de saber disso, cabe a nós esclarecer, cabe a nós conscientizar nesse sentido, para que haja um entendimento das ações, do desenvolvimento, da fase em que aquela criança se encontra, porque aquela estratégia foi utilizada. Então a

gente tem observado que com essa intensificação desse trabalho que realmente as escolas estão oportunizando momentos, aproveitando melhor as reuniões de pais, a gente tem orientado, para esclarecer sobre as propostas de trabalho. E hoje nós temos a vantagem, eu acredito, das redes sociais que ajudam a divulgar melhor as ações e os seus propósitos. Antes as famílias iam somente às apresentações, naquele momento, e tinham somente a ideia daquela fotografia do momento. Hoje a gente consegue explicar melhor e atingir melhor essa comunidade toda com o que de fato a escola se propõe naquele momento.

EQDP10F30BM - Eu pensei desde quando eu iniciei o meu trabalho como orientadora e até mesmo como professora que foram vários anos, pois atuei na sala de aula também, que a relação familiar junto com a nossa relação comunidade escolar ela precisava ser um canal aberto, um canal facilitador aí desse aprendizado da vida acadêmica da criança. Então desde o início eu tinha essa compreensão. É lógico que com o caminhar, no dia a dia da gente de trabalho, oportunidades que a gente tem de experiências, você percebe que muitas vezes esse canal é bloqueado, às vezes ele não tem uma possibilidade de acordo com o que a gente planejou. Eu sempre tive esse cuidado de ser muito próxima da família como orientadora e fazer essa ligação da escola também com a família, mas há ainda muita resistência. As pessoas se imaginam em blocos, às vezes acontece muito isso, a instituição pensa que o pai não tem como estar contribuindo, ele tem que tem obrigação de cuidar do dever dele de família, a criança por sua vez também tem essa dificuldade de às vezes mostrar suas necessidades e dialogar abertamente, e também o próprio professor que tem resistência muitas vezes de aceitar opinião, de partilhar essas opiniões. Graças a Deus eu não posso nem reclamar porque de todas as escolas que eu participei, como orientadora, como diretora, também enquanto professora eu consegui até quebrar um pouco esse modo de agir e de pensar. E mostrar para as pessoas que a relação tem que estar próxima, tem que estar aberta, tem que ser dialogada para que o sucesso de todas as partes aconteça. Não existe aprendizado acadêmico só na escola, é uma relação mesmo aberta que todos têm que estar envolvido, todos têm que saber os objetivos, todos têm que ajudar a fazer um planejamento mesmo de trabalho, de vivência juntos. E respeitar as partes, ouvir mesmo as opiniões e conseguir os objetivos. Eu tive muito sucesso em todas as escolas eu consegui fazer com que as pessoas sentassem, pensassem juntos, é lógico com esses momentos assim difíceis, às vezes tendo que ter mais imposição: Não nós vamos trabalhar com a família, nós vamos trabalhar a família ajudando o professor, o professor ajudando a criança, não pode deixar só por conta da família.

Então essa relação sempre teve que ter muito carinho, muito cuidado, muito respeito para poder chegar nesse ponto de sucesso aí, mas não é muito fácil não!

Na verdade eu entendo que isso deveria ser algo muito natural, todos deveriam já automaticamente ter essa relação, mas têm ambientes... e até de acordo com as situações que se vive, eu penso que agora com essa questão da pandemia mesmo está tendo que se construir algumas questões, não dá mais para a gente esperar, achar que vai funcionar, é preciso construir, você tem que fazer intervenção de relacionamento, de relações, de proximidade, de acolhida, se não... não funciona. As pessoas elas acabam deixando mesmo de ter... Vamos dizer assim uma propriedade daquilo que ela está vivendo, daquilo que ela está fazendo por conta desse distanciamento, por conta de fazer só o básico, não se envolver. E o relacionamento em qualquer instância, principalmente na vida acadêmica, ele é básico, ele tem que acontecer se não as pessoas não vão viver aquilo com intensidade. Como você trabalha valores, trabalha afetividade, trabalha até mesmo os nossos objetivos básicos para a gente construir competências... como é que se constrói uma competência sem manter uma relação mais próxima? E tem que construir... Para mim... eu penso que hoje está tendo que se construir bastantes caminhos que levem a esse relacionamento equilibrado, tranquilo, saudável para esse local que a gente trabalha.

EQDP12F30BM - Aqui na U.E. a gente tem um bom relacionamento com a comunidade, mas assim um relacionamento, vamos dizer assim, mais informal porque a comunidade comparece muito quando a gente faz um evento, uma festa, eles estão sempre interessados, mas quando a gente faz uma reunião para discutir o Projeto Político Pedagógico é muito difícil a participação. A disponibilidade de tempo dos pais de U.E. é muito complicada pra gente aqui. Porque a gente faz reunião eles vêm na reunião pela manhã, mas eles disponibilizam apenas uma hora de reunião, passou de uma hora os pais começam a sair e aqueles que não trabalham que poderiam estar um tempo maior também eles sempre arrumam uma brecha e saem.

EQDP11F20BM - A relação eu acho que é mais próxima mesmo eu acho que é com a direção, assim em outras escolas em que eu já trabalhei os pais às vezes até eram mais próximos da gente, mas aqui na U.E. eu acho que eles têm uma proximidade maior com a direção porque está mais ali no portão na acolhida das crianças, então eu acho assim os pais têm uma relação mais próxima mesmo com a direção e até mesmo com a orientação... mas não que não tenham uma proximidade com a gente também, mas essa questão do tempo como a

EQDP12 falou é pontual, os pais disponibilizam um tempo pequeno quando você precisa falar coisas importantes, conversar com os pais, eles fazem ...eles se organizam às vezes quando você precisa que venham para conversar de um assunto especial... eles vêm, mas assim às vezes demora um pouquinho para conseguir. A relação eu acho que é mais essa aí que a EQDP12 está falando é mais para festividades eles são mais abertos, mais dispostos.

EQDP13F22BM - E isso tudo gera às vezes alguns imprevistos porque assuntos que você poderia resolver hoje ficam para depois. Eu acho que os pais poderiam estar mais junto com a escola, até assim em todos os acontecimentos porque às vezes fica muito difícil. A escola fica com uma sobrecarga porque se a gente tivesse uma parceria mesmo, uma parceria leal, ali firme a gente estaria conseguindo muito mais coisas no dia a dia, tanto no aprendizado da criança quanto pra gente também em tudo, isso aí é um foco mesmo que é geral ajudar em tudo nesse momento aí, nessa relação.

EQDP12F30BM - Então... mas eu acho que isso assim já é uma coisa até cultural a gente aqui, pelo menos aqui no município, os pais não estão acostumados a participar das coisas que acontecem na escola, mesmo você tendo o Projeto Político Pedagógico onde fala da participação deles, eles não têm esse hábito, eles ainda não se acostumaram, talvez falte até alguma coisa da escola, que assim eu percebo que BTM enquanto nossa orientadora aqui na U.E. fez muito por isso, mas os profissionais que vieram depois de BTM já não têm a mesma visão que ela tinha, então falta uma orientação educacional e uma orientação pedagógica junto com a direção para a gente estar puxando mais esses pais, embora não seja só isso eu acho que eles também são bem resistentes, talvez falte até conhecimento da parte deles sobre a importância da participação deles na escola.

EQDP16F20BM – Eu acho uma relação precária, que precisa fazer um trabalho junto às famílias dos nossos alunos. Eu acho que é pouca a participação dos pais na vida escolar e na comunidade escolar mesmo aqui da nossa realidade, do nosso colégio.

EQDP17F06BM – É.... Falar das famílias do nosso bairro que é um bairro considerado de Classe Média (média) se for olhar em relação à nossa cidade têm bairros mais pobres, neste bairro que pode ser considerado de classe média, eu observo pela estrutura do bairro e das famílias que moram aqui eu posso dizer que as famílias deixam as crianças bem à

vontade, deixam as crianças se relacionar com a escola por si. A família está interessada nos resultados. Eles querem os resultados, se tem resultados bons, a escola é boa. Se não têm resultados a escola não é boa. Então eles querem um resultado bom, observando assim.... Eles querem que a escola produza que a escola habilite seus filhos para a sociedade, porém eles não se comprometem tanto. A gente observa pelas reuniões de pais, pela demanda de bilhetes pela indisciplina, pela estrutura... está vendo? (durante a entrevista, que aconteceu no pátio da escola onde a equipe estava organizada para entrega das apostilas e vez ou outra paramos para que as entregasse, um aluno grita do portão se poderia pegar sua apostila, mas os pais é que são os responsáveis por buscarem na escola e assinarem) Ele quer pegar, mas ele não pode só o responsável. É esse caso, a gente observa é esse tipo de caso, a criança fica responsável pela escola. Ela respondeu lá do portão: meu pai não quer vir! Mas o dia que essa criança cair aqui, machucar, aí o pai vem! E quer saber por que, aí ele vem, o dia que a merenda falhou aquele dia, o dia que aconteceu algum problema e não teve aula na escola, alguma coisa assim aí o pai vem para saber o porquê que isso não aconteceu, porque acarretou a ele uma responsabilidade porque a criança saiu mais cedo, então a gestão do pai, a organização do pai, a organização da família em relação à escola é que a escola é que dá todo suporte educacional, social e que essa criança volte para casa aprendendo, seja um bom aprendiz, que não dê trabalho, que não é chamado para assinar advertência... Têm crianças que ficam aqui até umas 17h sendo que naquele dia ela iria mais cedo, às 15h, mas perdeu o bilhete do devido aviso, e o pai fica chateado... você tem que ligar para o pai... por quê? Porque o pai, a família não acompanha a rotina. Não são 100%, mas a gente observa essa mobilidade entre os disciplinários, direção, professores tem que funcionar harmonicamente para que esse pai não tenha problema, se tiver ele vai ficar muito aborrecido porque a escola tem que funcionar. Mas a participação deles mesmo, atuante com a gente não tem, é pouca. E se for falar da inclusão então, se a gente for falar da família de inclusão que é aquela receita atrasada, que é o caso da medicação da criança que não tem. Que às vezes tem disponível no postinho de saúde, tem disponível sim na Rede Pública de Saúde, mas a criança é negligenciada. Você observa que essa criança de inclusão algumas vezes fica na escola para não dar trabalho em casa. Não são todos, vamos colocar aí de 40 famílias você tem 15 que são presentes, que acompanha, que vem falar com a Orientadora, que ajuda ao agente de apoio, eu falo porque eu fui agente de apoio de uma criança que ela não tem pai, não tem mãe, mas a avó estava precisando de mais apoio que a criança, mas a criança aqui ela teve todos os cuidados. A gente dava banho, um dava o sabonete outro dava um lençinho, cada um aqui

apoiava de uma forma, hoje essa criança perdeu a avó, já não tem ninguém, agora não tem a avó, e hoje a tia assumiu a responsabilidade sobre ele e assim já vimos mudança, já vimos a mudança para melhor nele entrando na escola, está medicado, está bem cuidado, limpo, uma criança que quando chegava ao portão a gente já sentia o odor. Você vê a diferença na criança dependendo da postura da família. Que quando a família quer junto à escola as coisas caminham. Fora os alunos de risco, risco de marginalidade que a gente tem aqui, aluno que corre o risco dele sair no portão e morrer ali no portão, a gente tem esse tipo de aluno aqui, aluno do Fundamental I, envolvidos com tráfico de drogas, a família geralmente diz que não tem mais jeito, que não dá conta.

EQDP18M05BM - Complementando o que elas disseram realmente a maioria das famílias, que bom que algumas não têm essa visão, veem mesmo a escola como um depósito, chegam aqui depositam as suas crianças e o que acontecer de bom está ótimo, mas se acontecer algo de ruim eles estão aqui para cobrar. Algumas famílias colaboram sempre de boa vontade, mas a maioria só aparece para reclamar de coisas que às vezes nem tem tanta importância.

V.V - Pergunta n.º 1 – Grupo A – famílias -VR

Em sua opinião como são as relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?

As relações são fáceis, agradáveis, difíceis, desagradáveis?

Por quê?

F1FVR - São fáceis. Há discordância como em qualquer outra escola. Sou bem recebida na escola.

F2FVR- Sou bem recebida na escola e faço parte do Conselho Escolar, então eu tenho uma relação bem estreita com a direção da escola.

F2FVR - E não que tudo que a gente precise a gente consegue na mesma hora, pois também depende da possibilidade da escola, mas a gente consegue ao menos ser ouvido, né? Na hora que precisa.

F2FVR- E eu também tenho uma linha direta com a diretora e quando a gente tem alguma dúvida a gente pode falar direto com ela.

F1FVR - E mesmo sendo ela (F2) fazendo parte do Conselho a diretora não dificulta o contato com a gente, pega o telefone, entra em contato com os pais. Todos os pais têm linha direta com a diretora.

V. VI - Pergunta n.º 1 – Grupo B – docentes - VR

Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?

P2F28VR - Eu assim em todas as turmas que trabalhei em todos os anos eu consegui trabalhar com as famílias de meus alunos, com alguns até eu consegui estabelecer laços de amizade. Eu tenho aí laços de amizade há 20 anos com essas famílias. E eu acho muito importante a família está dentro da escola. Porque quando a família passa ao aluno que é importante estudar, que a presença do professor é importante na vida daquela criança o rendimento é outro. Quando os pais se preocupam e olham o caderno do filho e: “poxa sua professora está ensinando isso, eu também já aprendi isso quando eu tinha a tua idade. Minha professora ensinava “dessa” forma, olha que legal!” Isso é um incentivo. Se a família não respeita o professor e desvaloriza a nossa profissão eu acho que a aprendizagem fica comprometida. É muito importante esse bom relacionamento da família com o profissional da educação, da família com a escola.

P2F28VR - Eu tenho uma visão diferente disso pelo menos nas escolas que eu trabalho, Volta Redonda tem um olhar diferente disso aí. Em Volta Redonda os pais se interessam, os pais vão à escola. Quando um aluno meu faltava no dia seguinte o pai estava na escola perguntando o que eu tinha dado. Já em Barra Mansa isso não ocorria.

P2F28VR - Eu não sei se é a comunidade que a gente trabalha, mas o ano passado eu estava numa escola, este ano pedi remoção e estou em outra escola e observei a mesma coisa. No caso de um aluno faltar, a mãe chegar e perguntar: “professora o que a senhora deu ontem? Tem como emprestar o caderno de um amiguinho?” Eu vejo assim um interesse maior, coisa que não acontecia, raras vezes acontecia quando eu trabalhei em Barra Mansa. Em Volta Redonda os pais valorizam mais a escola, parece que sentem mais a necessidade da escola. Ensinam isso para as crianças. Passam isso para as crianças.

P3F24VR - Complicado, eu percebo que essa relação varia muito da ação do professor frente à receptividade dos pais. Sempre que a escola busca informar às famílias o que acontece a receptividade é melhor. Eu não sei se por receio por parte do professor, ou por achar que aquilo não faz parte do seu trabalho, ele se coloca um pouco distante, não só ele, a

escola, se coloca um pouco distante nessa relação com a família. Os problemas, digamos entre aspas “que aparecem com pouca resolução” a gente não procura ouvir, até porque às vezes a gente pensa que a família vai intervir de forma negativa no trabalho. É uma situação melindrosa, que dependendo de cada um ali no processo ela pode ser mais ou menos harmoniosa. É isso que eu percebo. Nós temos uns embates, temos sempre um probleminha ou outro, mas acredito que em 90% é satisfatória a convivência. Nós trabalhamos com os alunos menores, que exigem mais da gente e a gente tem um aconchego maior, e a gente precisa de uma proximidade maior, então eu acho muito boa essa relação com as famílias. Já em Barra Mansa eu já acho um pouquinho mais difícil, não só a conversa com os pais, mas a proximidade deles. É difícil trazê-los para a escola. Eles ainda veem à escola como o lugar que eles vão reclamar de alguma coisa quando eles precisam, ou que nós o chamamos para fazer reclamações. Então assim uma conversa mais harmoniosa, mais produtiva é mais difícil, geralmente é mais receosa, isso quando eles comparecem, pois, a participação aqui em BM é bem mais reduzida eu diria 50%.

V.VII - Pergunta n.º 1 – Grupo D/ equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME-VR

Qual a avaliação que faz das relações estabelecidas entre as escolas-alunos e famílias?

EQDP14F30VR - Eu penso que as relações, são elas que determinam o processo de ensino e aprendizagem. Tanto a relação do professor com o aluno, mas ela se torna incompleta quando não existe a relação da escola com a família. Porque o aluno por si não responde por ele, mas sim existe todo um contexto por trás disso e esse contexto tem sua família. Então a importância da mãe, da família, dessas relações entre família e escola e aí eu incluo os alunos e todos os profissionais da escola... porque todos são de fundamental importância para a construção desse conhecimento, porque é a partir dessas relações que temos todas as possibilidades de encontro entre família e escola na certeza, na expectativa que a gente tenha um produto final positivo.

EQDP15F20VR - Então nós temos duas realidades diferentes, a gente percebe uma diferença muito significativa. Na Ed. Infantil os pais eles são muito próximos dos alunos, são mais cuidadosos. Eles cuidam mais da criança. A partir... quando chegam ao Ensino Fundamental I, a partir do caminhar dos anos de escolaridade, eles já começam meio que

abandonar. Deixando as crianças mais sozinhas, tentando ser mais independentes, e isso é um transtorno, porque eles ainda são crianças e precisam dessa ajuda, desse adulto para poder incentivá-lo, orientá-los em relação à responsabilidade da escola, a importância da escola, então nisso a gente observa que tem um distanciamento, por exemplo, em uma das escolas em que trabalho como orientadora em outro município a gente faz as reuniões de pais e elas são esvaziadas. As famílias não comparecem. E geralmente quem vai são aqueles pais mesmo que não precisam estar tão presentes, não precisam estar ouvindo as nossas orientações. E não é diferente das escolas de VR, isso aí eu acho que acontece no país inteiro, em todos os lugares em que trabalhei sempre nas reuniões de pais vão aqueles que acompanham os filhos, aquele que realmente precisa ir pra gente estar conversando, não vai. E a gente tenta fazer esse contato individual e às vezes a gente tem o retorno dessa família, quando a gente tem uma conversa sempre mantendo o diálogo, com orientação e estar se colocando numa condição de ajuda, e tentando conscientizá-los da necessidade deles estarem acompanhando os filhos, às vezes a gente tem um pouquinho de sucesso num período, mas depois esses alunos também continuam sendo abandonados. Inclusive agora na pandemia a gente percebe a minoria realizando as atividades, isso tanto na ED. Infantil quanto Ed. Fundamental, então é essa dificuldade que a gente tem, a gente procura enquanto equipe na escola ser uma escola bem acolhedora tanto para as famílias quanto para as crianças. Sempre estar ouvindo esses pais, entendendo as razões que eles têm e procurando a contraponto dar algumas orientações em relação às necessidades da escola e onde eles têm que atuar e onde cabe a participação deles, porque escola e família são uma via de mão dupla. A escola não educa sozinha e nem a família. E hoje eu observo que a escola está abarcando muitas responsabilidades que pertencem às famílias. Então a gente... na escola a gente é um pouco psicólogo, a gente é um pouco mãe, a gente é educador, a gente é um pouco de tudo. De repente você vê aquela criança que está quieta, ou às vezes rebelde, aí quando você dá oportunidade eles descarregam, desabafam, na gente todos aqueles seus problemas. E às vezes você chama a família e a família também desabafam todos os seus conflitos, todas as suas dificuldades, todas as suas angústias, então na escola... eu acho que há um bom tempo as escolas pararam de ser apenas escolas com seu papel de escolarização. Ela passou a ser um lugar de atendimento social também.

V.VIII - Pergunta 2 – Grupo A – famílias - BM

Para si o que é democracia?

Quais são os direitos das famílias/alunos/escolas?

Considera as relações democráticas?

F4FBM - Ah! Eu acho que de um modo grosso deve ser a liberdade de se tratar de igual para igual.

F5FBM - Eu não entendi direito. Eu ouço falar, mas não tenho ideia, ouço na TV, nas propagandas políticas, mas não sei. Eu queria ser esclarecida quanto a isso. (explicação pela entrevistadora) resposta após explicação: Não! Nem tanto. Porque assim nem todos os direitos que os alunos têm que ter eles têm. Não porque a escola é culpada, não! É os grandes que estão por trás, entendeu? Por exemplo, assim tem criança que tem que ter direito... eu estou citando o meu filho, um exemplo do meu filho igual a psicopedagoga ele não tem! É um direito dele! Ele não tem! Não é porque a escola é culpada, eu acho que a escola se empenha, mas... falta não só para ele como para as crianças todas.

F4FBM - Assim como eu falei dentro da escola as vezes que eu precisei fui bem atendida, mas se a gente for ver o lado de fora, como ela falou tem muita coisa ainda que precisa, mas não cabe à escola.

F8FBM - Não é democrática! Eu acho que uma escola democrática tem que ter participação, ouvir os pais. Ninguém nunca pergunta o que a gente acha. Por exemplo, as reuniões na escola, para mim elas são extremamente cansativas. Isso tanto nas escolas públicas quanto nas particulares. Eu fiz reunião durante muitos anos e a gente repete sempre a mesma coisa: piolho, sapato, mochila... é coisa desse tipo, aí o que acontece todas as mães que estão aqui elas são muito participativas... têm mães que nunca participam das reuniões da escola. As reuniões não dizem coisas que tem a ver conosco, a gente escuta as mesmas coisas e a gente fica assim: isso não serve pra mim, isso não serve, as outras que não comparecem é que precisavam ouvir. E a democracia está aí: elas têm deveres! Um dos deveres delas é participar da vida escolar do filho. E por que a escola não utiliza os meios legais para obrigarem a elas a participar? Eu acho que a escola deveria usar os meios legais. Ah os pais não estão fazendo outra convocação, busca o Ministério Público, busca o Conselho Tutelar, busca os órgãos competentes para convocar essas pessoas sob pena de responder na justiça a sua falta

F13FBM - O que F8 está falando faz sentido porque na nossa época se o pai não fosse na escola o aluno não entrava.

Democracia para mim é a participação dos pais e escola. Eu estou frisando muito isso porque os dois lados têm direitos e deveres.

F12FBM – Eu acho que a escola não é uma democracia começando pela gestão. Gestão que não foi votada por nós pais. É uma gestão que é imposta, é uma gestão que é um cargo comissionado. Gente não falando mal em nenhum momento da diretora, mas houve uma época que os diretores eram votados pelos alunos, pais, eles decidiam quem iria gerir aquela escola, começando por aí hoje já está errado, é tudo cargo comissionado...

F8FBM - Esse vínculo político atrapalha muito o andamento da escola.

F12FBM - atrapalha muito o andamento das coisas dentro da escola porque ninguém quer perder o cargo. Por exemplo, se uma pessoa é de um cargo comissionado do atual prefeito jamais ela vai relatar que tem algo de errado dentro daquela escola, porque isso vai “denegrir” a imagem do prefeito atual. Então a gente perde muito com essas coisas. O diretor, a gestão de uma escola tem que ser escolhida por pais e mestres.

F8FBM - E a grande maioria dos professores e a direção eles sabem certinho qual é o defeito, qual é o problema, mas é como F12FBM - falou, as vezes eles não vão comunicar por causa disso né? Eles podem ser trocados a qualquer momento.

F12FBM - E as vezes também não querem se envolver, “Ah não vou me envolver, daqui quatro anos eu não estou mais aqui nessa escola, pra quê que vou me envolver com essa família? Se daqui a quatro anos eu posso não estar nesse cargo mais?!” Então isso atrapalha muito a democracia dentro da escola.

F6 FBM - Eu quase não tenho tempo de acompanhar os meus filhos na escola. Sempre quem vai mais mesmo é ela (F7) que toma conta deles ou minha outra irmã. Eu quase não tenho tempo nenhum na escola, pra nada. Então eu não tenho nada pra falar, porque eu trabalho.

V.IX - Pergunta n.º 2 – Grupo A – famílias - VR

Para si o que é democracia?

Quais são os direitos das famílias/alunos/escolas?

Considera as relações democráticas?

F1FVR - O direito de se pronunciar, de ir e vir, de dar opinião.

F2 FVR-

V.X - Pergunta n.º 3 – Grupo A – famílias - BM

A partir do evento Covid 19 as relações com a escola sofreram alguma alteração?

Exemplifique com situações que tenha agradado e/ou desagradado

F4FBM - Eu acho que a relação praticamente acabou! Não teve! A gente ficou muito tempo assim sem notícia, perdido, sem saber de nada, não tinha nada na internet, não tinha nada no whatsapp, aí quer dizer... tem dois meses que a gente está tendo um pouco de contato, mas escutar a gente assim substancial a gente continua perdido. A gente não sabe de nada!

F5FBM- Eu percebi uma certa distância fica difícil! Eu já penso muito assim como vai ficar o ano que vem? Será que vai ser assim? Como que vai ser? Vai ser a mesma coisa? Eu acho que está havendo uma distância muito grande.

F4FBM - A minha filha me cobra: mãe esse é meu dever? Mãe eu vou passar de ano? A gente não sabe explicar.

F5FBM - ... É tem dois meses das apostilas... essa apostila que vem...é eu acho estranho, a gente fica perdido. O meu filho pergunta muito assim: eu vou ser alguém na vida? Porque eu sempre falei pra ele assim: pra gente ser alguém na vida a gente tem que estudar.

F4FBM - aí se não está estudando ele entende que não vai ser...

F5FBM - Você tem que estudar para você ser alguém na vida ...para você arrumar um serviço e para você trabalhar. Ele quer ser caminhoneiro. Eu falei como você vai ser caminhoneiro se você não sabe ler e escrever, e como você vai ler as placas para você saber as ruas que você vai entrar? Aí nisso aí por ele não está na escola, ele sempre me pergunta: eu vou ser alguém na vida?

F6FBM - Essa situação atrapalha muito, muito. O meu filho ficou mais agressivo, por causa de um tal de um jogo que ele fica jogando lá com amigos que ele nem conhece! FREE FIRE! Teve uma vez que minha mãe chegou e pegou ele agredindo minha filha por causa do amigo do jogo, que falou que ele tinha que agredir a irmã dele por causa do jogo. Eu tirei o celular, internet e tirei o jogo. Agora que ele está melhorando, voltando ao que ele era antes, eu entreguei o celular de novo, mas sem o jogo. E coloquei ele mais para estudar. Eu pago aula particular para ele, e quando eu estou de folga eu vou pergunto como ele está.

F8FBM - Barra Mansa deixou muito a desejar. O Poder Público falhou muito aqui em BM. Barra Mansa falhou demais, desestimulou todo mundo, porque você chegar agora aos 45 minutos do segundo tempo, você ficar lotado de apostilas. Todos os pais estão dizendo que as apostilas são difíceis pra fazer. Eu mesma deixei minha filha enviar questão em branco. Eu acho um absurdo isso, o Poder Público falhou demais. Os alunos ficaram desestimulados. Com a pandemia e sem aulas, meus filhos ficaram muito ansiosos, estão comendo muito,

estão mais agressivos. A minha filha nunca gostou de estudar, ela adorou a pandemia porque não tem aula e o meu filho que era apaixonado pela escola e pedia muito no início para estudar não pede mais. Isso aqui em BM foi muito, muito ruim. Vai fazer muita diferença esse tempo perdido deles. Vai fazer muita diferença na vida deles. Eu não sei como será no retorno o meu filho que gostava tanto de estudar. Eu espero que as famílias deem muito mais valor no profissional (professores) eles são extremamente importantes. Eles eram uma válvula de escape para muitos pais, não deveria ser assim, mas é. É uma ajuda uma mão para os pais também.

A grande maioria dos pais e mães está despreparada para desempenhar suas funções. Nós dissemos que muitos pais não participam porque não querem mais muitos deles não tiveram. Por exemplo, em frente da minha casa tem dois bares e muitos pais ficam ali com seus filhos presenciando brigas, palavrões, drogas, os meus neste fim de semana foram para roça eles foram para piscina, então eles entendem que isso é lazer, mas essas crianças que ficam ali no bar durante o final de semana... eles tomam aquilo como sendo o normal aquele meio. Para eles é natural!

F12FBM - Essa situação do Covid, acho que não é a nossa aqui porque nós somos pessoas que participam da vida escolar, mas muita gente percebeu que a escola faz falta para o filho, com certeza. Com todas as travessas da escola, com todos os acontecimentos, muita gente percebeu que a escola é fundamental na vida dos filhos

F9FBM - Às vezes os pais dentro de casa não estão tendo o controle dos filhos.

F13FBM – É nessa hora que os pais estão vendo o filho que têm.

F12FBM - (...) Espero que quando retornar eles possam pensar: “é realmente a professora está reclamando comum fundo de razão” Porque a gente conhece o filho que tem, porque o filho perto da mãe é um filho e longe da mãe ele é outro filho.

F9FBM - Agora que veio essas apostilas aí é que a gente está pegando mais firme, porque antes de chegar as crianças só queriam pensar em ficar na rua o dia inteiro, joguinho no celular. Essa apostila veio pra ajudar a gente a pegar firme, algumas mães estão pegando firme, eu estou pegando firme lá em casa, estou tirando... faz as tarefas todinhas depois tem

hora de brincar. Aí dá um tempinho e volta a fazer os trabalhos de novo, mas essa questão da pandemia atrapalhou a gente mesmo.

F11FBM - Um dia desses encontrei com um pai de aluno que estuda com meu filho e eu perguntei se ele já havia ido buscar a apostila para o filho e ele me respondeu que não, que não adianta nada agora no fim do ano. É uma falta de interesse do pai em se adequar a essa nova realidade da pandemia, falta de interesse para com o filho dele e para com a escola.

V. XI - Pergunta n. °3 e n. °6 – Grupo B – docentes - BM

A partir do evento Covid-19 as relações com as famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.

Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19?

Avalie a participação das famílias antes da Covid-19.

Avalie a participação das famílias durante a Covid-19.

Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias?

P1F30BM - Barra Mansa não teve um trabalho em relação à educação durante a Pandemia. Fechou e a escola e acabou! De um mês para cá é que tem uma apostila que o aluno tem que pegar na escola. E lá onde eu trabalho pediram para eu criar um grupo de whatsapp para tirar dúvida desse aluno em relação à apostila. Olha, eu tenho 25 alunos, 15 pais saíram do grupo, quer dizer: não têm interesse nenhum, e nem consideração a mim. Só foi saiu, saiu, saiu... Eu só estou com 10 pessoas no grupo e assim mesmo ninguém tira dúvida não!

P1F30BM - Eu acho triste isso em Barra Mansa tudo parado... o aluno está se perdendo mesmo, está muito difícil mesmo você não consegue contato com criança, mas eles estão dando o ano como perdido. E a gente que é professor fica sem saber o quê que vai ser do ano que vem. Ninguém informa está tudo parado. A gente está... Os pais pedem explicação e a gente não tem como dar porque nem a gente sabe. Eu fico preocupada neste aspecto. Acho que tem que preparar o professor, olha vai ser assim no ano que vem. Mostrar como vai ser.

P1F30BM - Eu tenho uma opinião muito clara, eu sou daquelas professoras antigas, que pego junto na mãozinha, porque alfabetização tem que ter traçado de letra, aquela coisa toda, eu não me vejo dando aula online, como eu vou pegar na mão da criança? Ensinar um traçado? Como eu vou ensinar uma criança a ler sem eu estar junto? Eu acho isso tão complicado na alfabetização! Que é uma fase tão importante para eles! Acho uma complicação aula online! Eles não vão aprender!

P1F30BM - Sabe o que eu imagino, com trinta anos de profissão? Quando essas crianças voltarem, quem teve aula online, quem o pai ensinou em casa, pode ter acontecido de o pai ter ensinado em casa, virão com mais vícios, mais erros que a gente vai ter que consertar pra gente retornar. Que alfabetização é coisa muito séria, traçado da letra a forma de juntar, eu acho isso muito complicado online! Eu não tive essa experiência porque Barra Mansa não teve, mas eu não defendo nada.

P1F30BM -... mas se Barra Mansa tiver aula online no ano que vem eu vou ter que modificar todo o meu jeito de ser, mas as escolas também não estão preparadas ainda!

P1F30BM- Reclamar que não tem aula, e agora nesse contexto de apostilas alguns pais disseram: “Olha se for para passar o meu filho eu nem pego essa apostila, porque ficou até agora sem ter aula!” O que eles mais fizeram foi reclamar a falta de aulas. Mesmo porque eles se organizam põe o filho na escola num horário que possam trabalhar e de repente corta tudo, aí os pais ficam perdidos. E agora ficaram revoltados com apostilas, porque afinal de contas demorou muito pra ter apostila e tomar decisão sobre como vai ficar o ano letivo.

P1F30BM - Aqueles pais que têm uma condição de vida melhor faz isso, mas aquele pobrezinho mesmo faz como?

P1F30BM - Esse retorno com as famílias eu ainda não estou tendo por que começou agora o trabalho com as apostilas. Então nós não estamos tendo retorno como os pais estão fazendo com as crianças. Agora antes da pandemia, eu acho que eu sou meio egoísta. Eu gosto de eu ensinar, eu corrigir, então assim os pais até ajudam, mas eu não dependo muito dos pais para realizar o meu trabalho. Quando tem alguma atividade mais complexa eu

trabalho dentro da sala de aula, as atividades de casa é sempre algo simples que eles podem resolver sozinhos.

Projeção

Barra Mansa vai ter que mudar. A partir do ano que vem vai ter que ter o ensino híbrido, não dá para colocar 30 crianças na sala de aula. Enquanto não tiver vacina vai ter que ter ensino híbrido. Deve ter um dia de aula ouso com atividade online. Aí a família vai precisar estar junto. Não vai ter jeito, a criança não vai se virar sozinha. Eu projeto isso, eu acho que deve ser assim. Não sei como vai ser, mas eu imagino que seja assim.

P4F04BM- A interação diminuiu muito. O contato escola-família praticamente foi anulado. A gente tem datas marcadas para fazer esse contato, as intervenções são mínimas. São poucos pais que pedem ajuda nesse sentido também, porque a gente não pode exigir dos pais um preparo pedagógico, mas eles também não se abrem, parece que é um campo restrito à família e eles não dão conta. E entre a família mesmo não há muita interação. Eles ficam cada um fechado em seu próprio mundo, às vezes um pai ou uma mãe que são mais presentes tentam interferir de alguma forma, mas com certeza a pandemia veio lesar bastante esta relação.

P4F04BM- Foi uma situação que pegou todo o mundo de surpresa, então não existe uma culpa, o objetivo não é encontrarmos culpados, mas presencialmente acaba que a família é quase que forçada a comparecer, a interagir por meio das convocações que são feitas. A maioria geralmente desconsidera, mas presencialmente a gente tem um retorno positivo daqueles que se importam com a educação dos filhos e que sempre vêm. Com o advento da pandemia e essa restrição é claro isso mudou totalmente, são poucos aqueles que se abrem para o contato até por redes sociais, a gente tem tido algumas experiências, mas se a gente for colocar num contexto de números aí, numa turma de trinta alunos quatro às vezes interagem. Então o nível de participação é muito baixo. E eu acho que a tendência é piorar. Se nós partirmos para o ensino híbrido, porque existe uma lesão psicológica também por trás disso, porque como eles não têm as relações da escola, o contato com seus colegas, isso tudo faz parte do processo, e quando isso é tirado deles e até mesmo de nós, os danos psicológicos são maiores e a tendência é piorar, quanto mais tempo isso levar para ser resolvido.

P5F24BM - É um momento muito difícil que a gente está vivendo, as perdas foram muitas, muitas mortes, e, além disso, os alunos da Rede Municipal ficaram um pouco “abandonados”. A gente vê um abandono. Eu acho que o município poderia ter envolvido mais essas questões, essas relações sociais. Eu não sou muito a favor do Ensino Remoto como fizeram em alguns lugares, mas a gente deveria ter antecipado o atendimento. Tudo bem que no início a gente não imaginava que seria tanto tempo. Ninguém imaginou. Quando a gente saiu da escola, diF13 de março, isso vai durar 15 dias, 20, um mês. E já são oito meses de pandemia. E o município não se preparou para isso. Apesar de ter recursos, não sou a favor de aula online, a não ser que o município disponibilizasse o acesso. Porque se você dá acesso todos poderiam ter aula online, mas não foi feito isso. O município... eu faço parte do Conselho Municipal de Educação e a gente lutou muito para que a gente fosse ouvido, para que ouvisse os professores, eu até pedi em uma das reuniões e a Presidente do Conselho disse que não era possível! Como não é possível? Se fizemos assembleia no estado do Rio de Janeiro inteiro online com mais duzentos profissionais da educação participaram, sou sindicalista, tudo pela plataforma online sem problemas. Todos foram ouvidos e todos tiveram o direito de falar. Então assim a gente vê essa necessidade. E a gente não vê isso na Rede Municipal de Ensino. Não vivencia isso há muitos anos em BM. Nos governos de 2013 a 2016 a gente viveu um pouco de democracia, não foi o que a gente queria, mas a gente era ouvido. A gente vivenciou um pouco, mas isso se perdeu pelo caminho durante 15, 16 anos em Barra Mansa, quando eles tiraram o TD, que é o Tempo Dirigido, a gente tinha esse tempo dirigido toda a semana e era a oportunidade de a gente aprender, discutir ideias, estudar mesmo, e a lei prevê isso, 1/3 da carga horária. E eles nos tiraram isso por causa da questão democrática mesmo, porque quando as pessoas começam a conversar, começam a abrir os olhos, as pessoas começam a pensar que tem alguma coisa para mudar. E a gente percebeu isso. Nós tivemos um atraso principalmente com apostilamentos absurdos em BM, que gastou um dinheiro absurdo (POSITIVO), a gente brigou muito, nós tivemos um retrocesso muito grande na educação, que eu vejo... num período de uns 12 anos. Que poderia ter sido melhor. Eu cheguei na Prefeitura em 1996 e logo depois iniciaram as formações de alfabetização com o método da Sentenciação. Então nessa época nós fomos muito capacitados. Foi um governo em que o MEC dava muita capacitação, e nem eram tão democráticos, mas era um governo que investia em educação. E depois nós tivemos um governo de esquerda mesmo que foi totalmente democrático. E aí a gente foi muito bem capacitado. Tinha material na escola, tinha tudo. Então eu acho que a capacitação dos professores reflete muito na escola, no

professor e principalmente no aluno. O professor capacitado ele não erra. Ele não trata o aluno desrespeitosamente e ele aprende. Então isso faz muita falta.

P5F24BM - É assim a gente fica muito preocupado com os alunos que correm risco social, essa questão toda, porque a escola protege muito esses alunos, protege os alunos... quando eles estão ali eles estão preservados, mesmo que sejam 4 horas, nas escolas de tempo integral 6 ou 7 horas, ali dentro eles estão preservados, eu sempre falo isso, está na escola está preservado, está preservado do que tem aí fora e as vezes da maldade que tem até dentro de casa mesmo.

E aí os pais se sentiram obrigados a aguentarem os filhos deles em casa, e a gente viu isso através de comentários: “que os professores não queriam trabalhar” assim eu não estou falando só de Barra Mansa, eu estou falando do país inteiro, nas redes sociais. “o professor está ganhando sem trabalhar” ... Aquelas questões todas... que nós tivemos que desmentir! Porque muitos professores, eu acho que a maioria, tiveram que fazer aulas online sem preparação, sem nenhuma capacitação e se viraram nos 30 e estão dando show com aulas online porque não é fácil, nós nunca fomos preparados para isso, ninguém foi, e os professores muito menos. Então a gente precisa investir nesse acesso digital. E os pais também, porque agora eu vou falar de pais assim que eu tenho convívio, “Ah eu não aguento vem muita coisa para fazer”, eu falo assim vai até onde a criança consegue, não adianta... vem muito a questão de perder um ano... os pais encontravam comigo na rua e eu sempre esclarecia, não vai perder um ano, antes ele ganhar a vida porque ano letivo a gente conquista outro. Ano letivo a gente recupera, então assim eu sempre falava isso com os pais, e falava aqui em casa mesmo, a minha própria filha falava. “Ah! Mas eu não quero perder esse ano!” Minha filha você é tão nova! Você não vai perder ano nenhum, você vai ganhar um ano, você está ganhando sua vida se protegendo! E a gente vê que eles foram obrigados a ficarem com os filhos em casa. Porque não é a maioria, a maioria dos pais aqui da nossa realidade aqui da escola, são trabalhadores e ainda tiveram que retornar e não tinham com quem deixar o filho naquele período que dentro da escola estariam preservados. Porque às vezes pagavam uma pessoa para olhar, mas num outro período. Então isso foi difícil porque até pra gente que tem conhecimento não foi fácil, porque a gente ficou preso dentro de casa para se proteger, não foi fácil! E o pior as classes menos favorecidas, as mais desfavorecidas foram as que mais sofreram. Isso é fato, a gente tem pesquisa disso e tudo. E nossos alunos, com tristeza, devem ter sofrido também.

Eu acho que os alunos, as crianças, criança é um ser puro, eu acho que eles podem ter sofrido alguns problemas, muitas pessoas têm sofrido muito a questão da depressão, problema psíquicos, porque não é fácil a gente ficar dentro de casa. Ainda mais a gente que trabalha, os alunos estudam, porque a escola é uma vida social. Quando você sai para a escola, o aluno sai para a escola para estudar, ele encontra com pessoas na rua, ele passa pelo comércio, ele aprende tanta coisa! E a escola por si só ela é o início da vida em sociedade. Então eu acho que ainda dá tempo de a gente se planejar no município. O município precisa se planejar para o ano que vem. Porque a gente sabe que a vacina, a gente espera que ela venha logo, mas não dá para imunizar a população inteira de uma vez só. A gente sabe disso. E nós vamos que ter que retomar as aulas um dia. A gente sabe, todos nós sabemos, temos ciência disso e a gente tem que se planejar para isso. Como a gente vai voltar? Quais os cuidados que nós vamos ter? E nós não temos sido ouvidos a respeito disso e isso nos entristece. Porque quem conhece as escolas de Barra Mansa, as nossas estruturas são péssimas, eu vou dar um exemplo aqui, eu estive lá na escola em um dos plantões e fui lá para colocar a mão no álcool em gel, não tinha nada! O que aconteceu eles voltaram com os plantões e os profissionais da educação que estão trabalhando tiveram que se virar, com a sua máscara, com o seu álcool em gel, isso é visível. Não é a PMBM quem está cedendo o material. Que nas empresas a gente chama de API, Então a gente precisa se planejar, recurso a gente sabe que tem, eu sou do Conselho do FUNDEB, a gente tem recurso para isso. E planejamento mesmo, eu já tinha pensado isso lá no começo, da gente fazer o revezamento de alunos, em outros países foi feito, pra gente vê como vai acontecer. E a gente sabe que tudo é novo nesse vírus, tudo, é um aprendizado para todo o mundo, principalmente para os médicos. Então nós da Educação, alguns especialistas são a favor do retorno às aulas, eu não sou contra ao retorno das aulas, mas que seja um retorno seguro, entre aspas, porque do jeito que foi apresentado num plano aí, é um plano que não é real.

A gente tem uma colega representando o SEP, Sindicato Estadual dos Professores e Profissionais de Educação, no Fórum que a SME está discutindo um protocolo de retorno, mas a gente acredita que isso tem que ser amplo. Como eu falei tem que ser um Fórum amplo, é possível fazer, a gente já tem grandes encontros em BM, que poderiam ser melhores, mas a gente divide a cidade em polos, e a gente poderia fazer encontros por polos e ouvir aos professores. Em nenhum momento os professores foram ouvidos, nem os profissionais da

educação. A gente brigou muito como sindicato, o que não era para ser assim, e tem uma representante no fórum, uma profissional da educação, e ela é a única a dizer não para certas coisas, a sociedade civil representada a grande parte é de representantes de escolas particulares, com tristeza. Por que a tristeza? Porque eles ainda têm todo o aporte que já tinha antes! E BM já podia estar fazendo isso, a gente está a sete meses parados, muitas obras nas escolas já poderiam ter sido feitas.

Ontem eu ouvi de um pai, o filho dele é aluno da escola pública, esse pai estava numa reunião política, dentro de uma igreja, que o conselho de pastores chamou, e ele falou, eu vou dar exemplo lá da escola do meu filho, lá só tem um banheiro, é uma escola muito antiga, só tem um banheiro para meninos e um para meninas. Lá no mínimo tem uns 300 alunos! Agora vou dar outro exemplo da escola em que eu trabalho: lá a gente tem banheiro masculino e feminino. No feminino temos três banheiros. Temos aproximados 600 alunos. Então como vai fazer com isso?! Não tem jeito. Então a gente precisa... e se eu não estou enganada no banheiro feminino a gente tem uma pia! Colocaram uns tanques na entrada para os alunos lavarem as mãos, então a gente vai ficar mais lavando a mão de aluno, mais tomando conta de uso de máscara do que ensinando! Então a gente precisa se preparar para isso. Tanto os professores quanto os funcionários. E só da limpeza, que eu sei lá da escola, que é uma escola grande, temos 11 salas funcionando com aula, são três funcionários de limpeza! Como é que a pessoa vai limpar antes da gente entrar, depois que os alunos saírem, depois da outra turma, a gente sabe que esse tempo de almoço já é complicado porque é puxado, e a gente tem até outro entrave que eles falam de dois portões, um para entrar e outro para sair. Lá na escola que trabalho nós temos, porém quando a gente sobe para o andar de cima nós não temos. Só temos um acesso e não temos ventilação nenhuma no corredor. Então assim essas coisas têm que ser consertadas. E outras escolas que a gente conhece, nós temos 72 escolas e eu conheço quase todas as escolas de BM como sindicalista, que eu já fui, são precárias. E aí ainda tem a questão dos containers alugados que funcionam como sala de aula, que não vamos poder ligar o ar-condicionado e as janelas são minúsculas, tem que ter ventilação, não pode ligar ventilador. Então a situação é bem crítica. Se a gente não começar agora a gente vai ter um problema no ano que vem porque os pais vão começar a cobrar e com razão, a gente sabe que eles têm razão. E o município não se prepara para isso, eu não vi nada disso. A não ser esse fórum que foi criado e que a gente entende que é para dizer que é democrático, só pra dizer.

P6F11BM - Eu só dou aula aqui em BM, eu acho que teve um distanciamento muito grande, porque eu tiro base por mim, vou falar o que aconteceu, olha o distanciamento, que eu não lembro mais os nomes dos meus alunos! Porque foi muito pouco tempo presencial e teve um distanciamento total sem contato nenhum. Com os pais eu não tive quase contato. Eu senti um distanciamento muito grande. Agora com as entregas dos PEDS, das atividades eu vou ajudar a entregar para eu ter algum contato com o pai. É um momento que eu estou aproximando dos pais.

P7M7BM - Como eu vivo em duas realidades distintas eu consigo perceber diferenças até devido às escolhas que cada Rede realizou. Uma rede eu tive uma aproximação muito grande porque os trabalhos só pararam durante 15 dias. Eu não vou nem entrar no cerne se foi bom ou se foi ruim. Em relação à Rede A, o que eu percebo, apesar de não ser a mesma coisa, nós conseguimos nos comunicar tanto com questão pedagógica como não. Eu tive alunos que me enviaram fotos de aniversário, o que eles estavam fazendo, ainda estabelecemos uma proximidade mesmo que pequena, mesmo que não fosse só pedagógica. Mas já nessa outra Rede BM já não tive tanto essa proximidade, houve um afastamento maior, apesar de terem condições maiores de acesso que na outra Rede A. Em Barra Mansa há mais possibilidade de acesso às informações, à tecnologia, ao celular, de estarem dos 20 alunos que eu tenho, 18 estarem num grupo que foi criado pelas mães da minha turma que posteriormente elas me colocaram, foi uma atitude das mães por causa da pandemia, enquanto a SME ainda não fazia nada. Mas foi um grupo que não tratava de nenhum assunto pedagógico, mas houve uma preocupação de manter contato com o professor, também já é o segundo ano que trabalho com essa turma que vem comigo desde o primeiro ano, aí essa relação com a família fica mais fácil.

P6F11BM - O que eu penso daqui para frente e espero é que os pais tenham um olhar diferenciado para nós, que eles entendam agora qual é a verdadeira necessidade do professor. Que ele consiga valorizar mais o nosso trabalho, que ele consiga ver também as dificuldades que a gente tem, onde estão as nossas dificuldades quais as dificuldades que a gente enfrenta em sala de aula, eu espero que eles retornem com essa realidade mais aguçada de estar entendendo isso. Pelo que eu escuto de alguns pais que eu encontro é que o aluno

P7M7BM - Eu vejo que a gente precisa quebrar as barreiras da comunicação, porque eu acredito se a gente se comunicar melhor, se a gente se fizer entender melhor, quais são os nossos objetivos, nossas vontades, quais são os nossos anseios, em quê que a escola pode contribuir, eu acredito que as coisas possam melhorar. Quem sabe se a gente utilizar esses recursos aí que a pandemia vai deixar como legado dentro da escola para estreitar as relações, a comunicação para melhorar algumas coisas.

V.XII - Pergunta n. °3 e n. °6/Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME BM

A partir do evento Covid-19 as relações com as Famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.

Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19?

Avalie a participação das famílias antes da Covid-19

Avalie a participação das famílias durante a Covid-19.

Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias?

EQDP1F27BM - Tivemos alguns casos que ficaram mais assim em evidência das famílias ligando desesperadas para os professores e aí a Coordenação do CEMAE colocou um whatsapp e uma assistente social para atender emergências.

EQDP2F22BM - A gente não achava que fosse ficar tanto tempo assim, diF16 de março as aulas foram interrompidas, seriam 15 dias, mas foi só prorrogando, prorrogando. E todo mundo em casa, e o contato, a relação com a família neste momento foi simplesmente ligar para saber como o fulano está, “ah ele está muito agitado porque está sentindo falta da escola e eu não sei o que fazer com ele”. Então houve casos assim da família ficar realmente sem chão e a gente tentava... eu mandava links de atividades para serem feitas pela internet porque nem na casa a gente podia ir. Porque a gente poderia ou ser contaminado ou contaminar. Só depois de três meses que eu fui à casa de dois alunos porque eu não estava conseguindo ter nenhum retorno pelo celular. Aí eu fui ao portão para saber como estavam.

EQDP3F12BM - Eu penso que durante esse período as relações foram muito negativas, muita distância, com muitas dificuldades de auxílio a esses alunos. Pedagogicamente dizendo eu acho que foram meses assim como não existisse família e escola. Foi só prorrogando, prorrogando e o contato.

Várias famílias buscaram ajuda através de nosso contato pessoal de whatsapp. Pedindo orientações sobre como conseguir receitas para a medicação, etc. Foi um momento muito difícil. Muitas crianças regrediram.

EQDP1F27BM - Nós estamos distribuindo o Plano de Estudo Dirigido que nós começamos a distribuir em setembro.

EQDP2F22BM - Agora bem recente, há 2 meses que as famílias estão recebendo os PEDS. A princípio a justificativa da demora se for analisar assim, é porque nem todos os alunos teriam condições de acompanhar aulas a distância. Acho que 30 ou 40%.

EQDP1F27BM - Eu faço parte do Conselho Municipal de Educação e aí na primeira semana que houve essa suspensão das aulas, tivemos reuniões, e foram reuniões semanais e muito polêmicas, eu vou dizer assim, quando votamos e o que venceu foi não adotar o sistema de ensino remoto com o uso de tecnologias, porque Barra Mansa é uma cidade onde a maioria das crianças da Rede Pública de Ensino são das classes populares, classes sociais muito baixas, a maioria tem celular, mas não tem internet. Não tem velocidade suficiente, não têm condições suficientes. É um celular para um membro da família só e não tem espaço físico. Analisando o contexto social das nossas famílias falta condições arquitetônicas nas casas, falta condições de todos os aspectos: silêncio, um local tranquilo para a criança estudar, a internet que a maioria não têm um computador decente, um Notebook ou tablet decente, a maioria não possui esse acesso. Tem criança que tem, é claro que tem, mas não é a maioria. Então se Barra Mansa adotasse esse sistema de ensino nós estaríamos sendo excludentes. Então foi quase que por unanimidade foi votado a decisão de suspender as aulas e aguardar. Quando foi em junho o Ministério Público fazendo reuniões com a presidente do Conselho Municipal de Educação e com a Gerência Pedagógica começou a cobrar: “E aí o que vocês vão fazer?” Foi quando a Gerência Pedagógica iniciou o trabalho com os PEDS, Plano de Estudo Dirigido, Os PEDS começaram dentro da SME em junho. Elas começaram a elaborar, mas sem um planejamento muito bem elaborado porque não sabiam se iria voltar em agosto, se volta em setembro, ou se volta no final de julho, então assim o Conselho Nacional de Educação também lançou uma Nota em 23 de junho quando se falou do Ensino Remoto, dessas possibilidades, e aí foi pensado muitas coisas. Assim não houve um total descaso não! Houve muita preocupação. O medo de excluir acabou atrasando.

EQDP2F22BM - Em resumo era falta de estrutura mesmo das famílias e do município em oferecer condições.

EQDP1F27BM - Chegou a levantar hipótese de montar alguns pontos com internet nos bairros para as crianças irem, mas aí não iria gerar aglomeração, então foi pensado em N situações para tentar sanar esse problema, e aí no final de tudo decidiu-se mesmo o PED a cada quinze dias. O CEMAE está adaptando para os nossos alunos com deficiências, nós três somos responsáveis pelo currículo funcional, daqueles alunos que não leem e não escrevem. Os alunos da Ed. Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, do currículo funcional nós três é que estamos elaborando o PED.

EQDP2F22BM - Enquanto as aulas ficaram suspensas as famílias cobravam, faziam comparações com Volta Redonda: “Ah em VR já tem aula a distância quando é que vai começar as aulas online em BM?”.

EQDP3F12BM - As famílias cobraram muito.

EQDP1F27BM - A gente tem duas vertentes. Tem mãe adorando e tem mãe insatisfeita porque acha que... A gente tem ouvido de tudo “poxF14 páginas! Meu filho faz isso em uma tarde”; aí outra fala: “gente que absurdo 14 páginas! Esta semana! Meu filho não vai dar conta disso não!” Então existe as duas vertentes, depende muito do ponto de vista dessa família, de como eles valorizam a Educação, da disponibilidade, da abertura que eles estão para receber esse PED. Assim, mas analisando o material. tem muita coisa para melhorar, temos, somos humanos erramos, mas procuramos acertar, mas o material tem muita coisa boa.

EQDP3F12BM - Depende da família, tem família que não tem condição do material básico, nós fazemos a adaptação e às vezes, por exemplo, a gente fica preocupada se a família tem como realizar a atividade, por exemplo, a gente coloca atividade com elástico colorido, será que a família tem condições de comprar? Tem família que não tem condições! Pregador colorido a gente pensa tudo isso, então tem família que não tem condições. E por outro lado aí se eu deixar de enviar essa atividade porque um não tem condições e o outro tem condições vai perder a atividade, vai deixar de ser contemplado! A exclusão às vezes se repete. Eu fico muito preocupada.

EQDP1F27BM - Aí eu falo com a EQDP3 o seguinte, quando se deseja muito, quando se quer muito, quando se luta pelo filho por mais modesta que seja a família, esses alunos nossos eles recebem o LOS, Mil e trinta e oito Reais que eles recebem por mês, então se esse dinheiro for bem administrado, dá para a família tirar uns cinco reais para comprar o elástico colorido, o pregador colorido para ele fazer a atividade. Então é assim é como a

família valoriza aquela dinâmica, aquele trabalho. Se a família está observando como prioridade, como algo enriquecedor, então é possível! Há famílias e famílias.

EQDP1F27BM - Projeção

Na verdade 2021 se nós retornarmos nós vamos ter um retrocesso muito grande principalmente para os nossos alunos neuro atípicos, mas para os alunos em geral. Houve uma quebra também nas relações, e. teremos que reconstruir.

Eu penso que eles vão valorizar mais a escola, eles vão valorizar mais os profissionais que atendem aos filhos deles. Eles vão perceber que na Educação Especial para você obter resultados é tudo muito lento, muito devagar, e às vezes as famílias querem resultados, cobram do professor do AEE, cobram do professor do regular, cobra da orientadora, e às vezes a família numa ansiedade para que o aluno acompanhe os pares e já que ele tem um ritmo diferente de desenvolvimento tanto na linguagem, psicomotora, social, o ritmo é todo diferente, na maioria dos casos, depende de cada caso. Então quando a família no momento que ela perdeu todo esse suporte da escola, do AEE, do serviço clínico e de repente a família se viu sozinha com essa criança com necessidade especial dentro de casa, quando ela tiver essa oportunidade de novo eu espero que eles valorizem mais. Apesar de que muitas mães nos valorizam. E aí eu penso que poderá incluir mais também, pois quanto mais relação de confiança tem entre família e escola a criança só tem a ganhar com isso, o processo de aprendizagem acontece de uma forma mais tranquila, a relação de confiança, a adaptação da criança, tudo é acontece melhor, tudo flui melhor quando a família e a escola caminham juntas.

Os professores do Ensino regular estão disponível, em algumas escolas, isso é orientação de alguns diretores, ficando duas horas disponíveis num grupo via whatsapp, em que tem os pais, diretor, orientador, professor, alunos, que são convidados a ficar por 2h por dia para esclarecer dúvidas com relação aos PEDS. Olha só aonde nós chegamos, porque a tecnologia vem como proposta ao processo ensino-aprendizagem há muito tempo, e neste momento agora, é um caminho... é o nosso caminho, é o nosso meio, é a nossa alternativa. É o que está salvando no momento agora e as escolas...

EQDP2F22BM - Projeção

Eu acho que todos voltarão, entrarão nesse momento de tempo de estar projetando mais informação eu acho que o nível de informação aumentou de alguma maneira, até mesmo nessa troca com as famílias, ainda que não haja uma estrutura, mas eles trocam conversas, “o seu filho como está?” Então eu acho que o nível de informação sobre como eles estão ou como eles deveriam estar, e o que eles estão sabendo do que está acontecendo em outros lugares eu acho que o nível de informação vai ser maior e talvez isso seja um ponto que ajude a gente a chegar numa situação de uma parceria maior família/escola, eu acho que isso poderá acontecer. Eu vejo uma projeção assim de mais conhecimento de um modo geral.

EQDP3F12BM - Projeção

Eu acho que teremos que reconstruir relações, convívios... Muitos de nós aprendemos e estamos aprendendo com essa pandemia e no que está acontecendo no nível mundial, mas muitos também não, então muitos vão chegar abertos a reconstruir essa história com paciência, com carinho com tolerância, tanto famílias quanto escolas, e muitos outros também não. Eu acho que é reconstrução a palavra seria essa. Reconstruir laços, confiança, trabalho. Eu penso que é isso.

Em relação ao uso de tecnologia, whatsapp, por exemplo, a orientação sempre da SME é para ter cuidado com o que se escreve com o que se expõe... Antes se utilizava muito menos do que a gente usa hoje, é um caminho sem volta, não tem como trabalhar sem tecnologia, a gente tem que encontrar um equilíbrio, mas é um caminho sem volta para se comunicar com as famílias. Teve até pedido de ajuda que chegou pelo whatsapp de famílias sem nada para comer em casa que a equipe se mobilizou e ajudou. É um caminho sem volta. A gente tem que ponderar, mas é muito positivo.

As escolas já estavam começando a reformular essa questão da tecnologia em sala mesmo, em laboratórios, já estavam já se adaptando, orientando esses alunos a usarem de forma saudável, de forma produtiva. Já estava acontecendo

EQDP5F60BM - Eu acredito que com essa Pandemia que as mães e os pais que tiveram que ficar em casa ensinando alguma atividade que eles não sabiam então a gente viu vários relatos, eu mesma vi, no facebook, na internet, que a mãe não estava aguentando..., que como é que a professora conseguia ensinar trinta se ela não conseguia ensinar um! Ela perdia a linha fácil, ela não sabia como ensinar, e o menino não queria fazer, e ela não conseguia

fazer com que ele realizasse aquela atividade, uma atividade, então como é que a professora consegue fazer isso dentro de uma sala com trinta crianças, e todos são obrigados a fazer e ela tem que se virar. Então ela começou a pensar e valorizar mais o trabalho do professor. Eu tenho a impressão de que depois dessa pandemia eles vão voltar um pouco diferentes, pois eles sentiram na pele como é o trabalho do professor para fazer com que as crianças, os filhos deles, em qualquer idade, sentassem realizasse uma atividade, fizesse direitinho, e a professora com toda paciência fosse lá um por um, a professora não pode puxar o cabelo, não pode puxar a orelha, não pode dar tapa, não pode fazer nada disso, agora o pai e a mãe que estavam ensinando... A gente via isso tudo eles puxavam orelha, dava tapa, agarrava pelos cabelos, eu presenciei várias cenas dessas no Facebook e eles falando. Então eles começaram, iniciaram a valorização do professor dentro de sala de aula com os próprios filhos que eles não conseguem ensinar a ler, ensinar a fazer uma continha, ensinar a fazer uma pesquisa, é difícil, primeiro porque eles não têm a técnica e segundo que eles não têm a paciência que a professora tem. Então eu acho que vai dar uma melhorada boa, eu tenho essa impressão, eu espero e desejo mesmo de coração que eles acordem para esse problema da desvalorização e desrespeito com o professor.

EQDP5F60BM - Durante a Covid 19 nós fomos muito cobrados. Telefonavam: “Que dia vai ter aula?” “Não vão mandar nada? Não tem nada?” Cobraram muito a gente, nós aqui enquanto escola. Isso durante o Covid 19, antes eles eram mais apáticos, só vinham quando a gente chamava. Não estavam muito envolvidos, mas durante a gente foi muito cobrado, e agora como a gente está entregando os PEDs, que é o Plano de Estudos Dirigido, que é uma apostila que a gente entrega para cada aluno de acordo com o ano de escolaridade com as atividades, então aqueles pais que mais cobraram que telefonavam que brigavam que cobravam a gente, eles não vieram buscar. A primeira entrega de PED a gente entregou para 85% da escola veio buscar, a segunda já foram 65% só, e a terceira a gente marcou dois dias para entregar, ficamos dois dias aqui a disposição e poucos compareceram. Vamos estender a entrega até na quinta e na sexta, que é o dia que a gente vai entregar o kit Escolar, o Kit de Alimentação Escolar ele é formado por gêneros alimentícios de acordo com a per capita realizada pela empresa de merenda escolar do que uma criança necessita por mês para se alimentar, se a mãe tiver dois filhos na escola ela leva dois Kits. É composto por arroz, feijão, leite, carne, frango, batata, cenoura, fruta. A gente vai montar esse Kit e vai entregar na quinta e na sexta. Antes fizemos uma inscrição, mas nem todos vieram se inscrever, por causa de

material perecível, alimento perecível, a gente tinha que saber quantos é porque não pode sobrar. Então a gente tem 484 alunos e só 305 se inscreveram, quer dizer eles gostam muito de cobrar, de criticar, só aquilo que realmente eles acham que está errado, porque é muito difícil você dizer que isso está errado e isto está certo, que isso é verdade e que isso é mentira, porque a minha verdade não é a mesma que a sua assim como a de ninguém, então a gente passa por isso também, e eles se estavam reclamando todos eles deveriam estar inscritos, todos eles, e desses que estão inscritos eu duvido que todos eles virão buscar os Kits, assim como não vieram buscar as apostilas. Eles vão pegar os Kits agora quinta e sexta e já farão inscrição para o próximo Kit que será entregue no dia 29 e 30. Vamos ver.

EQDP4F15BM - Eu acho que nessa pandemia ficou bem claro o que nós já desconfiávamos a algum tempo, que infelizmente a maioria das famílias, não está preocupada com a aprendizagem. Qual era a preocupação da maioria dos pais, vou colocar a maioria porque também não são todos ainda tem aqueles que se preocupam. Eles não queriam uma atividade para que os filhos aprendessem, eles queriam que eles voltassem para a escola porque eles não aguentavam mais ficar com a criança dentro de casa. Então a escola é vista como um depósito de criança, um lugar para a criança ficar para o pai trabalhar e não um local que ele vai para aprender. Essa parte assistencialista.

EQDP5F60BM - Daí é que vai chegar na conclusão que eles precisam valorizar ao professor, porque é o professor é quem socorre eles na hora que eles querem passear, na hora que eles querem trabalhar, porque nem todos vão trabalhar, eles mandam as crianças para a escola para se ver livre da criança, para poder descansar, para poder passear, essa é que é a verdade e a gente precisa encarar essa verdade, não são todos, mas tem alguns que fazem isso.

EQDP4F15BM - Na semana passada mesmo eu tive uma situação em que eu estava entregando as atividades e veio uma criança, ele deve ter uns 10 ou 11 anos, uma criança do 4º ano, já grandinha, ele veio sozinho buscar a atividade dele, estava até sem máscara, então quando ele foi entrar no portão, eu vi que ele estava com uma bolsinha com atividade feita, eu falei: “Meu filho cadê a máscara?” ele respondeu: “Ah tia esqueci” eu perguntei: “Você mora com quem?” “Com a minha mãe.” “Cadê a sua mãe, não vem para pegar a sua atividade?” “Não! Ela acordou agora!” Ela não vem aqui? Não tia! Ela mandou eu vim. Então naquele momento eu fiquei pensando eu mando essa criança embora ela não vá voltar para buscar a atividade. E ele queria a atividade que todos estavam pegando. Eu joguei álcool na mão dele, pedi para ele ficar distante porque ele estava sem máscara, entreguei a atividade para ele. Uma funcionária me questionou eu falei. “Ele saiu da casa dele, veio aqui, ele teve interesse,

se eu mando essa criança voltar porque só entrego para a mãe ele não vai voltar porque a mãe dele não virá”. Eu queria muito depois dessa pandemia a gente buscasse na escola, no município, no mundo mesmo a gente revesse essa situação. A escola o importante é a criança aprender para ter um futuro melhor e a maioria dos pais não tem essa visão, não tem essa preocupação, não dá essa importância para a escola.

EQDP8F15BM - Eu acho que esse momento é muito importante para nós. A gente estava conversando sobre isso em diversas reuniões que a gente teve, seja com parceiros ou até em reuniões com a nossa equipe mesmo, porque assim há um trabalho de consciência como eu tenho dito há muito tempo, a gente fala muito de currículo em processo, mas o que é? E de que maneira isso se reverbera na minha sala e dentro da escola? Então assim quando eu falo dessa família não vir só para a culminância... entender o processo é participar dessas ações, é dialogar com essa família, seja através de um projeto que vai, seja através de uma sequência didática que vai... Assim há um caminhar que me leva a saltos... então assim nesse período por que eu acho tão importante? Porque a medida em que essas propostas estão indo para casa a gente precisa muito dessa figura da família, muito dos pais. E a equipe se esforçou ao máximo para criar narrativas para que esses pais entendessem, dentro daquilo que a gente acredita, não fugindo daquilo que a gente acreditava, mas assim a família foi peça fundamental!

EQDP9F25BM - Com a pandemia as aulas foram suspensas, durante um período nós estávamos traçando ações, mas com a expectativa de um retorno breve, como esse retorno não foi possível nós começamos a desenvolver todo um trabalho de essencialização da proposta dos conteúdos, estabelecer o que de fato era essencial que fosse abordado nesse momento, e a partir daí, das habilidades que gostaríamos ... Que achamos importantíssimas, que tinham que ser desenvolvidas nós fizemos planos de estudos. Esses planos de estudos eles tinham a família como peça-chave para o seu desenvolvimento visto que as crianças não estão na escola, ela está em casa então quem teria que desenvolver essas atividades com a criança seria a família, principalmente no caso das crianças de Educação Infantil e de Alfabetização que ainda não estão alfabetizadas precisariam mais ainda da mediação de um familiar, de um adulto para que ela conseguisse executar as atividades. Então a gente observou que com esse movimento, com essa necessidade dos planos de estudo criou-se um protagonismo das famílias também nesta escolaridade. A família mediará toda a proposta que foi criada pela

SME com apoio dos Orientadores Pedagógicos e professores com essa criança. Então ela faria a leitura de todo esse processo para que a criança conseguisse desenvolver, não a leitura simples, do ato de ler, mas o interpretar, o entender para aplicar a atividade. Então criou-se a necessidade, a oportunidade da família interagir diretamente com a criança entendendo esta atividade, esta proposta. Precisou que eles entendessem a proposta para aplicar.

EQDP8F15BM - Porque que eu acho isso importante porque há um trabalho de quebra, de ruptura de muita coisa, de um ensino tradicional, que por mais que a gente acha que está vencido, a gente tem que lidar com a realidade. Às vezes a gente fala uma coisa há muito tempo e a gente acha assim não precisa mais falar, mas PRECISA. Às vezes você precisa dizer o que é óbvio. A gente vê assim uma quebra, ruptura. Eu falo de coisas simples, por exemplo, de um pai encher os olhos diante de uma apostila para Ed. Infantil ou mesmo para alfabetização! E que assim.... de quebrar e dizer: pai há muito mais dentro de uma rotina de Ed. Infantil, dentro de uma rotina de alfabetização. Eu falo da Ed Infantil, por exemplo, a Educação na Ed. Infantil é diferente do ensino da escolarização. A rotina é algo primordial, pensar nos espaços, pensar na maneira que organiza os ambientes. Então assim quando a gente pensou essa proposta que vai para casa a gente pensou assim dentro de uma narrativa, por exemplo, de Manoel de Barros: “Quando a gente sai da escola a escola está dentro da gente”. Então assim pensar essa casa como um local a explorar, pensar um novo encontro com algo que era óbvio! Então assim a gente foi criando narrativa e a devolutiva que a gente teve dos pais é como se eles olhassem com olhos de enxergar coisas que até então eles não viam!

EQDP9F25BM - Exatamente! Que faziam parte do cotidiano e que não eram percebidos plenamente, não era visto de verdade.

EQDP8F15BM - Estava morto.... Então assim quando a gente pensou esse material esse diálogo que a gente estabeleceu... Que o pai foi o nosso locutor, ele foi o nosso locutor além da criança, mas como a gente diz: os técnicos somos nós, quem entende de educação somos nós, mas à medida que ele foi para casa ele foi um locutor formidável, pelas devolutivas que nós temos tido. Quer oportunidade melhor para ele entender esse processo? Coisas assim... Pensando a rotina... com essas crianças, as crianças enxergavam objetos até então ali na casa que eles não sabiam e que eles de repente descobrem a história que eles

exploram novo ambiente, pensar a geografia da casa. Você tem saber, você desmembra um conhecimento, mas assim de uma maneira muito diferente de repente do que os pais entendiam.

EQDP9F25BM - Partindo da mesma comparação que fiz agora há pouco... Eles tinham um flash, eles tinham uma fotografia de uma atividade que via, de uma atividade que era desenvolvida em casa ou de algo que o filho contou que fez que ouviu uma história. Hoje ele consegue ver pelo plano de estudo que tudo isso tem um contexto, então ele consegue acompanhar o porquê aquela história foi escolhida, aquele texto, onde passou, tudo que conseguiu explorar em cima daquilo... A atividade lúdica que às vezes era apenas um jogo... Ele consegue perceber que está totalmente relacionada a tudo que vem acontecendo ao longo do plano de estudo. Então nós conseguimos mostrar na prática qual é a proposta de trabalho com projeto ou com sequência didática. A escola foi a nossa porta voz, e as escolas e as famílias através dos meios sociais mantiveram contato e foi através das redes sociais que os pais conseguiram socializar essa vivência. Postaram vídeos da atividade sendo realizada, postaram fotos das crianças fazendo as descobertas, e concluindo todo o trabalho. Então foi dessa forma que aconteceu essa interlocução. Esse nosso feedback veio através das falas quando eles vão pegar ou entregar os PEDS na escola, comentam como foi o que acharam através das redes sociais principalmente que eles estão postando eles estão divulgando o trabalho que está sendo em casa. Que é outra coisa também, porque a gente não acompanhava, a gente só tinha o produto pronto, agora a gente consegue perceber através dessas postagens como foi o desenvolver da coisa em casa também. Então tanto eles conseguiram entender melhor a proposta como nós conseguimos acompanhar melhor a realidade lá da execução. E através também, agora os professores têm um *feedback* com os grupos de whatsapp que foram criados com a turma, então eles conseguem interagir, saber qual a dificuldade, tirar as dúvidas, dá sugestões, através dos grupos de whatsapp de cada turma.

EQDP8F15BM - Essas publicações eram compartilhadas nesses grupos para o professor, então muitas publicações passaram pelo professor, escola e chegou a nós. Quando veio essas devolutivas foi muito importante para nós.

EQDP9F25BM - Há planilhas de acompanhamento da entrega e recebimento, cada escola recebeu. Então a família ao buscar o PED assina o recebimento e é computado o aluno que pegou, e da mesma forma quando vem devolver. Faz a devolução e é registrado. E a gente teve uma participação maciça, quase integral. Foi próximo a 90%. Tanto de pegar quanto de devolver. Eles deixam numa caixa fica armazenado nessa caixa num primeiro momento por segurança e a família recebe um novo plano de estudo para os próximos 15 dias.

EQDP8F15BM - Precisou-se fazer chegar, precisou-se de uma linguagem que atravessasse, por isso é que estou falando essa era a nossa preocupação. E quando a gente vê as devolutivas os cenários são os mais vulneráveis, e você pode imaginar. A gente vê assim.... porque a gente não tem só foto, as vezes a gente tem vídeo então a gente vê o ambiente em que está, mas assim o esforço é tamanho, então assim está chegando para todo mundo, mesmo com realidades muito distintas a aprendizagem está acontecendo. Ontem eu usei e hoje vou usar de novo o Ariano Suassuna: Nem otimista e nem pessimista, mas realista esperançoso. Então assim há um medo de cair para a antiga escola ...repetir o tradicionalismo...

EQDP9F25BM - É a gente não pode desperdiçar a oportunidade que a pandemia nos deu de reinventar, e de fato fazer com que essa escola seja uma escola nova, mais próxima da realidade, do anseio do momento que a gente vive de desenvolvimento. A tecnologia está a todo instante na nossa vida e aí na escola você vai inibir a tecnologia? Ah não pode isso. Não! A pandemia trouxe essa oportunidade de interação, de levar a escola para dentro de casa e integrar essa família. Então são coisas que a gente não pode perder. Então a gente precisa buscar estratégia para manter tudo aquilo de bom que a gente conseguiu desenvolver nesse período. Tudo que caminhou até agora, as reflexões... porque o mundo não é o mesmo de... E a sala de aula é a mesma... Idêntica do século XIX.

(A entrevistadora pergunta se todos os pais têm acesso à internet e se conseguem postar os vídeos.)

EQDP8F15BM - Houve um diálogo para a nossa tomada de decisão, quando a gente optou por uma atividade não presencial, por uma proposta não presencial, a primeira coisa que foi feita foi ouvir os pais, através de uma pesquisa com os pais para saber deles se eles tinham ou não condição, então houve um questionário.

EQDP9F25BM - No começo nós fizemos uma pesquisa com representatividade de todas as Unidades Escolares, um percentual de todas elas, cada uma pesquisou com um grupo, um tanto lá, uma percentagem do seu número de pais, sobre as condições de acesso para ver se abriríamos ou não a plataforma de ensino. Se iria ser adquirida, se iria atingir ao objetivo, se seria produtivo. E o resultado da pesquisa é que a grande parte tem acesso à internet, mas não tem um plano de dados que contemple a utilização da plataforma, para fazer download de arquivos, upload de atividade, para a questão do desenvolver o trabalho mesmo. Eles têm acesso à internet, mas a maior parte por planos pré-pagos que dão uma autonomia de utilização maior para redes sociais, a maior parte das famílias tinham um celular com acesso à internet e mais de um filho em idade escolar, então teria que fazer uso do mesmo aparelho. A maioria não tinha computador nem notebook. O acesso a maior parte via celular, então dificultaria a utilização dessa plataforma. Por isso que foi pensado no plano de estudos impresso, a gente disponibiliza em arquivo digital para os pais que têm a facilidade e preferem, até para não terem que ir até à escola buscar, pegar, mas a impressão foi feita para todos, foi contratada a gráfica para fazer a integralidade mesmo dos planos para os alunos, PEDS, para que ninguém ficasse de fora.

EQDP8F15BM - O nosso ponto de apoio foi o diretor, o nosso elo com as famílias. Porque a nossa tomada de decisão foi direcionada a partir disso. Nós tínhamos um plano A, B, e C. E foi a partir dessa escuta com as famílias que nós optamos por essa proposta não presencial. É tanto que durante este processo nós nos reconfiguramos, porque há o possível, há o ideal, mas também pensamos que no momento em que estamos vivendo e numa previsão para as ações futuras, a gente precisava aos poucos... E também pensando nesta questão da tecnologia enfim, então assim.... o quê que aconteceu nesse momento a gente pensou numa plataforma também, optamos pelo youtube que seria algo mais fácil, mas não como algo que... não é isso que vai garantir essa aprendizagem dos alunos nesse momento, mas como algo a mais.

EQDP9F25BM - Então... Quando percebemos que não era acessível à totalidade dos alunos, nós estabelecemos para que atinja a totalidade seja impresso. Mas como nós sabemos que existem os que têm acesso, têm facilidade e preferem e que é o que precisa ser desenvolvido nesse momento nós oferecemos com algo a mais. Então eles têm... Aqueles que têm acesso e preferem o acesso ao plano de estudo digital, nós temos um canal no Youtube

que foi criado para divulgar conteúdo da educação que fosse para todos, mas não obrigatório, eles acessam a medida que podem que conseguem. Os conteúdos então não são determinados por anos de escolaridade, são temáticas que podem atender diversas especificidades. Para contemplar sem excluir ninguém.

EQDP8F15BM - E outra coisa também, além disso, a gente conforme foi pensando os planos de estudo, por exemplo, no início não, mas a gente foi pensando vamos tentar colocar um QR CODE, mas assim mesmo aquele que não conseguir acessar ele vai conseguir fazer porque tem a proposta para quem quiser entrar e tem para quem não quiser, mas a gente também precisa pensar nesse momento e redirecionar nosso olhar, a gente precisa pensar nesse momento como uma oportunidade pra gente aprender mais. A gente precisou pensar na tecnologia como aliada e a gente precisou mover, a gente se desacomodou totalmente e foi buscar ferramenta, então assim tanto o Canal Do Aprender ao Ensinar é uma representatividade disso, porque a gente precisa lidar de uma maneira melhor porque as crianças já têm a tecnologia.

EQDP9F25BM – PROJEÇÃO

A projeção eu acho que é muito do que a gente tem feito hoje. Daqui a um ano eu acredito que o cenário não vai ser muito diferente. A gente vai ter que ainda que desenvolver trabalho com apoio da família essencialmente, não só por uma questão de concepção, de vantagem, de pontos positivos, de acreditar que isso seja importante, mas porque de fato vai ser necessário, ainda. Primeiro porque houve essa mudança e não tem como voltar atrás, é um rio... o rio passou e aquela água não vai ser a mesma. Não tem como voltar e tomar a mesma água. A tendência é a família está mais presente. Daqui a um ano eu acho que é um cenário muito curto para ter de fato mudado e passado esta questão de pandemia. Eu acredito que a gente ainda vai estar vivendo num contexto de muita restrição, de convívio, de contato, quanto por essa participação. Eu acho que a família hoje ganhou um espaço que não pode ser tomado dela mais. E a tecnologia também, principalmente...

EQDP8F15BM – PROJEÇÃO

A tecnologia como facilitadora, como aliada, uma ferramenta essencial. Não só... Eu acho que o nosso olhar para essas famílias é de mais presença, mas eu acho que a família também teve um outro olhar, de pensar na importância e na realidade da educação.

EQDP9F25BM – Continuação PROJEÇÃO

E essa questão da tecnologia ela além do processo ensino-aprendizagem, na formação também do professor, é um caminho que a gente vai ter que continuar trilhando, não cabe voltar, eu acho que cada vez mais ele tem que se estabelecer. Como um meio de formação, um caminho de formação, de contato, de interação

EQDP10FBM - Com a Covid 19 eu vejo uma alteração até um pouco negativa, eu tinha uma relação bem mais próxima, com muito mais assim... Propriedade dessa atuação familiar e escola no contexto presencial. Online a família ficou muito perdida, ela esqueceu que ela é assim ator fundamental. Ela precisava ter uma atuação mais evidente ali como pai, responsável, como pessoas que têm objetivos ali com os filhos. E ela se... Eu acho que ela entrou em pânico... Eu não sei o quê que aconteceu... Elas se fecharam. Teve um percentual grande, eu penso que hoje uns 30% das famílias se fecharam e tomaram decisões negativas. Nós tivemos esses casos na nossa escola e foi preciso a gente ter assim toda uma estrutura técnica mesmo para resgatar essas famílias e essas crianças porque se não eles ficavam isolados e se sentiam até prejudicados, mas também não tinham uma atitude de ação, de buscar o seu papel, de fazer uma intervenção, de cobrar das instituições, cobrar do governo, uma responsabilidade de aplicação da vida acadêmica da criança. Ficou na inércia, isso foi ruim.

Nessa questão de assim... Atuar como pessoa que contribui dando opinião, dando sugestão, fazendo parte efetiva mesmo da questão acadêmica da escola, administrativa e acadêmica, mas eles participaram como eu te falei, no início da pandemia é como se tivesse dado um mal-estar nas pessoas e elas não tiveram reação. E a gente também, a gente também foi pego de surpresa, a gente também não sabia como fazer. Até porque a gente não tinha essa prática de trabalhar a distância. Apesar de a gente ter uma plataforma, a gente ter o recurso, porque a nossa escola tem por causa da assessoria de livros, a gente tem uma assistência de apostila, e aí oferece o trabalho da plataforma e a gente não utilizava, e agora o que aconteceu... quando nós pegamos o ritmo aí engrenou e a gente envolveu os pais, nós fizemos eventos, fizemos festas, a comemoração dos 105 anos da escola... No aspecto geral da pandemia nesses meses todos, eu penso que uns 30% é que precisaram que a gente efetivasse essa atuação deles participante. Dar opinião..."Gente o que vocês acham... vamos fazer um filme com as crianças?" "Oh nós vamos fazer uma provinha online, vamos fazer um trabalho com tal recurso didático, que vocês acham? Dá para vocês ajudarem a criança?" "Vocês

concordam com isso? “Porque a gente sempre está sempre fazendo reunião e pedindo opinião”. Então... eu fazia muito formulário de investigação com eles pelo Forms, então tinha pais que não respondia nada no início. Agora não agora já tem quase que uns 80% participando em tudo! Tanto nas aulas presenciais, nas reuniões, nas festividades, em tudo que a gente oferece. Mas antes da pandemia erF100% de atuação deles. A gente sofre com essa distância, a gente sofreu bastante!

A nossa escola possui independência administrativa, ou seja, é uma instituição filantrópica que recebe da PMBM merenda e professores, mas possui independência administrativa e pedagógica. Uma instituição filantrópica com caráter particular significa que ela tem autonomia e ação. Tanto é que a nossa escola é supervisionada pelo Estado, nem é pela prefeitura. A gente tem parceria com a prefeitura, mas a gente não tem a obrigatoriedade de seguir as regras da prefeitura. Foi um transtorno louco porque as professoras elas não tinham ordem para trabalhar. Então nós ficamos assim nesse impasse muito grande com a própria SME para que a gente seguisse a linha do caráter particular, e fomos orientadas pelo Estado o tempo todo, a supervisão do Estado e a Coordenadoria para que a gente não deixar de cumprir o nosso papel enquanto escola de caráter privado. Nós tivemos aulas online normais, desde início de abril. Nós tivemos 15 dias de recesso em março, desde 13 de março a 30 de março. Dia primeiro de abril já começamos com todas as nossas atividades online. E de lá para cá todos os dias têm aula, aula normal online, atividades, provas, reunião de pais, conselho de classe, tudo normal.

EQDP10F30BM - No nosso caso antes da Covid estava todo mundo bem tranquilo, os pais estavam atuando com a gente, iniciaram o ano até bem, no ano passado nós tivemos muita participação, muito trabalho, todos juntos, mas tudo muito tranquilo, mas sem aquela necessidade de atuação tão efetiva por parte da família, porque a escola estava presente, mandava recado, lembrete das atuações e tal. Durante a Covid eu penso que os pais levaram um choque porque eles foram obrigados a serem parceiros dos filhos, eles tiveram que arrumar tempo, se organizar para realmente acompanhar realmente a vida acadêmica da criança, porque antes eles não faziam isso, eles deixavam para as professores particulares, para as empregadas, eles iam trabalhar e só chegavam de noite em casa, a nossa realidade lá é uma quantidade absurda de pais que deixam os filhos sozinhos, porque são de classe social sócio econômico mais inferior, e com isso eles tiveram que reorganizar a vida deles de atuação paterna aí junto com as crianças, para poder ter um resultado melhor, mas têm uns

que deixaram, continuaram seguindo a vida deles e o filho ficou abandonado, ou com avós, e até mesmo em professores particulares, porque muitos mantiveram com professores particulares. E o que a gente está projetando para 2021? É colocar as crianças no colo de novo porque a gente tem clareza que as crianças vão ter muitos aprendizados, a gente sabe que essa vida de tecnologia, esses aprendizados aí foram fundamentais, mas essa relação com o outro, a convivência, esse trabalho mesmo de ajuda mútua, eles vão ter que recomeçar, muitos deles estão se mostrando crianças perdidas nessa questão de relacionamento. Então o quê que a gente já combinou: no mês de fevereiro inteiro, já está previsto no nosso calendário escolar 2021 será um mês de adaptação de novo, vai ter que fazer uma adaptação com as crianças de conduta, de respeito ao outro, de ter essa distância, de ter esse cuidado, porque por mais que esteja liberado, e eu acredito que não estará em fevereiro, mas se estiver tudo liberado no caso de voltar tudo ao normal, eles já não estarão mais naquele mesmo normal, eles vão ter que ter hábitos diferentes, posturas diferentes, mas sem perder essa essência da proximidade, sem perder essa essência da amizade. Porque tem criança na minha escola que não tem nenhum outro amiguinho a não ser o da escola. E com essa pandemia essa criança está extremamente isolada. Ela está carente de amigos, carente, tem criança que chora nas aulas online de saudade, de vontade de estar junto com os coleguinhas. Então a gente está pensando em fazer toda uma estrutura no mês de fevereiro, se a gente retornar para receber essas crianças. Posteriormente a isso nós vamos fazer a adaptação curricular porque aí a gente vai ter que ver toda a estrutura de conhecimento dessas crianças para poder engrenar o ano lá para abril em diante, porque antes disso a gente acha que não é possível, tem que fazer um ajuste mesmo, um acolhimento e um diagnóstico dessas crianças.

EQDP12F30BM - Acabou! A relação ficou... esse ano assim a gente... como a EQDP11F20BM falou a gente tem esse costume de receber os alunos ali na entrada sempre ou eu ou D 13 estamos sempre ali a gente tem o feedback na conversa com os pais, do que precisa ou as vezes das coisas que de imediato a gente assim está sempre falando com eles. Esse ano nós não tivemos tempo nem de conhecer aos alunos porque a U.E. é pequena, nós temos 76 alunos e quando chega assim meado do ano a gente já conhece todos os alunos, já conhece a maioria dos pais que estão sempre aqui. Esse ano a gente não teve tempo de nada. Então a gente conseguiu no máximo foi fazer o grupo de whatsapp...

EQDP13F22BM - O grupo de whatsapp isso aí foi muito bom desde fevereiro que eu abri esse grupo então eu fiz para o maternal 2A, 2B, 3A e 3B. Então a gente está sempre trocando mensagens e assim aconteceu alguma situação a gente já posta lá para ter uma ajuda deles ou um feedback deles para poder dar o retorno de todos os acontecimentos.

EQDP12F30BM - Então... inicialmente a gente tentou manter um pouco o vínculo dos professores com os pais. A gente pediu que os pais fizessem mensagens, postassem alguma coisa. Assim até dos professores também não foi um retorno 100%%, mas houve essa interação, só que a SME pediu para que a gente não fizesse mais!!! Porque nem todas as escolas estavam fazendo então para a gente ser uma unidade e todos fazerem as mesmas coisas foi pedido para que a gente deixasse de fazer isso!

EQDP13F22BM - Na primeira semana, e na segunda nós fizemos faixas, vídeos para postar nos grupos para as crianças de cada professora, nós tivemos algum retorno dos profissionais no início, depois com essa fala da SME, acabou assim... que a gente ficou... um pouco... eu mesmo fiquei desmotivada. Eu tinha preparado assim atividades para poder fazer em casa com história contada ali ao vivo. Às vezes nós mandamos mensagens perguntando como eles estavam e se estavam precisando de alguma coisa, no entanto no decorrer dessa pandemia a gente ainda pôde ajudar algumas famílias que estavam passando necessidade alimentar, então a gente voluntariamente procurou ajudar.

EQDP12F30BM - Mas a gente parou só com as atividades, mas a gente estava sempre mandando mensagens e tudo o mais, mas principalmente esta parte de ajuda porque a SME demorou para tomar a iniciativa de entregar as cestas básicas. Então a gente teve essa ideia de perguntar no grupo se alguém estava passando necessidade, nós ajudamos duas famílias por mais de uma vez.

EQDP12F30BM - Uma mãe eu sei que saiu do serviço. Ela esteve aqui com a gente falando que ela teve que sair do serviço e agora ela está cuidando das crianças.

EQDP13F22BM - No início eles gravavam as crianças e mandavam para nós, mas depois da decisão da SME isso parou.

EQDP12F30BM - Como as crianças mesmo estavam a gente não sabe, assim como as mães, por exemplo, de fato se viraram a gente não sabe, porque antes elas deixavam as crianças aqui e iam trabalhar, aquelas que trabalhavam a gente não sabe. Nós tivemos algum feedback na entrega das cestas: os pais chegavam e diziam: Não aguento mais! A preocupação deles era quando as aulas vão retomar.

EQDP13F22BM - Onde eles nos encontram, no ônibus, seja aonde for, eles perguntam: Vai voltar? Quando vai voltar? Uma mãe mandou mensagem no privado whatsapp perguntando.

EQDP12F30BM - Eles demonstram que a escola é o refúgio para eles, eles têm os filhos, mas eles não conseguem manter, educá-los devidamente. Então a U.E. é um apoio. Eles precisam da U.E. e da escola para poder ajudar na criação dos filhos, eles sozinhos não dão conta, eles têm dificuldades em educar, de acompanhar o desenvolvimento da criança em casa. Eles precisam da U.E. não só para deixar as crianças para irem trabalhar, mas “eu não aguento o comportamento dele” Então eles não sabem como lidar com o comportamento das crianças. Criança faz arte, criança brinca, criança presa dentro de casa... então, quer dizer, se eles dão trabalho aqui na U.E., imagina dentro de casa... eles não têm estratégias para lidar com a criatividade dessa criança, com a atividade da criança.

EQDP13F22BM - Porque antes eles encontravam com essa criança depois de 17h depois lá pelas 20, 21h a criança já ia dormir, no outro dia 7h estava aqui. E só final de semana, sábado e domingo com essa criança. Então eles não viam quase, porque aqui a criança ficava 10 horas. Eles sentiram muito essa dificuldade.

EQDP11F20BM - Eu observo assim: Eu tenho dois vizinhos que têm os filhos que estudam aqui. Uma a mãe ficou em home office e a criança você percebia que era estimulada, a mãe cantava com a criança, a mãe se sentava e brincava com a criança, ela tinha um horário que ela descia para brincar com a criança, porque a gente mora em apartamento, então descia para brincar com a criança e você percebia que a criança estava tendo atenção. No caso da outra família eu percebia muito estresse, muito grito, muita bronca, muito choro, então assim isso é uma constante têm famílias e famílias. Têm famílias que têm estrutura para poder ter planejamento, a gente vê assim têm pais que têm estrutura para lidar com as crianças e outros

não. E eu percebi assim também que essa família que eu percebi que sabia lidar com a criança você percebe uma consciência melhor tanto no trato com a criança quanto na importância que dá para a U.E., você percebe maturidade. Porque não a vê só como o local em que a criança fica para que eles trabalhem, mas como local em que as crianças irão se desenvolver. Se a gente considerar que a duas famílias que eu tomei como referência moram no mesmo lugar, você não atribui a diferença a questões econômicas, mas a questão educacional. Uma família tem uma formação maior, e a outra possui um nível de escolaridade menor.

EQDP12F30BM - A nossa clientela aqui é bem variada, mas a maioria dos pais tem pouca escolaridade, são novos também, têm muitos pais novos que não têm conhecimento, que não teriam condições de ter filhos, não foram educados ainda e estão tendo filhos e nem conseguem educar os filhos. Por isso precisam da U.E. para educar.

EQDP11F20BM - Eles precisavam ser educados como a D 12 está falando, porque eles não foram preparados para serem pais, então eu acho que precisava disso, desse preparo, para depois eles educarem seus filhos.

EQDP12F30BM - Aqui a gente trabalha em função da criança, a criança é o nosso centro, tudo tem que girar em função da criança, do desenvolvimento integral dela, do bem-estar, então a criança é o nosso foco. Tem que ter conhecimento para poder estar trabalhando com eles, tem que estar cobrando dos professores o melhor para eles, então o nosso centro é a criança.

EQDP13F22BM - E a gente tem um Norte que é o nosso PPP em que a gente tem que estar lá sempre embasado, nas leis, e tudo o mais para a gente poder dar um atendimento, tentar dar, um atendimento de qualidade. O PPP representa os valores democráticos...

PROJEÇÃO:

EQDP11F20BM - Nos próximos meses eu acho que assim a gente não tem nem como sonhar muita coisa, a verdade é essa porque a gente já está em novembro e o ano letivo se encerraria lá pelo meado de dezembro, então a gente tem mais um mês, então perspectiva para esse ano não dá nem para criar, eu imagino assim para o próximo ano, que a gente consiga retomar, retomar o nosso trabalho principalmente embasado nisso aí na experiência dos pais, no caso que a gente possa também puxar um pouco mais os pais e mostrar para eles

a importância da escola, e não só na questão do comportamento, mas a questão do desenvolvimento da criança, a questão dos direitos que eles deixaram de reivindicar, então assim o que é a base do nosso trabalho é o desenvolvimento integral da criança, não é só o desenvolvimento físico, intelectual, psicológico, mas o desenvolvimento de consciência de cidadão também, porque ele tem que saber que ele uma pessoa no mundo e ele é importante que ele tem direitos, ele tem deveres, e ele tem que cobrar isso. Então assim que a gente consiga passar isso para os pais também porque assim se alguma coisa não foi feita ao longo desse ano, se eles ficaram sem assistência foi por um lado deixaram de fazer, mas por outro deixaram de cobrar, mas por que deixei de cobrar? Porque talvez eu não saiba que eu tenho esse direito! Então assim eu acho que a gente tem que levar isso para os pais também. O que aconteceu foi por essa razão... vocês têm que participar mais, puxar mais os pais para essa responsabilidade.

PROJEÇÃO:

EQDP13 - Esse é um tipo de coisa que a gente vai ter que pegar bem firme mesmo porque desde... você vê a pandemia começou em março em abril os pais já poderiam estar preocupados com a alimentação. Por que não aconteceu dessa forma? Você vê demorou para isso tudo tomar um rumo. Eles poderiam ter formado uma equipe e ido à prefeitura pra saber se vai ter essa merenda, como vai ficar o ensino dessas crianças, então assim faltou esclarecimento dos pais, de que eles têm direitos.

PROJEÇÃO:

EQDP12F30BM - As meninas estão otimistas quanto ao próximo ano, mas eu enquanto direção pelas reuniões que a gente teve, eu sinto que a SME está muito parada, eu acho que depois do diF16 (eleições municipais) talvez eles abram os olhos e comecem a fazer alguma coisa porque BM em relação aos municípios vizinhos ficou... os municípios vizinhos todos tomaram decisão. Nós tivemos algumas reuniões online e até presenciais “Ah nós estamos certos de que tomamos a melhor decisão de não fazer o Ensino Remoto porque isso não vai dar certo”. mas também não tomou outra providência, esses PEDS vieram em outubro! Quer dizer quanto tempo ficou parado! E para o ano que vem a gente não tem nenhuma perspectiva. Não se fala de nada. Estamos criando protocolo, estamos criando protocolo, mas a gente não sabe... a gente não tem noção do que vai acontecer no ano que vem. Para criar esse protocolo foram convidados dois diretores.

EQDP16F20BM - A avaliação que eu faço é que as famílias estão nos cobrando para saber se a gente vai voltar com as aulas presenciais porque elas não estão aguentando mais os filhos dentro de casa. É só cobrança e incompreensão do porquê da suspensão das aulas, alguns argumentam que não há casos de crianças hospitalizadas com Covid, e porque a PMBM não libera para as crianças voltarem. O fato é que as famílias não estão aguentando as crianças dentro de casa

EQDP18M05BM - As famílias não sabem lidar com seus filhos. E estão ansiosos para o retorno das aulas presenciais. O filho está todo o tempo em casa e eles não sabem o que fazer para que eles não fiquem com o tempo ocioso, agora com essas apostilas... eles colocam o filho para fazer e eles percebem que não é só colocar para fazer, você tem que estar ali pra está cobrando, para estar falando olha se você não sabe pesquisa aqui, pesquisa ali. Então eles estão tendo um trabalho maior e isso está desgastando ainda mais, então muitos chegam aqui e dizem “Ai gente eu não aguento mais estas apostilas porque eu não estou dando conta da aprendizagem do meu filho, vocês têm que voltar logo, porque isso não está dando certo, ele não sabe pesquisar e eu também não sei.” E olha que eles estão imersos na tecnologia e não sabem pesquisar! “Então a gente não sabe o quê que faz com essa aprendizagem, aí vocês têm que voltar logo” Então essas são as reclamações deles durante a pandemia.

EQDP17F06BM - Eu acho que a comunidade em si respondeu bem ao que a PMBM exigiu, eu achei importantíssimo essa parte, Com todos os problemas que a escola tem, com as reclamações, e com as atitudes deles, eles estão respondendo corretamente, gostando ou não, eles estão tendo esse relacionamento de entrega e de busca. Eles vêm buscar as apostilas e vêm trazer. Às vezes têm dificuldades, alguns pais: “Como é que eu faço isso, como é que eu faço aquilo”. Tem esse retorno. Tem uns que vêm bravos, que não gostou, que não sei o quê..., mas vêm. Eles estão atendendo a um comando. Eles entenderam que a necessidade dessas apostilas, é o que vai suprir os filhos, assim eles entenderam que é uma responsabilidade, porque tem o termo de responsabilidade, tem tudo direitinho. Se tirar aqui uns dois ou três que não estão respondendo de uma escola de quinhentos e poucos alunos... é um mérito! Com todas as reclamações e com todos os conflitos e discordâncias.

EQDP16F20BM - Apesar de tudo estamos tendo uma boa interação, até as crianças de inclusão as apostilas, PEDs, elas são adaptadas para cada caso tem uma específica. E aí a

mãe vem, igual veio uma mãe de um aluno do Pré II e ele é autista, ela veio e falou que ele não queria fazer. Aí eu orientei a mãe: “Tem dias que nós adultos também não queremos fazer alguma coisa, então você espera o melhor momento dele, depois da medicação, são 15 dias...”, e no mesmo dia que ela pegou e ele já não quis e ela já voltou aqui que ele não queria fazer. Eu disse: “Calma... você vai conversando com ele, tem 15 dias para você ler...” Porque o Pré as mães que têm que ler e fazer as atividades com as crianças. São jogos, criar jogos, arrumar o quarto, a rotina, aí como não vai arrumar a sala vai arrumar o quarto, fotografar, têm fotos ali no mural que as mães estão enviando para as professoras.

EQDP17F06BM - Bom eu vou falar antes da pandemia em relação à mudança, porque houve uma mudança aqui. Desse um ano para cá antes da pandemia. As famílias abraçaram as novidades mesmo sendo mais disciplinar, sendo mais organizado, mais rígido, no início as famílias começaram com uma aparente rejeição, mas logo, logo quando viram tudo aqui organizado, as crianças uniformizadas, entrando nos horários corretos, acabando com os problemas ali fora do portão que antes tinha um problema muito grande também, muitas brigas, pulação de muro, então assim eu vou falar dessa família de um ano para cá. Abraçaram as mudanças, os pais mais presentes na reunião com a prestação de contas, os pais mais presentes, tivemos até pais que se ofereceram para fazer horta, fazer obra na escola, eu vou falar desses pais que abraçaram as mudanças que estão acontecendo ainda na escola, mesmo em momento de pandemia. E na época da pandemia os pais bem ansiosos para que isso passe logo para que eles voltem aqui, principalmente dar seguimento ao projeto de educação integral em que a criança chega 9h e vai até 17h. Fica aqui almoça, tem aula de música, tem aula de dança, tem xadrez, tem robótica, tem banda, tem muita coisa aqui então eles gostam. Eram 40 crianças aqui na parte da manhã participando desses projetos e a tarde aulas. Então esses pais queriam muito que voltassem. E após eu acredito que nós vamos ter pais bem mais antenados em saber que o professor é legal, que a escola é boa, valorizando ao professor, valorizando o patrimônio escolar, observando as mudanças, a direção tem muitos planos para melhorar e esses pais virão juntos, caminhando com essa visão. Tanto pais da inclusão também, muitas crianças que estavam aquém, estão se achegando, estão começando a caminhar junto com a escola.

V.XIII - Pergunta 3 – Grupo A – famílias - VR

**A partir do evento Covid 19 as relações com a escola sofreram alguma alteração?
Exemplifique com situações que tenha agradado e/ou desagradado**

F2FVR - Antes da pandemia a gente tinha mais facilidade porque era só bater na porta da escola, agora tem o dia certo.

F3FVR - É como lá na escola da minha filha eles até fizeram um grupo de whatsapp para tirar dúvidas durante a pandemia. Antes da pandemia não existia esse grupo de whatsapp, mas só quem fala no grupo de whatsapp é a coordenadora, os pais não! É só a coordenadora que comunica. E se a gente tiver que tirar alguma dúvida a gente envia no particular para ela. Ela tira as dúvidas

F2FVR - A escola teve que parar porque foi geral, teve que parar. E no primeiro momento as crianças ficavam sem assistência, porque veio a aula online, mas tempos depois, dias depois que parou tudo, obviamente eles não tinham como preparar isso de uma hora para outra. E as crianças demoraram bastante para se adaptarem nesse novo método, né? E nós também, a gente não estava preparada.

F2FVR -. E isso é... acho uma queixa geral de todas as mães. E a quantidade do conteúdo foi alterada porque não tem como ficar explicando tudo e as crianças estão um pouco perdidas quanto ao ensino à distância.

F1FVR - Fora as pessoas que, não é o meu caso, mas que não têm acesso à internet e que está tendo dificuldade também para poder obter o material, acompanhar, porque acaba tendo que... Não tendo a aula online, não tendo como tirar muitas dúvidas, porque quando você pega o material você tem que apresentar depois o material, isso eu falo dos pais que não têm acesso à internet, e estão tendo que explicar para os filhos coisas que às vezes os pais não têm tanto conhecimento, os pais não têm aquela base de ensino, está tendo que se sacrificar para ensinar, aprender alguma coisa para poder ensinar, isso para quem não tem acesso às aulas online, é muito difícil, não têm como tirar dúvidas. Eles têm acesso a um material impresso e você chega com material impresso para um pai que não tem esclarecimento e um aluno que está tentando aprender... fica um pouco complicado. Porque não tem ninguém para dar assistência de verdade na escola em relação a isso.

F2FVR - Normalmente quando a gente tem uma dúvida a gente tem como pesquisar, as vezes tem um videozinho que complementa aquela matéria, e a criança que não têm acesso à internet ela fica sem esse complemento, entendeu? (A Covid 19 pegou a todos desprevenidos fala da entrevistadora) Aí mais uma vez acaba alguém ficando para trás né?! Hoje está tendo aula online, meu filho está lá, numa turma de 35 alunos só está ele e mais um.

F3FVR - Lá é a mesma coisa.... Vai o conteúdo a criança tem dúvida não tem como tirar as dúvidas assim em relação à matéria. Eles parecem não têm interesse.

V.XIV - Pergunta n. °3 e n. °6 – Grupo B – docentes - VR

A partir do evento Covid-19 as relações com as Famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.

Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19?

Avalie a participação das famílias antes da Covid-19. Avalie a participação das famílias durante a Covid-19. Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias?

P2F28VR - A minha vivência já é diferente eu estou trabalhando na plataforma. Eu não vou dizer para vocês que todos os meus alunos estão na plataforma, mas aqueles que não têm condição de bancar uma internet, eles estão pegando material com a diretora da escola. Eu apliquei provas pela plataforma, mas aqueles que não tinham internet pegaram o material com a direção da escola, fizeram a prova, responderam o gabarito e entregaram na escola e quem corrigiu esse material foi a FEVRE que me retornou com as notas.

P2F28VR - Em Volta Redonda nós estamos fazendo a remodelagem da proposta para o ano que vem. Nós já sabemos que o ano que vem será um ano atípico, eu tenho participado de várias reuniões e estamos fazendo a remodelagem da proposta, estamos enxugando alguns conteúdos, colocando outros.

No princípio (desta proposta de aulas online) eu quase arranquei os cabelos! Eu não estava preparada para isso. Eu lembro que eu tive uma reunião numa quinta-feira e na segunda feira eu já comecei a postar atividades (tarefas). Eu não estava preparada, eu não sabia mexer. O máximo que eu fazia era preparar minhas provinhas, minhas folhinhas para dar a minha aula. Eu tive que aprender a fazer isso, fazer vídeo, baixar vídeo, isso tudo eu tive que aprender a fazer. E não houve uma capacitação, a Diretora fez uma reunião com a gente, explicou mais ou menos como funcionava a plataforma e a gente teve que aprender mesmo na marra. Agora o que eu achei de positivo é que teria que ter mesmo, não poderia deixar solto, porque o ensino agrega a criança na escola. Eu acho que uma plataforma dessas... o que está pecando aí é a questão da avaliação, eu não tenho como avaliar essa criança completamente, eles trazem a avaliação na plataforma e eu corrijo aqui, mas em casa tem um pai que está auxiliando, tem um irmão mais velho, então não é uma coisa assim muito real. Eu acho que esse critério avaliativo está pegando aí. A avaliação é escrita. Os alunos que são assíduos na

videoaula eu faço pergunta, então eu tenho uma avaliação mais segura, mas dos outros não. Porque eu não sei quem é que está fazendo a avaliação se a criança ou é o adulto.

P2F28VR - É o que nós temos para hoje P1, não tem como fugir! A criança assim não fica tão longe de escola entendeu? Ela abre ali ela faz atividades, não é o perfeito, mas é o que nós temos!

P2F28VR - Tem jeito sim P1 a gente compartilha tela, você vai fazendo com a criança...(em resposta ao argumento de P1F30BM)

P2F28VR- Eu penso diferente, eu acho que.... Pelo menos assim a conclusão que eu tenho tirado: eu não estou presente com as crianças, quem está são os pais, e eles estão se desdobrando. Eu estava até reparando... Porque eu passo tarefa todos os dias para os meus alunos e eles fazem e retornam, e tinham assim cinco alunos que as tarefas estavam iguaizinhas, eu pensei caramba! Não muda uma letra... aí eu fiquei sabendo, uma mãe me falou que eles estão fazendo vaquinha e pagando uma professora particular, e essa professora particular que faz as atividades com eles, então todos trazem a mesma resposta. Então de uma certa forma, mesmo aqueles pais que não têm tempo, ou que não sabem ensinar, eles estão procurando meios de não deixar o filho de fora, entendeu?

P2F28VR - Eu tenho uns pobrezinhos lá que vão pegar material na escola, são aqueles que não têm acesso à internet, mas não tem mesmo! Vão pegar material na escola e fazem as tarefas, para essas crianças eu forneço gabarito e quem corrige são as mães. O papel da família foi primordial, se a família não chegasse junto não teria como ter aula online. Porque é diferente de um aluno que está no Ensino Médio, no Fundamental II, a criança da alfabetização precisa de alguém que ligue o computador para ela ou que dê o celular na mão dela e diga filhinho você tem que clicar aqui para abrir a plataforma, aqui para abrir atividade, porque se não tiver um adulto perto ela não consegue. Então a família tem que ter uma participação efetiva mesmo porque senão não flui o trabalho.

Projeção

Essa pandemia serviu para os pais perceberem, para cada família perceber que a educação não pode ter uma perna só, tem que ter duas: a família e a escola, senão não vai caminhar. A partir de agora os pais estão tendo essa consciência de como o trabalho do professor era feito, como é tão essencial e como eles agora não estão dando conta! Estão começando a olhar o professor de uma forma diferente. É isso que eu sinto. A família e a escola tem que estar juntas, tem que continuar a educação remota.

P3F24VR- Ah mudou tudo! Eu por exemplo não tenho contato direto mais com os pais. Agora o contato que a gente às vezes faz é quando algum pai vai buscar material na escola. Não tem reunião e nem pela plataforma tem como a gente conversar com esses pais. Nós temos participação reduzida na plataforma, na nossa escola, cerca de 60% que acessam a plataforma. Alguns pais buscam as tarefas impressas, mas a gente não tem o retorno das tarefas. Já em Barra Mansa os pais buscam as apostilas e retornam com as tarefas realizadas.

P3F24VR - Percebemos que os pais não conheciam os filhos. Nossa! mas meu filho faz? Eu pergunto ele responde! Nossa! Mas ele fala cada coisa! Quem está fazendo, quem está acompanhando, melhorando a questão do diálogo, a interação entre os pais e os filhos, é porque tem que haver, a gente procura fazer tarefas muito dinâmicas, brincadeiras mesmo que eles têm que fazer com os filhos, então eles estão encantados. Eles conseguem brincar, conseguem perceber a respostas das crianças. Tem alguns que ficam questionando, mas está meio comprovado que o relacionamento entre os pais era mais distante, muita coisa ficava para a escola. Acabei de sair de uma reunião que tratava justamente do projeto coletivo para 2021, a nossa preocupação é planejar antes de 2021, como será o nosso planejamento? Tudo é muito incerto. A nossa preocupação é com esse desapontamento como eu trabalho com Educação Infantil, agora não tem parquinho, não tem os cantinhos de aprendizagem

V.XV - Pergunta n. °3 e n. °6 – Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME - VR

A partir do evento Covid-19 as relações com as Famílias e alunos sofreram que tipo de alteração? Exemplifique situações que tenha colocado essas relações em evidência.

Qual foi o papel das famílias no contexto Covid-19?

Avalie a participação das famílias antes da Covid-19

Avalie a participação das famílias durante a Covid-19.

Qual a projeção que faz para os próximos meses e anos no que diz respeito à interação escolas-famílias?

EQDP14F30VR - As relações com a Covid elas se tornaram mais inibidas, não posso negar isso, uma vez que nosso contato físico ele foi interrompido inicialmente de uma forma muito brusca e inesperada, mas nós buscamos de toda maneira nos aproximar da família da mesma forma. Hoje em Volta Redonda nós trabalhamos com uma plataforma de Ensino ela é unificada para toda a Rede desde a Ed. Infantil até ao Ensino Médio, porque nós atendemos

ao Ensino Médio através da FEVRE. E a gente solicita hoje, o que a gente tem visto de importância neste momento é essa relação tanto com os alunos quanto com as famílias dos retornos que eles precisam dar para que possamos ter um acompanhamento um pouco mais eficaz, mais efetivo dessa aprendizagem. Eu digo para você que hoje a nossa relação com a família não está perfeita, mas nós estamos em busca dela todo o tempo. Nós não nos esquecemos de que essas relações são fundamentais para esse processo, principalmente nessa excepcionalidade em que estamos inseridos. Em relação à Ed Especial eu tenho um depoimento diferente para te dar, essa relação foi muito mais estreitada agora no remoto que no físico, no presencial, por quê? A Educação Especial cresceu muito neste período de pandemia. Como nós estamos admirados em poder enxergar o quanto essa família espera conhecer sobre si e hoje com a relação extraordinária que nós temos nós abrimos outros canais de comunicação com esses pais, e que não foi apenas a plataforma, porque a plataforma nos traz alguns programas de acessibilidade, mas ali nós temos redução de vídeos, de contato tête-à-tête, e na plataforma a gente não tem essa possibilidade por conta da sobrecarga do sistema. Então na Ed. Especial os pais, eles não se opuseram, a gente conta aí com aquiescência deles, os professores têm uma relação muito próxima com os pais pelo whatsapp. Eles dão as aulas, eles conversam com os alunos, eles estão presentes, um de frente para o outro, todos os dias, e aí da Ed. Especial a nossa experiência foi ter a oportunidade de saber que o que se faz na escola precisa de toda maneira ser reproduzido em casa e na maioria dos casos isso não acontecia. Os pais deixavam a cargo da escola esses ensinamentos e o aluno retornava para ver isso novamente quando ele voltava para a escola no dia seguinte. Não tinha essa continuidade em casa, então nós descobrimos que as famílias não sabiam do que os filhos eram capazes, que na escola ele demonstrava essa capacidade e quando ele chegava em casa ele era tratado como aquele que ainda não conseguia tal coisa. Por mais que se dissesse na escola e para os pais, agora eles estão tendo a oportunidade de ver acontecer. Então os relatos dos pais é que eles conseguem manter agora a combinação de conhecimento, de saber do que ele é capaz, e de dar continuidade desse processo com ele fora da escola, no contexto familiar, no contexto das relações sociais exatamente, então na Ed Especial é o nosso grande exemplo nessa pandemia. Para nós ao invés de trazer essa distância, não, ela trouxe aproximação, meio contraditório, mas essa é a nossa realidade.

Inicialmente ainda perguntaram para nós: “A Ed. Especial vai fazer parte disso, mas como?” Ela vai fazer parte, mas como nós vamos descobrir juntos. E descobrimos um como maravilhoso que está dando certo.

Nós temos algumas realidades. Nós temos realidades em que o pai que está em casa. Nós temos realidades em que o pai está fora totalmente, nós temos realidades em que o pai está em casa apenas a noite ou no final de semana. Então o nosso retorno no caso da Ed Especial sempre tem que ter alguém em casa da família direto com aquele aluno. O aluno do regular nem sempre e posso dizer que na maioria das vezes não. Então quando nós encontramos em determinadas comunidades nós temos uma aceitação muito grande dos pais, já em outras a gente percebe, pelo retorno que o aluno dá na plataforma, que ele está sozinho, então essas relações não conseguiram ser estabelecidas pela ausência do outro lado. A criança se vira sozinha porque ela tem o telefone então aí ela tenta entrar, e aí ela entra no horário que não é. Às vezes ela não consegue dar retorno da atividade de forma adequada. Então nós conseguimos perceber que há famílias com possibilidade de acompanhar e há famílias que não têm essa possibilidade ela conta da ausência por conta do trabalho, por conta das condições. No que diz respeito aos alunos que não estão na plataforma nós percebemos isso da mesma maneira, nós tivemos alunos em que o pai cortou a relação com a escola porque ele não compareceu nem para buscar o material impresso, que nós oportunizamos para aqueles que não têm mesmo internet, mas nós temos aqueles que vão à escola toda semana, toda quarta- feira é dia de pegar atividade na escola, pontualmente ele está ali levando o material para o filho, trazendo as dúvidas para depois tirar todas as dúvidas em casa, então aí a gente tem esses dois lados da balança: aqueles que aderiram prontamente e os que não aderiram por não terem a oportunidade. Mas nós conseguimos entender que os nossos pais eles estão muito comprometidos com esse ensino diante de todas as diferenças que a gente encontra. Eles nos surpreenderam bastante pela forma como o município ofereceu, porque é uma oferta que só tem no universo privado e a gente conseguiu oferecer no universo público. Então eles se sentiram muito importantes com isso, eles se sentiram muito valorizados, apesar de todos os problemas que nós enfrentamos por conta da institucionalização do processo no município. Mas hoje nós podemos dizer que estamos numa situação bem confortável. Bem-posicionados, a plataforma já adequada e desenhada, personalizada para o município, mas nós temos essas duas realidades ainda de pais que conseguem acompanhar e que não. “Os que conseguem acompanhar nós temos um resultado muito positivo, declarações dos pais do município do avanço das crianças, e outros que nos procuram até para reclamar:” O que vocês podem fazer além para que o meu filho possa ter mais atenção?” Neste momento a gente ainda está amarrado com o não retorno às aulas presenciais, mas 2021 a nossa proposta é que esses

alunos estejam na escola num período e num outro período remoto”. Para que a gente possa dar uma atenção melhor, assim que isso for liberado pelos órgãos competentes.

Eu destaco o nosso acolhimento, o acolhimento foi fundamental nesse processo todo, e é o que a gente prega em nossa Rede de Ensino. No Universo Público se a gente não trabalhar principalmente com o valor empatia nós não conseguimos dar seguimento a nenhuma proposta. Porque a gente precisa o tempo todo se colocar no lugar do outro. Porque às vezes aquilo que a gente critica que o outro faz é aquilo que nós fazemos com pais, eu costumo falar muito isso com professores e com coordenadores, “gente, às vezes a nossa reação em função de uma atitude de uma família ou de um aluno, não nos deveria causar estranheza porque é assim que reagimos também quando se trata de nossos filhos”. Então a empatia, o acolhimento, a responsabilidade do trabalho... eu vejo esses três pilares fundamentais para se incluir em qualquer trabalho.

EQDP14F30VR - Olha: - Antes nós tínhamos uma família que levava o filho na escola, deixava o filho por conta da escola, voltava e buscava, fazia o dever de casa e depois no outro dia levava para a escola novamente. Todos os problemas dessa relação acontecem, reclamando, elogiando, fazendo cumprir o seu papel. Durante a pandemia a gente percebe com a família que começou a participar mais do que é uma sala de aula. Hoje a família sabe o que é uma sala de aula. Sabe a tarefa que o professor passa, sabe a forma que o professor fala, sabe o que o professor explica, ajuda ao filho a realizar aquela tarefa, e dá um retorno para nós. A minha expectativa em relação a essas duas relações é que essa família saia mais capacitada a ser família ainda, mais do que já é. Acho que esse crescimento, com esse desenvolvimento perto de uma sala de aula ele vai ser significativo daqui para frente quando voltarmos para a escola. Nós vamos ainda voltar... que é um pouco remoto e um tanto presencial, é o que os órgãos superiores estão direcionando para nós, mas eu vejo que a família ela vai estar muito, ela vai cobrar muito mais. Se eu quiser fazer algo diferente do que eu estou fazendo hoje, por exemplo, hoje nós temos desde uma qualidade... uma formatação de qualidade de todo o instrumento que é oferecido para o aluno tanto avaliativo quanto de fixação, e de apresentação de conteúdo. Eu acho que essas famílias irão nos cobrar isso quando nós entrarmos no presencial se nós ousarmos fazer diferente. As famílias estarão mais fortalecidas ao final dessa pandemia, com certeza, elas não vão sair da escola.

EQDP15F20VR - Então eu entendo as famílias, não quero julgar de forma alguma aquelas que não acompanharam como deveria, porque a gente sabe... tem muitas pessoas... a gente que trabalha fora chegar em casa, ficar com uma criança 4 horas para fazer as atividades online, as vezes num celular, que tem uma internet muito ruim, e as vezes cansado, tem as tarefas de casa, não é fácil mesmo para você está cumprindo o papel de dona de casa, trabalhar fora e ainda atender aí num período de 3 horas, 4 horas dar assistência ao filho para fazer as atividades. Então é uma situação atípica, não dá para poder fazer uma avaliação de que foi irresponsabilidade ou que foi rejeição.

A princípio nós tínhamos muitas crianças na plataforma e foram deixando de acessar a plataforma e a gente ligando e todos os discursos que a gente ouvia de todos os pais era a questão da internet, dificuldade com a internet, não está pagando a internet porque perdeu o emprego, então todas essas dificuldades, além delas essa outra também de não dar conta de cumprir essa tarefa com a criança, já que têm outras tarefas que é o trabalho fora, o trabalho dentro de casa, crianças menores, então isso tudo aí interferiu. Apesar de que a gente tem na escola de Fundamental I mais ou menos uns 30% de alunos assíduos, acompanhando direitinho, entrando nas aulas online, no diálogo com a professora, em alguns momentos, mas a grande maioria às vezes entra na plataforma ou busca tarefa na escola, mas falta também, falta uma semana, falta duas, a gente tem que estar monitorando o tempo inteiro, para eles estarem pegando essas tarefas, mas a gente não sabe também como isso está sendo realizado, a gente não tem esse feedback. Isso tudo vai chegar pra gente quando a gente retornar no presencial. Para a gente ver como está esse aluno. O quê que ele caminhou, então vai ter que ser uma avaliação diagnóstica muito bem analisada para a gente começar a agrupar esses alunos, com certeza a gente sempre teve umas turmas muito heterogêneas, mas dessa vez teremos muito mais, trabalhar individualmente com esses grupos é o que a gente pretende.

EQDP15F20VR - O meu contato com as famílias durante este período foi via telefone, pois eu sou do grupo de risco e não participei dos plantões na escola. Quando eu ligava para as famílias procurava usar um tom bem carinhoso porque elas estão muito revoltadas, revoltadas por não dar conta, por não está conseguindo fazer com que as crianças realizem as atividades, com as dificuldades com a internet, eu procurava ouvir e dizer que entendia, mas o que a gente pode fazer para ajudar? A gente servia de canal de desabafo para essa família que às vezes falava de situação de saúde, situação financeira, de não ter o que comer dentro de casa, por ter perdido o emprego. As ligações que eu fiz elas demoravam muito porque a família tinha necessidade de falar. O que a gente podia fazer é ouvir, ouvir e

com isso às vezes a gente conseguia um pouco mais de presença. Por um período, mas depois relaxava novamente, é um monitoramento constante que a gente tem que fazer, semanalmente está ligando para essas famílias, mas foi muito difícil para elas também, eu compreendo tranquilamente, são mães de mais de três filhos que têm toda uma tarefa para fazer, e realmente não dão conta e também não dão conta por não saber. A Rede essencializou um currículo simples, a gente procurava fazer uma atividade que a criança pudesse realizar assim um pouco autodidata, um pouco mais de independência, a gente sabe das dificuldades.

Eu acho que a gente aprendeu muito a lidar com a tecnologia, a gente preparou materiais excelentes, que poderão ser utilizados com eles em sala de aula posteriormente, e a gente está assim com expectativa que quando retornar no presencial que a gente tem que acolher tanto essa família quanto essa criança que ficou essa distância toda longe da gente, deveremos acolhê-los e tentar fazer o melhor. Partir de cada aluno, de onde eles estiverem eu sei que vai ser bem trabalhoso, a SME já está com grupo de professores representantes fazendo uma remodelagem na proposta para que a gente possa suprir os conteúdos que não foram possíveis dar àquelas crianças que não fizeram para que a gente consiga colocar isso em dia. A gente sabe que vai demorar, não vai ser em um ano nem em dois que a gente vai conseguir dar conta de todo esse prejuízo educacional. Mas a gente está com disposição para a gente fazer o melhor que a gente puder fazer no próximo ano.

V.XVI – Pergunta n. °4 – Grupo A – famílias - BM

Participa das tomadas de decisões na unidade escolar de seus filhos?

Como? Cite exemplos

Na sua percepção os gestores escolares e professores promovem condições para que as famílias e alunos participem das tomadas de decisões na escola? Como?

F4FBM – Assim.... quando é coisa que eu fui procurar eu tive abertura, mas...

F5FBM- Eu já tive dificuldades, no primeiro ano do meu filho na escola z. Eu não vou citar nome do professor. Estudou na escola j e desceu para escola z, aí ele pegou uma certa professora que ele não se adaptou à professora e acho que a professora não se adaptou a ele, e foi muito ruim, ele nunca me deu trabalho em relação a colégio, então quando chegava domingo ele já começava a chorar que ele não queria ir para a escola. No começo estava tudo bem, mas uns três, quatro meses depois ele começou a não se adaptar com a professora. Ele não queria ir... porque a tia isso a tia aquilo. Não queria ir. Cheguei à direção conversei, expus, eles falaram a agente vai dar um jeito, a gente vai dar um jeito, nunca deu. Foi até que

rolou um ano. Aí chegou ao final do ano, chegou certa etapa do ano que eu não mandei mais, por conta disso estava me dando muito trabalho. Aí trocou de professora no ano seguinte, aí já foi uma professora que ele gostou muito, ele não me deu mais trabalho. Aquele ano a escola não me ouviu! Agora passou aquele ano, a direção mudou, está tudo certo. Eu acho que não abrem caminho para participação porque têm coisas que a gente não fica sabendo.

F4FBM - No contexto COVID -19: Não... nada! Não... não tem...é pouca coisa. A decisão em reunião de pais sobre alguma festa, algum evento, clube do livro, festa de fim de ano.

F5FBM - No contexto COVID-19: Não... nada! Apenas o que eles decidiram lá é o que está sendo feito. (fala F4) ... Eles passavam pra gente as coisas que iriam acontecer.

F9FBM – Não

F10FBM – Não

F11FBM - Não

F13FBM - Então foi feita uma reunião, nessa reunião perguntou quais mães gostariam de participar do Conselho da escola... Então quer dizer... eu acho que isso... quantas mães quisessem participar poderiam participar, entendeu? Eu fui uma das que desde quando ela perguntou... eu estou participando... então por isso que eu estou falando com vocês que eu sei que na maioria das vezes a escola acionam os pais, eu sei que na maioria das vezes a escola cobra, toda reunião que tem a gestão faz o possível para conseguir aquilo que está faltando na escola. Eu participo das decisões de como será gasto o dinheiro que vem para a escola, eu dou opinião. “Olha veio tal verba... a gente tem isso, isso e isso para arrumar, o que vocês acham que é o mais necessário?” Porque muitas vezes os problemas na escola são maiores do que a verba que vem. Infelizmente na escola pública não vem uma verba que dá para arrumar tudo de uma vez. A verba vem dividida. Vamos supor: essa é a parte que você vai comprar mais livros, essa é a parte que você vai arrumar as cadeiras, essa é a parte que você vai mexer com a parte elétrica. Então eu vejo que tem essa “coisa” (participação nas tomadas de decisões) sim. Tanto é que nas reuniões que teve... ela fez a primeira reunião... ela fez a pergunta, “Ah gente! Vamos formar uma união entre família e escola, vamos ter reuniões, eu quero saber se tem mães que queiram participar dessas reuniões, quem quiser levanta a mão, deixa o nome que vai ser informado” ... Tanto é que quando tem reunião me ligam... vai ter reunião tal dia... aí eu vou.

F8FBM - Não. O meu filho ele esteve dois anos na U.E. E a U.E. tinha um número de alunos bem reduzido em relação à atual escola. E lá eles tinham um Conselho de pais, tanto é que as reuniões que tinham eram muito divulgadas, informadas. A participação era de todos. Eram 60 alunos, 60 pais, e todos tinham conhecimento de tudo. Hoje não acontece isso na atual escola, mas eu acredito que por ser uma escola muito maior. Eu não sei. A U.E. por ser menor, elas conseguiam fazer, mas as decisões já chegavam pra gente assim: esse dinheiro vai ser usado para isso e isso. Só que eu entendo que o gestor está ali, ele está vendo mais o problema que a gente. E lá na U.E. os pais assinavam, alguns assinavam no conselho e outros na ata de participação. Eu achava muito interessante porque a U.E. sempre participou todos os pais dessas decisões. Atualmente a escola em questão não faz isso, mas faz no conselho. Nas reuniões eles só convidam para participar do conselho, mas participar os gastos nas reuniões, eu vou a todas as reuniões e eu nunca os vi darem informações sobre os gastos (prestações de contas).

F14FBM - Não. Tem que haver comunicação. Eu nem sabia disso. Isso é problema de união eu nunca ouvi falar isso em reunião do meu neto, eu o crio. Eu nunca ouvi nem falar, eu nem sabia, para mim é novidade. Então está faltando comunicação, porque não é possível, eu moro quase que de frente para a escola.

F12FBM - Não. O que acontece às vezes é aviso em grupo e whatsapp, extraoficial, pois eu não faço parte do grupo da turma da minha filha e se só avisa no grupo eu não fico sabendo. Tinha que ser uma comunicação oficial. Um bilhete oficial para você devolver assinado, porque aí não tem como dizer: eu não recebi.

F8FBM - As reuniões de pais deveriam ter prestações de contas, ouvir a opinião dos pais, acho que seria mais democrática. Ao invés de só reclamar. E as reclamações deveriam ser individualizadas.

V.XVII – Pergunta n. °4 – Grupo B – docentes -BM

A escola tem contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do sistema educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.

P1F30BM - Em Barra Mansa o governo demorou muito a tomar iniciativa, os pediam, reclamavam na Secretaria de Educação, reclamava na escola, mas infelizmente só em setembro começou. Os pais queriam uma providência neste aspecto, eu fiquei sabendo que

alguns pais reclamaram mesmo, iam à secretaria de educação, iam à escola, só que infelizmente a prefeitura só tomou providência de fazer essas apostilas em setembro. A secretaria de educação em Barra Mansa alegou que 80% das famílias não teriam acesso à aula online, foi feita uma enquete, mas não fez uma pesquisa estrutural, só alegou isso e pronto. Não ligou para família: “você tem acesso à internet?”, não! Já alegaram e pronto!

P1F30BM - Barra Mansa eu acho que não têm oportunidade (respondendo se as famílias participam das tomadas de decisões nas escolas geralmente) porque geralmente vem a ordem de cima para baixo e cumpra-se, mas eu acho assim que se tivesse oportunidade, se tivessem a oportunidade, se a direção enquanto escola conversasse com as famílias teria como melhor resolver as situações, mas infelizmente.

P4F04BM- Quase nula. Para mim as decisões são muito restritas ao corpo pedagógico, até às vezes por conta dos prazos que são estipulados, a demanda da convocação da comunidade deveria ser muito maior, o tempo, o prazo de intervalo, e não há às vezes as decisões têm que ser tomadas de imediato e acaba que ficam restritas mesmo à direção ou ao corpo docente no máximo.

P5F24BM - Ainda não! Infelizmente. A gente precisa investir nisso. Eu sugiro e a gente já tem isso no PPP, começamos no ano passado fizemos várias reuniões, 2018 também, essa participação da comunidade, a escola de pais, ela é muito importante, tanto é quando fizemos aquele evento foi um sucesso. Então... O Conselho Escolar é um Conselho bem antigo, só que a gente tinha outro nome em Barra Mansa, mas é o que a gente fala nos Conselhos de BM, os conselhos são pessoas escolhidas infelizmente! A gente pede representante, vou dar um exemplo, lá na minha turma do primeiro ano, ninguém quer ser, você tem que pedir, implorar para os pais serem representantes. Numa dessas a gente teve uns pais muito bacanas que a gente vivenciou no Conselho Escolar participando, dando ideias, e isso faz diferença, mas para que a gente tenha esses pais é preciso a gente investir na capacitação. Tanto do professor quanto dos pais. Para eles saberem até porque esse conselho, ele é amplo, mas ele é voltado para os recursos que vêm para a escola e muitas das vezes, a gente vê até colegas mesmo professores que dizem que não querem participar, só querem reclamar, mas participar nunca quer. Uma vez até chamei atenção lá do pessoal que queria Xerox, gente eu estou lá no Conselho, mas todos podem participar. A porta do conselho não está fechada para ninguém. É muito fácil eu colocar um representante lá e exigir dele. Então

eu acho que faz parte, a gente está engatinhando na democracia ainda no país, a nossa democracia é muito pequena ainda, mas a gente vê que a própria classe de professores tem muito que aprender ainda. Tanto é que a gente como sindicato que eu faço parte, a gente faz, consegue que vai um ou dois funcionários da escola em capacitações, em seminários. Eu lembro que o último que nós fizemos ano passado você contava quantas pessoas tinham, inclusive o Secretário de Educação estava lá presente. A gente fica chateada porque foi liberado e as pessoas não se propuseram a comparecer. E foi muito bacana a gente teve advogados falando, gente da área da saúde, enfim o que falta às vezes são as pessoas participarem, fazer valer seus direitos. Falta cada um fazer a sua parte e exigir que os conselhos sejam verdadeiramente democráticos.

P6F11BM - Eu acho que depende um pouco da gestão da escola no momento, a equipe pedagógica, tem algumas que incentivam e eu já tive outras que não. Depende de quem está na escola no momento.

P7M07BM - Depende de cada momento, depende de cada decisão, o que é para ser escolhido, o que vai ser votado, em alguns casos pode haver um maior ou menor querer para a família está presente e opinar. A gestão em relação a isso oscila muito.

V.XVIII – Pergunta n. °4 – Grupo C – funcionária de apoio escolar - BM

Na sua percepção os gestores escolares e professores promovem condições para que as famílias e alunos participem das tomadas de decisões na escola? Como?

FUN1F20BM - Aqui em Barra Mansa eles lançaram os vereadores mirins. Eles atuam como? Eles atuam colocando as necessidades da escola, aí teria uma comissão que iria para a Câmara junto com esses alunos, que eram escolhidos por escola e funcionava assim, tinham os vereadores mirins, até antes da pandemia isso funcionava bem. As crianças iam para a Câmara, elas sentavam com os vereadores, e elas faziam as exposições. Tinha essa troca, os próprios alunos colocarem as necessidades, as dificuldades que atravessavam na escola. Eu espero que esse projeto continue porque é um projeto bem interessante em que as crianças tinham como se promover. Também tinha um concurso de redação com tema sobre a escola e quem expressava melhor a necessidade da escola ganhavam computadores. O conselho dos pais, o café com os pais levam os pais a participarem das decisões e também através do Projeto Político Pedagógico, os pais têm participação ativa.

**V.XIX – Pergunta n. °4 – Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras
escolas/SME- BM**

As escolas têm contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do Sistema Educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.

EQDP1F27BM - Até as normatizações fazem com que o professor, tanto o professor, o orientador, o diretor, ele precisa da autorização da família para realizar movimentos, como eu já falei do PAD.

Agora há famílias que são mais participativas, que tenham conhecimentos mínimos necessários ou desejo necessário de ver o desenvolvimento da criança, mas existem pessoas muito adoecidas, com desconhecimento e despreparo assim que deposita toda a responsabilidade na escola, então infelizmente nós ainda temos, eu acho que isso é a nível nacional, famílias ainda despreparadas para exercer essa paternidade, essas funções de pais, de brigarem por seus filhos independente se tem necessidades especiais ou não então infelizmente a gente tem esses dois pontos, mas a maioria das famílias que lutam pela inclusão, que tem um filho com necessidade especial, que buscam uma escola para matricular e incluir, e ainda mais quando a criança ela apresenta um laudo e é orientada pelo AEE, ela toma ciência de seus direitos e de seus deveres. Quando não há um comprometimento cognitivo, quando não há uma doença mental, nesses genitores é mais fácil, aí o relacionamento flui de uma forma muito saudável. Agora quando essas pessoas têm algum problema que perpassa o nosso trabalho e que entra no campo da saúde, aí a escola muitas vezes encaminha, muita Orientadoras encaminharam a mãe ou o pai para o serviço de saúde mental, às vezes encaminha a criança sabendo que a família é que precisa.

EQDP2F22BM - Sim com certeza.

EQDP3F12BM - Hoje mais. Hoje eu penso que existe uma democracia. Estou há treze anos na Educação como Orientadora Educacional e hoje, atualmente eu vejo que a família participa mais, a família ganhou mais voz. E a família vai atrás de seus direitos, cobrando. Vai à escola. Vou te dar um exemplo: Eu trabalho na Equipe Escola e recebo aqueles ofícios pedindo para avaliar o aluno que possivelmente precisam de um agente de apoio, que em outros lugares chamam de mediador, acompanhante, e aí eu vou à escola e

percebo que aquele aluno autista tem característica que demanda de uma pessoa para mediar, para auxiliar, a prefeitura está pegando estagiários de Pedagogia, Psicologia, Matemática, Ed. Física. Vamos supor eu fiz a visita hoje passa duas semanas não recebeu o agente de apoio, depois de eu ter feito um documento dizendo que ele demanda de agente de apoio, porque nós não temos disponível para mandar, a família vai até ao CEMAE para cobrar. Se o CEMAE não consegue... se a família não fica satisfeita com o que o CEMAE diz, a família vai até à SME e até ao Prefeito! E até ao Ministério Público. Então as famílias estão ocupando cada vez mais os seus lugares nas tomadas de decisões sim! Se conhecem os direitos dos filhos os pais estão indo atrás sim, as famílias participativas.

É aquilo têm famílias e famílias, algumas têm condições de cobrar, algumas não estão nem aí mesmo! Nós temos casos de famílias que não estão nem aí e outras não têm nem condições psicológicas, emocionais, de cobrar, não têm estrutura, mas eu penso que isso se estende para o todo. É... Eu visito as escolas e a gente vê várias situações, e a minha fala não encaixa só na Ed. Especial. Penso que em todo o resto os pais estão cobrando mais, estão participando mais, e são chamados mais na escola também.

EQDP5F60BM - Olha aqui nessa escola logo no início quando eu vim para cá, em agosto de 2017, no finalzinho do ano a gente decidiu, a gente teve a vontade de organizar a mudança de horário para que ficassem num horário os alunos menores e no outro horário os alunos maiores, então a Comunidade participou disso, a gente fez uma reunião com o Conselho, explicamos os motivos, o porquê que nós tínhamos que fazer isso, primeiramente combinamos com os professores, depois a gente reuniu o Conselho e até quem era contra (participou), reuniu o Conselho Escolar abriu para todos os pais que quisessem participar da reunião. E a gente conversou e eles então participaram, e a gente então conseguiu fazer a mudança. Porque tinham crianças de primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto de manhã e tinham crianças de primeiro, segundo terceiro, quarto e quinto à tarde. Então a gente iria receber umas 80 crianças de seis anos para misturar com crianças de 12 e 13 anos ficaria meio complicado para a gente. Então a gente resolveu isso, mas a gente conseguiu, quem era contra quando a gente começou a conversar, a pessoa então aceitou e assinou a ata numa boa e hoje eles até agradecem essa troca porque ficaram as crianças menores para tarde e as crianças maiores para a manhã. Então foi mais fácil inclusive a disciplina da manhã melhorou.

EQDP7F30BM - A gente não pode esquecer que essas questões que, se tem um Conselho Municipal, ainda no nosso país, no nível de município ainda é uma coisa muito limitada. Nós ainda estamos muito presos às decisões da SME, da Prefeitura, então o quê que um Conselho na verdade ele pode fazer enquanto decisão em escolas municipais? São pequenas coisas. A gente não tem ainda 100% de liberdade para poder direcionar. Às vezes muita gente questiona isso: “Ah porque a escola não faz isso?” Isso é uma coisa que eu acho que a gente tem que ter sempre em mente, a gente não faz determinadas coisas não é porque a gente não quer, é porque a gente ainda não pode. A gente não tem liberdade de fazer.

EQDP5F60BM - Sim, mas eu não estou me referindo ao Conselho Municipal de Educação eu estou me referindo ao Conselho Escolar conselho da escola e esse é soberano e o que ele decidir e nada está decidido e nem o Conselho Municipal tem poder para desfazer aquilo que foi decidido, então eu estou me referindo a esse conselho. É esse Conselho que ajuda a gente, que nos apoia e que tem funcionado. Eles têm participado.

EQDP4F15BM - Até mesmo este ano embora tenha sido um mês praticamente de aula, mas nós conseguimos fazer reuniões de pais a primeira, de cada turma foi tirado dois pais representantes e aí aconteceu isso tudo, diante da pandemia, foi feito um grupo de whatsapp só com esses pais representantes e eu sou a administradora, então por esse meio a gente conversa, a gente dá as informações, eles tiram as dúvidas...

EQDP5F60BM -... E eles têm ajudado muito a gente. Eles têm ajudado muito a escola nesse sentido divulgar o que vai fazer, de passar para os outros, defender a escola quando a escola está certa.

EQDP9F25BM - Essas tomadas de decisões as famílias participavam ativamente através dos Conselhos Escolares, antes da pandemia. Durante a pandemia a nossa escuta foi mais informal nós não sistematizamos, realmente, um canal, um caminho, um momento específico. Nós fomos usando as falas, as dúvidas, os questionamentos como termômetro para direcionar, realmente, mas formalmente a gente não tem esse momento estabelecido nem esse canal.

Foi criado no município um comitê de escuta para criar um protocolo de retorno, a expectativa é começar esse retorno de forma gradual, à ideia é agora em novembro voltar com as terminalidades: quinto ano, nono ano, e terceiro ano do E. Médio. E todas as decisões de como isso aconteceria, de que forma, quais os protocolos, quais as medidas de segurança elas

foram pensadas a partindo da formação desse comitê. Foi criado um comitê de representatividade no município para pensar todas essas ações. Neste comitê nós temos representação SME, Conselho Municipal de Educação, Supervisão Escolar do município, das escolas particulares de Ed. Infantil, das escolas particulares de Fundamental e Médio, de cursos livres, da UBM, do SEP, sindicato dos professores, SINPRO, SINEP, Conselho Tutelar, Conselho Municipal do Direito da Criança e do Adolescente, Secretaria Municipal de Saúde, Conselho Regional de Medicina, são dezoito representatividades, eu acho que não listei todas talvez tenha faltado alguma, mas é para mostrar que existe tanto a participação das instituições envolvidas quanto dos Conselhos, da sociedade civil como um todo, então houve a representação de todos esses segmentos. E as famílias? Pergunta a entrevistadora. Através do Conselho Tutelar, do Conselho Municipal do Direito da Criança e Adolescente entraram representantes da comunidade em geral. E houve representação dos Conselhos Escolares? Pergunta a entrevistadora. Deixa-me olhar na portaria para ter certeza para não falar sem saber... mas eu acredito que tenha entrado dessa forma indireta através desses conselhos. Tem representação dos Diretores Escolares...

EQDP8F15BM - E assim... Durante este período o termômetro e o diálogo foram através do diretor com as famílias. Eu acho assim tem sempre o que crescer. Há uma escuta em relação à comunidade, há uma escuta em relação às famílias, eu digo assim na própria organização das turmas, para atender essa comunidade, para atender as famílias. Eu vejo mais momentos de ouvir esse pai, o que ele espera como estou te dizendo, mais momentos assim... De dizer para esse pai, como comecei dizendo, o porquê do trabalho, como se trabalha e até assim de dizer o que a escola espera desse pai. E de ouvir também o que esse pai espera da escola. Então assim acho que há uma crescente, mas assim é processo, vejo que assim... Sim cresceu essa questão de pensar nesse aluno de maneira integral, quem é realmente esse aluno. Acho que é também uma questão de uma busca, por exemplo, com outros órgãos, a gente precisa caminhar mais com essa questão do trabalho em rede. Acho que isso é importante para a escola como um todo.

EQDP10F30BM - Eu acho que uma coisa muito necessária é que as escolas tivessem mais momentos promoção dessa ... dessa capacitação mesmo para cada um... Para as famílias, para cada pessoa envolvida aí nesse contexto acadêmico, nessa comunidade escolar. Às vezes a gente não consegue fazer essa formação de relacionamento, ter momentos ali de eficiência

para mostrar como é importante você também trabalhar esse lado emocional, esse lado de relacionamento, e para tudo é importante e às vezes a gente não trabalha, a gente vive, a gente vai vivendo, e isso é ruim. Porque às vezes a gente queria que elas se expressassem o que estão sentindo, como estão se relacionando, como ela está percebendo as coisas, e isso é um momento muito rico e que às vezes as pessoas que estão na própria escola, como a própria família às vezes tem medo. No ano passado eu fiz um momento com a família assim: Ela vai falar o que ela sabe, o que ela sente, o que ela percebe de cada tema. Então por exemplo: autoconhecimento. O que é o autoconhecimento para você? Você acha isso importante na educação de seu filho? Você acha isso importante na sua família? Então vamos conversar sobre isso. Aí nós fizemos uma roda e conversa com as famílias. E os próprios pais que foram os condutores. E nós temos uma média de 300 alunos. E participavam uma faixa de 30 pais, 40 pais para a roda de conversa. Eles não vão. Eu acho que eles têm medo e a gente também por não fazer isso com mais frequência acaba que a instituição não é uma promotora dessa relação ser mais verdadeira, ser mais concisa. A gente precisa melhorar nesse aspecto ainda. Eu acho que a escola não precisa ter medo disso.

EQDP12F30BM - Não! Em BM a gente não está trabalhando com PED porque o PED foi a partir da pré-escola. Mas o PED veio da Prefeitura, segundo informações nas reuniões que a gente teve durante a pandemia foi feito por um grupo de professores, alguns professores foram convidados, teve participação de alguns funcionários das escolas, mas o PED veio de lá, uma coisa uniforme uma coisa padronizada, então assim alguns professores participaram, nem todos, então veio de cima para baixo. As pessoas aceitaram. E assim pelo que vejo aqui na U.E. os pais não têm esse interesse de estar procurando saber o que está acontecendo, eles deixam muito por conta da escola. A gente sente essa dificuldade na hora de fazer a nossa ata de... pra fazer PPP, previsão de gastos, então assim a gente vê que os pais eles não questionam, a gente sempre leva para eles e eles sempre aceitam, eles... dificilmente... ninguém questiona nada. E eu sinto assim na conversa com outras diretoras a situação não é muito diferente nas outras escolas não. As pessoas estão acostumadas com a autonomia da escola, a escola faz tudo e eles só acatam.

EQDP11F20BM - A escola às vezes até tenta oportunizar como é o caso aqui, convite para a participação do PPP, o convite para a participação desses grupos, do Conselho

Escolar, mas assim a resistência por parte dos pais é grande assim, eles não tem interesse de estar participando...

EQDP12F30BM - Eles não têm interesse, eles não veem como direito deles, eles não querem até ter esse direito, eles querem deixar essa responsabilidade para a escola. Eu sinto assim.

EQDP11F20BM - O direito vem também com essa responsabilidade: eu tenho que opinar então eu tenho que saber o que eu estou falando, então às vezes no caso dos pais é esse receio aí.

EQDP12F30BM - Os pais de U.E. eles querem trazer as crianças e deixarem as crianças aqui, então quanto menos eles estiverem ativos dentro da escola a responsabilidade é nossa. Então as crianças vêm ficam aqui e eles não se interessam para saber o que mais está acontecendo. Se eles notam que as crianças estão sendo bem cuidadas, bem tratadas, então para eles basta. Eles não querem também mudar e eu acho que eles nem pensam “o que eu poderia melhorar, além disso, que já está sendo oferecido”.

EQDP11F20BM - Na U.E. eles não têm essa preocupação com o desenvolvimento das crianças, alguns até reconhecem assim depois de um tempo... eles observam a diferença: “meu filho estava assim quando entrou e quando saiu já era diferente”, mas eu não vejo que eles percebam o quanto é importante eles participarem disso. Desse processo.

EQDP12F30BM - Esse reconhecimento a gente tem: meu filho entrou, foi bem cuidado, desenvolveu, mas assim eu não precisei me envolver nisso, já que deu certo sem a, minha participação eu não vou participar. É o que eu sinto.

EQDP11F20BM - Eles não pensam que poderia desenvolver mais, que talvez o município pudesse oferecer mais, que a criança poderia ter ganhado mais, aproveitar mais e melhor do tempo e do espaço, e as oportunidades que o município tem para oferecer. Porque o município poderia investir mais e as crianças teriam um desenvolvimento maior.

EQDP13F22BM - A gente está sempre preocupada em buscar coisas novas para essas crianças, por quê? A vivência deles é muito restrita, então a gente aqui busca levar essas

crianças a momentos diferentes da vida deles, como passeios, teatro, algum acontecimento cultural, a gente sempre procura fazer isso, mas às vezes a gente esbarra numa dificuldade de ajuda também... é uma das situações que os pais poderiam estar ajudando. O ano que a prefeitura cedeu ônibus nós fizemos muitos passeios, muita coisa cultural, mas depois não teve mais ônibus, então para sair com as crianças não tem como. Então os pais não têm a noção que eles poderiam estar ajudando a gente a cobrar. A cobrança não deveria ser só nossa da escola, mas dos pais também, porque tem consequência... uma coisa vai levando a outra e vai trazendo só benefício.

EQDP18M05BM - Então sobre as tomadas de decisões a gente sempre na escola procura chamar os pais para que a gente faça essa... tome as decisões, principalmente em questões de fazer alguma coisa para melhorar o ambiente escolar. E aí tem a atuação do Conselho Escolar, os pais participam do Conselho Escolar, então eles sempre estão tomando ali, eles estão dando as suas opiniões em relação à estrutura da escola, sobre o que fazer, como melhorar a cada dia. Em relação à aprendizagem, com relação à sala de aula muitas das vezes nós professores é quem tomamos a decisão do que fazer e mostramos ao pai o porquê, geralmente durante as reuniões, um pai ou outro questiona, e aí a gente dá abertura para ele questionar, mostrar o seu ponto de vista e se a gente perceber que aquele ponto de vista do pai é importante, é válido, a gente refaz a nossa proposta, mas geralmente a gente sempre tem ali uma boa relação com a família para que elas sempre estejam a par das decisões e também deem suas sugestões para que a gente possa trabalhar tranquilo durante o ano.

EQDP16F20BM - Têm escolas na Rede que os pais não estão buscando os PEDs, tiveram problemas com a entrega dos Kits alimentação e aqui foi tudo tranquilo.

Eu já trabalhei como professora de Artes em 13 escolas da Rede e eu acho que a relação com os pais é muito precária. A participação dos pais poderia ser mais.

Eu acho que antes de tudo na Educação tem que ter um olhar humanizado. Porque às vezes você não sabe o que está acontecendo com seu aluno em casa, com a família, você não sabe, então esse lado humanizado ele tem que vir primeiro. Pra depois quando você chama um pai você não pode ir a ferro e fogo, você tem que primeiro escutar o pai. Às vezes a criança em sala de aula é reflexo da família. Então a gente tem que ter muito cuidado com isso, muito cuidado com nossos alunos. E cuidado também com as famílias porque às vezes a mãe não está aqui presente, mas a gente não sabe o que está acontecendo na casa dela.

V.XX – Pergunta n. °4 – Grupo A – famílias - VR

Participa das tomadas de decisões na unidade escolar de seus filhos?

Como? Cite exemplos

Na sua percepção os gestores escolares e professores promovem condições para que as famílias e alunos participem das tomadas de decisões na escola? Como?

F2FVR- Na escola a gente pode ser ouvida e pode até dar opinião, mas nem tudo é atendido, há coisas que dependem da estrutura da escola e há coisas que dependem da secretaria de educação, mas somos ouvidos e a nossa opinião é levada em conta.

F2FVR - Fazemos parte das decisões da escola através da representação, mas essa representação é bem complicada porque, o objetivo é esse ser uma coisa ampla, mas é publicado no dia o tema que vai ser falado e não dá tempo de comunicar com todos os pais, por exemplo, a decisão de colocar ar-condicionado na escola, era algo que interessava a todos. Foi muito em cima. Não avisam com antecedência a ordem do dia da reunião para que os demais pais sejam consultados. Isso precisa melhorar.

F1FVR - Sim. Acho que há mais desinteresse dos próprios pais. Assim com exceções, a escola enfrenta mais problemas com os pais desinteressados do que com a própria escola com desinteresse, porque eu acho que a carência que existe de comunicação ali é mais com os pais ausentes. Há muitos pais ausentes. Por exemplo: as reuniões escolares que normalmente têm muita falta, nós temos exemplo de quando você vai fazer a votação para eleger ou tirar direção normalmente tem muita falta, os pais não comparecem então a carência maior está nos pais desinteressados. O que impede cada família de participar é muito particular, ou porque está trabalhando, ou porque tem uma quantidade maior de filhos... eu não tenho dificuldades. Eu achei que com a pandemia uniu mais os pais e os filhos, você tem mais tempo para prestar atenção no que seu filho está fazendo. Normalmente você deixa essa questão para a escola. A relação mãe--filho ficou melhor, tem dia que você não suporta e você tem vontade de jogar o caderno de seu filho na rua, risos, mas tem dia que você fala: olha eu estou conseguindo ensinar ao meu filho. (após fala F2) Minha maior preocupação com essa pandemia é como eles irão repor... já disseram que eles vão passar para outra série, e como será reposta essas aulas, como vai complementar esse conteúdo todo numa próxima série. Essa é uma questão que está me deixando bem inculcada. Porque o conteúdo normal do ano letivo tem muita gente que já tem dificuldade, imagina aumentar numa próxima série, por que

não voltar? Eu queria que esse ano que foi perdido fosse voltado. Queria que meu filho fizesse o quinto ano novamente.

F2FVR - Sim. Há muitos pais ausentes. (após fala F1) A própria adesão à aula online né?! Tem gente que não se cadastrou na plataforma, por vários motivos, aí a diretora foi convidando cada pai a ir à escola para poder conversar sobre esse assunto para entender a estrutura de cada família e ver o que impedia a família de estar participando, entendeu? Eu só tenho um filho, umas eu imagino que para quem tem mais filhos, deve ser mais complicado. (risos... após fala F1) Tem um pouco disso sim que você falou. E também o fato da gente estar prestando mais atenção, como você falou (F1), em coisas menores, porque antes na parte da manhã eu ficava por conta de organizar tudo para ele ir para a escola às 13h, preparar o almoço, ele já acordava perto da hora do almoço e a gente nem conversava muito. Hoje não a gente tem mais tempo disponível, a gente já conversa mais, eu já percebi que ele está precisando de algumas coisas, eu já fui buscar ajuda. Aí tem dois fatores, por estar muito em casa está mais carente dos amigos aí tive que buscar ajuda para ele aprender a lidar com isso. Nova vida que está levando. Isso tudo só reafirmou para mim que a escola faz... um importantíssimo papel na vida da gente e das crianças. E a escola B, uma escola pública, têm pessoas que reclamam... Ah poderia ser uma escola mais bonita ainda, mas é uma escola boa, organizada, dentro daquilo que eles podem fazer, com os recursos que têm, a escola que funciona muito bem. A diretora é muito dedicada, ela ouve, ela dá essa linha direta para a gente as coisas. Eu tive problema com meu filho na escola uma vez que no terceiro ano ele mudou de professora, e a professora tinha uma postura mais firme e ele estranhou, eu pedi um horário, a gente conversou e no outro dia ele já estava apaixonado pela professora. Eu imagino que isso será diluído para a criançada absorver isso daqui para frente. Agora da forma que der porque nós estamos vivendo um momento diferente. (intervenção da F1 com a pergunta: ...mas você não se preocupa?) Sim me preocupo, mas eu entendo assim. O aluno da escola particular tem outra forma de receber conteúdo e ele já está num outro ritmo, ele então vai continuar num ritmo um pouquinho à frente. E os alunos da escola pública já tinham as deficiências dos alunos e do ensino mesmo, eles irão continuar com esse degrau de diferença aí, impossível repor isso aí, eu acredito, só que eu acho que tanto para um como para outro essa deficiência vai ser diluída ao longo da aprendizagem daqui para frente. E não vamos nos estressar com isso porque não tem o que fazer. Eu acho que quando as aulas retornarem presencialmente terão que ter um ritmo mais lento para fazer um acolhimento das crianças, uma recepção, para depois começar com conteúdo mesmo. Eu acho que a tecnologia vai estar

mais presente na vida deles. Os professores e os alunos aprenderam a lidar mais com isso agora. Antes era proibido o uso de celular na escola. Acho que o celular deverá ser usado pedagogicamente.

F3FVR- Sim. Há muitos pais ausentes.

V.XXI – Pergunta n. °4 – Grupo B – docentes - VR

A escola tem contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do sistema educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.

P2F28VR - Com relação à plataforma: não! Foi uma coisa assim: cumpra-se de cima para baixo! Saiu da SME assim, em momento algum eles fizeram um questionamento aos pais, isso não ocorreu.

P2F28VR - Geralmente em VR as escolas contribuem para que as famílias participem das tomadas de decisões. Todas as escolas em que eu trabalhei em VR sim!

P3F24VR - Não! Eles são comunicados, eles têm conhecimento, são avisados, mas não são consultados.

V.XXII – Pergunta n. °4 – Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME - VR

As escolas têm contribuído para que as famílias participem das tomadas de decisões do Sistema Educacional? Como? Conte uma experiência vivenciada a respeito.

EQDP14F30VR - Com certeza, até porque nós temos um trabalho com os Conselhos Comunitários Escolares bastante significativos. E esses conselhos muitos ainda engatinhando, melhorando seus processos, mas na grande maioria há uma participação bem efetiva e plausível dos pais, até porque nós temos as formações desses pais para que eles sejam ativos, participativos e atuantes na Comunidade Escolar. Então a participação deles é de fundamental importância em todo o processo da escola. Desde a compra de um pedal até o ensino dentro da sala de aula. Passando as funções, por todos os serviços prestados.

A história da relação da SME VR com as famílias é de sempre proporcionar participação. Essa é uma movimentação que emana inclusive da SME quando a gente tem processos para acontecer, PPP, de discussões na escola a respeito das aprendizagens dos

alunos, a gente orienta a questão da reunião de pais também, a participação e como isso vai acontecer. O nosso setor de Orientação Educacional ele trabalha muito de perto com a escola a forma como isso deve acontecer, então nós damos sugestões, nós organizamos junto com a escola a questão das formações, porque a gente não faz formação só com alunos, a gente faz com os pais através da escola de pais, então nós temos o pai dentro da escola ao mesmo tempo sendo formado e atuando. A escola de pais acontece trimestralmente nas escolas. Nós temos marcada já uma escola de pais por trimestre. Se a escola perceber que precisa fazer mais além disso ela tem total liberdade para isso. Então na Escola de Pais são elencados alguns temas de importância para que sejam trabalhados, e onde a gente tira esses temas? O tema não é unificado para Rede ele é o tema da escola. A escola percebe a necessidade a necessidade x, a escola percebe a necessidade y, a escola percebe que o comportamento das famílias tem acontecido de tal maneira, aí ela vem trazendo esses temas, então... tema relacionado à saúde da criança, tema relacionado a lazer, tema relacionado à como o aluno aprende, temas relacionados à hábitos de estudo, para a família ajudar o filho a estudar em casa, então todos os trimestres são marcados por uma escola de pais. Além da Escola de Pais que é para todos os pais da escola, nós temos as reuniões com os Conselhos Comunitários das Escolas, que são os porta-vozes dos outros pais. Então quando eles levam para os outros pais alguma formação, eles já vão imbuídos de uma formação a respeito de como você aborda, de que forma você leva essa formação, do convencimento, da importância de fazer parte está sempre presente, mais as reuniões de pais que elas acontecem pontualmente, organizadas junto com a Equipe Diretiva Pedagógica da Escola para que elas aconteçam também em três momentos: momento de formação de pais, momento de explanação do professor de como aconteceu aquele trimestre e um momento de abertura de fala para os pais porque eles também têm que ter a voz. Então as nossas reuniões elas acontecem orientadas dessa forma.

EQDP15F20VR - Em todas as duas escolas que trabalho a gente tem o Conselho Comunitário então tudo é compartilhado, os Projetos que a gente planeja, a gente faz uma reunião com o Conselho e coloca as nossas propostas logo no início do ano, e sempre ouvimos esses pais também com sugestões que agregam e somam àquilo que a gente pretende fazer e principalmente os representantes mesmos, a gente faz as reuniões, sempre comunicamos e elegemos nas assembleias o nosso Conselho e ele representa a comunidade.

As duas comunidades em que eu trabalho são comunidades bem carentes, então são pessoas com um legado cultural bem pequeno, então geralmente..., mas têm algumas pessoas

que opinam que dão sugestões, então quando a gente organiza uma reunião dessas com o nosso planejamento, nossos objetivos, nós levamos como proposta, que podendo suprimir ou acrescentar qualquer coisa que venham deles e geralmente sempre surge alguma coisa que vem deles, e que é acrescentado. E a gente compartilha com todo mundo e a gente compartilha com todos em reuniões de pais. E ouvimos também aqueles que discordam, que não concordam, mas geralmente concordam.

V.XXIII – Pergunta n. °5 – Grupo A – família - BM

Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os professores e direção ou com outros funcionários da u.e. De seus filhos?

F4FBM - Eu acho que deveria ter mais informação. Enviar mais recado. Mais clareza nos bilhetes, porque às vezes chegam uns bilhetes que eu não entendo! Procurar mais a gente na medida do possível se eu puder ir...

V.XXIV – Pergunta n. °5 – Grupo B – docentes - BM

Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?

P1F30BM - Olha antes da pandemia as famílias levavam os filhos à escola conversava com a professora no início ou final da aula, tinha essa coisa toda «né»? Durante a pandemia parou tudo. Ficamos sem contato com os pais. Antes era tranquilo, quando eu chamava apareciam.

P4F04BM - No diálogo com a família é aquilo que eu falei lá no começo mesmo a falta de noção do papel de responsabilidade. Existe uma quebra de autoridade. Às vezes o pai e a mãe não têm consciência do limite que precisam dar a seus filhos no sentido dessa interação ser respeitosa, ser com cordialidade não há o cultivo desses valores por parte da família. E eles chegam na escola como se nós fossemos, enquanto professores os responsáveis pela educação e na verdade a nossa transmissão de conhecimento ela é restrita. Ela não tem o leque da educação que a família tem. Quem tem que cultivar esses valores primordialmente é a família e como essa transferência é inadequada ou insuficiente acaba que a escola sofre também por conta desse despreparo do educando que chega ali e não sabe muito bem como se

comportar no meio em que está inserido, não têm noção das regras, e por mais que às vezes tenha esse acesso não sabe como lidar com isso. Uma das minhas alunas num momento de desespero pegou uma gilete e tentou se ferir e ao prestar socorro, pois o incidente foi na minha aula especificamente, o primeiro comentário dela foi “a minha mãe não liga para mim, o meu pai nem sabe que eu existo! Meu irmão está preso!” Então isso demonstra todo um desajuste que acaba que culmina na escola e a gente vê que na verdade todos somos vítimas em determinados graus, porque o professor também se sente impotente nesta situação! O quê que nós professores podemos fazer além de convocar a família, tentar um diálogo, tentar uma ajuda, mas têm famílias, que na sua maioria, são resistentes a essa própria ajuda. Eles não aceitam intervenção, ajuda psicológica, às vezes numa entrevista mesmo com a Orientação eles já são resistentes, não mostram a realidade da família por ser um ambiente de intimidade. Eu uso muito filmes que provocam esse diálogo e eles soltam que nas famílias não há interação. Que o pai só quer trabalhar e quando está em casa geralmente está bêbado e não tem diálogo. A fala deles quase sempre é voltada para isso.

P5F24BM - Na maioria das vezes é falta de entendimento mesmo, falta de conhecimento, tanto é que quando tem a equipe junto, a Orientadora Pedagógica, a Orientadora Educacional, a Direção, aí eu falo de problemas graves que a gente teve, lá na escola, quando a gente se une e explica e fala, às vezes a pessoa sai chateada ali, mas numa próxima reunião a gente consegue alcançar o nosso objetivo. E isso faz muita diferença. Mas é porque a equipe lá da escola em que eu trabalho, a gente percebe isso, é muito em prol principalmente do aluno. Não é para defender o professor ou o funcionário, é para explicar para aquele pai e o pai entender o porquê foi feito daquele jeito. Aí o pai da primeira vez sai chateado, a mãe, mas na maioria das vezes eles voltam e agradecem, porque vão ver o resultado.

A falta de entendimento da família que chega às vezes muito... como eu vou dizer... eles chegam muito sem conhecimento... ignorância do conhecimento científico que cabe a nós estar informando a eles, mas é... eu não sei se porque eles levam tanta pancada na vida que já chega agredindo, mas quando a gente se senta explica, tudo flui melhor, a gente percebe. É por causa da relação, sente confiança no que a gente está falando. Quando a gente tem uma boa relação tudo flui... com aluno também flui. Porque às vezes não bate isso é coisa de ser humano, com aluno, com professor, e na maioria das vezes a gente troca de turma a gente vê que isso vai embora, então essas coisas são... porque o professor é interpessoal, é uma relação

interpessoal, o professor é a única pessoa que consegue lidar com 20, 30, as vezes até 40, com pessoas totalmente diferentes. De classes sociais diferentes, de pensamentos diferentes, e o professor é o único ser humano que consegue lidar com isso dentro de uma sala de aula. Consegue e ainda tem que dar o aproveitamento. E ensinar. Você não vê outros profissionais.... Você vê o psicólogo atendendo em grupo é cinco ou seis pessoas. Nós conseguimos, professor é um ser único, eu acho que a pandemia veio nos mostrar isso, a importância da escola na vida.

P7M07BM - Eu vejo que a necessidade de respeito, de respeitar como pessoa, não de ter a escola como algo... com aquele esplendor, como algumas pessoas tinham há alguns anos atrás, de que a escola é intocável, imutável, nesse sentido não! Mas de respeito ao próximo, eu vejo mais isso, se houver respeito eu acho que as coisas acontecem melhor, respeito, responsabilidade, de cada um saber o que tem que fazer, o que é de seu papel fazer! “Bom até aqui é comigo, depois daqui não é mais comigo, é com a mãe, é com o responsável, aqui somos nós dois, agora é criança que tem responsabilidade neste processo, tem o seu papel nesse processo, agora a gestão precisa estar.” Então eu vejo que o respeito e a responsabilidade que precisa.

P6F11BM - Também vejo assim: "O respeito, a valorização, cada um saber o que o que tem que ser feito” nem a família empurrar o papel dela para a escola e nem a escola delegar o papel dela para a família. Cada um tem seu papel, se cada um cumprir direitinho o seu papel, com sua parte, tudo vai funcionar muito bem. Aí tem que ter o respeito, a valorização do profissional e essa coisa de saber, de entender o problema de cada um.

A minha turma do ano passado do quinto ano, eu nunca tive contato com um grupo familiar como eu tive com desse quinto ano, não tive uma exceção, foram pais que me deram toda autonomia de trabalho dentro de sala de aula, eu fiquei três anos com a turma; o terceiro, o quarto e o quinto ano. E eu me sentia assim totalmente à vontade para tocar o meu trabalho, sem problema nenhum com os pais. Eu não tinha aluno que vinha com trabalho sem fazer, eu não tinha aluno com problema medo de falar, nunca tive um desentendimento com os pais. Eu nunca vi uma turma cumprir o papel tão bem família e escola como foi essa minha turma do quinto ano do ano passado (2019). Essa minha turma foi excelente. Os pais me apoiavam em tudo o que eu fazia, tudo que eu precisei de participação dos pais eu tive.

Agora a minha outra turma de início eu já tive um pouquinho de cada coisa aí. Eu fiquei com eles do primeiro ao terceiro ano. Ei, tive uma parte de famílias muito

participativas, tive famílias maravilhosas, mas eu tive também famílias com problemas seríssimos, problemas sociais econômicos, e esses problemas vieram também para a sala de aula, foi um ano cansativo, mas que deu para contornar, mas eu tive as duas experiências.

Na maioria das vezes os problemas socioeconômicos vêm para dentro da escola e a gente vai tentando na medida do possível contornar essa situação, mas a gente não consegue resolver tudo, foge ao controle, impossível até, mas a gente tenta contornar. E esses problemas vêm para dentro da escola junto com as crianças vêm!

P7M07BM - No meu caso no ano passado era uma turma que todas as mães eram presentes na escola. Se não podiam ir a uma reunião ligavam depois, e isso fez muita diferença. As famílias fizeram total diferença nos resultados escolares.

V.XXV – Pergunta n.º5 – Grupo C – funcionária de apoio escolar - BM
Quais são as dificuldades que encontradas no diálogo com os professores e direção ou com outros funcionários da U.E.?

FUN1F20BM - Bom na escola atual em que eu estou não há dificuldades, em outras escolas sim há dificuldades. A falta de comunicação é uma delas, às vezes a escola não se expressa no que deseja e o pai não consegue compreender o que ela quer. Olha só, na própria escola há falta de comunicação, falta de diálogo. Às vezes diálogo que não é aberto, ao invés de você chegar e procurar ir em busca, você não vê isso, não vê essa abertura entre a escola e os pais, não tem isso, então o pai ao invés de ir à escola reclamar o seu direito ele vai na SME, então não há essa comunicação. Não funciona desse jeito.

V.XXVI – Pergunta n.º5 – Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME - BM

Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?

EQDP1F27BM - Essas famílias que são oriundas de um desajuste social muito grande, pessoas usuárias na família, e até outros problemas mais graves, a escola percebe uma séria necessidade de intervenção, realiza encaminhamentos, mas muitas vezes sem apoio das políticas públicas, sem apoio de uma assistente social, sem apoio de um CRAS, de um... Mais efetivo a escola muitas das vezes ela fica no encaminhamento e não consegue obter resultado.

Por exemplo, eu já coloquei um pai no carro e o deixei na porta do CRAS e fale: “Eu tenho um atendimento dali 20 min., eu vou deixar você aqui, você vai conversar com a assistente social, depois você dá o retorno lá na escola.” Eu voltei para a escola, eu só havia levado porque ele não tinha dinheiro de passagem. Quando eu cheguei na escola, logo chegou ele atrás de mim. Aí eu perguntei: mas você já foi atendido? Ele respondeu que a pessoa que o atendeu disse que o caso dele não era para lá. Infelizmente ele não soube conversar, ele não soube explicar, eu já havia conversado lá sobre o caso, mas não houve também uma força de vontade do profissional que estava atendendo naquele momento. A Rede de apoio precisa ser estruturada. Temos uma Rede de Apoio. BM tem CREAS, tem CRAS, tem CAPSI, mas infelizmente não está tão amarradinho como deveria. Nós precisamos efetivar essa Rede de Apoio para que a família seja mais bem assistida nesses casos.

EQDP4F15BM - Às vezes os problemas que as crianças apresentam para a gente, mas os pais não abrem, eles não se abrem, então fica aquela coisa assim: a criança fala uma versão do que acontece em casa, e a gente sabe que aquilo ali está ocasionando o problema, porém a família não admite, e a gente também não pode falar: “... mas seu filho falou”, porque é uma relação de confiança, não pode falar para o pai da criança, então a gente tem que esperar partir dos pais, então fica todo aquele trabalho, você conversa, você faz encaminhamento, muitas vezes o trabalho também fica travado por causa desse motivo.

EQDP5F60BM - Dificuldade eu acho que é a presença deles aqui porque muitos não vêm nunca. Aqueles que a gente necessita mesmo é mais difícil, a gente tem que estar insistindo, insistindo, quase que implorando para vir aqui.

EQDP9F25BM - Nesse momento eu acredito que seja a própria pandemia que impede esse contato presencial, essa participação mais efetiva diretamente.

EQDP10F30BM - Eu penso que é muito da organização pessoal deles. Eles, os pais, eles ainda.... Tem hora que eles não assumem muito a responsabilidade de paternidade, de cumprir as obrigações, de tempo, de data, de documento, de compromisso diário mesmo, de organização. Então eles perdem datas, aí depois dá um problema com o filho eles acham que é culpa da escola, a escola tem que estar sempre ligando para eles. “Não, meu senhor, mas o senhor não fez a matrícula no prazo devido, então... o que está acontecendo... vai perder a

vaga... é negligência, é irresponsabilidade”. Agora na pandemia eu tenho um caso de umas seis mães que decidiram que iriam reprovar o filho, então o diálogo com elas tem sido muito difícil, porque elas simplesmente acharam que os filhos delas eram incompetentes e que nós tínhamos a obrigação de acatar a ordem delas, que a criança deveria ficar reprovada, só que a criança era excelente enquanto estava presente na escola. Aí o que a gente tem que fazer: a gente vai explica para elas a questão da negligência, que a gente é obrigado a fazer denúncia, que a lei nacional está determinando que a gente atuasse com todos os recursos possíveis para que essa criança fosse atendida, mas ela tem que fazer a parte dela. Então a gente vê muito assim no diálogo com a família a questão da responsabilidade /irresponsabilidade que às vezes prejudica, porque você é obrigado a entrar no campo deles. E até usar de uma autoridade e ameaçar e dizer: Não! Se você não fizer eu vou ter que tomar uma medida contra a paternidade, no caso do pai que não assume o seu papel, porque a criança não pode ficar prejudicada, não pode ser lesada. Então tem essa questão aí, e às vezes quando a gente orienta também, às vezes a gente faz uma orientação para uma criança que tem uma certa dificuldade, e eles não tomam as medidas devidas, então tipo assim: não tem uma carga horária de estudo em casa, não tem um recurso em casa, não se organiza para isso, e com isso a criança vai ficando prejudicada e a gente vai ficando agoniada, e aí o relacionamento com a escola se torna até, vamos dizer assim, com uma certa estranheza, você é obrigado a agir como profissional, e deixar mesmo claro, se você não fizer... Não dá para continuar dessa maneira... a gente vai ter que tomar outras medidas mais drásticas, mais sérias e legais.

EQDP12F30BM - Falta de conhecimento deles, eles não têm um conhecimento do direito deles. Eles assim não... Talvez a gente também falhe nisso, a gente tem que mostrar para eles esse direito, às vezes também a falha é nossa. Mas eles não têm conhecimento dos direitos que eles têm, que as crianças têm. Por exemplo, na nossa U.E. a gente tem um conceito bom, os pais veem a creche como um lugar bom. Então se já está bom não precisa melhorar! Eu acho que eles não têm noção dos direitos deles.

EQDP11F20BM - Não é só em relação à U.E., mas é uma falta de consciência de cidadania mesmo. Acho que falta isso: entender que a gente tem um governo que trabalha para a gente, quando ela fala que a SME disse: parem de fazer esses vídeos, vamos padronizar. Quer dizer nivelar por baixo, se eu faço algo que é bom e o outro não está fazendo, então o outro vai ser comparado, então vamos nivelar por baixo?! Só que os pais...

será que foi bom para eles que as crianças estivessem em contato com a creche, mantivessem esse contato? Será como está sendo essa assistência que a prefeitura está dando para as crianças dentro de casa? Essa preocupação... foram mandadas três cestas, duas de mantimentos e um kit de alimentação. Neste tempo todo parado. Então assim... mas a criança precisa só disso? Como que ficou... assim... Ninguém assim eu acho que se movimentou para pensar... para exigir algo mais. Porque têm famílias que... A gente não sabe como essas crianças estão sendo cuidadas a partir do momento que as aulas foram suspensas! A gente sabe que têm crianças em situação de vulnerabilidade. Então assim isso ...os pais não cobraram nada, a questão da alimentação mesmo, eu penso que nós estamos há quanto meses afastados? Sete... oito meses! Oito meses já! E nesse tempo todo, três cestas de alimentação e isso é o básico! Alimentação faltou nesse período aí. Então não só a alimentação, mas outras coisas também, as crianças têm outras necessidades, tem criança que tinha acompanhamento médico no CEMAE por exemplo e como está essa criança agora? A gente teve criança que saiu daqui no ano passado e a gente percebeu uma evolução da criança ao longo do ano que tinha dificuldades: problema auditivo, consequentemente problema na fala, de interação e estava em processo de investigação... E parou tudo, e como ficou essa criança? Então não é só alimentação, mas alimentação também, mas aí você vê... eu estou citando exemplo de um aluno que a avó entrou em contato comigo agora o mês passado, por exemplo, ela está completamente perdida sem saber o que fazer com ele procurou a professora. Será que o município não deveria ter dado assistência a essa família? Têm muitas questões que os pais não pararam para pensar: eu preciso disso e a prefeitura deveria estar me assistindo nesse momento. Eu acho que é falta dessa consciência cidadã mesmo.

EQDP17F06BM - A falta de instrução dos pais.

Às vezes eles não entendem. Por exemplo, o adolescente no grupo ou o adolescente fora do grupo, ou a questão do professor às vezes, uma fala do professor, a criança chega em casa e fala uma coisa, o pai vem e você tenta explicar para o pai que funciona assim, que a regra da escola é assim, que o regimento interno é assim, o pai não entende. Igual o uniforme, nós recebemos grande quantidade de uniforme e eu fiquei responsável pela entrega, entregamos todos os uniformes, beleza. Entregamos para todos. Uma mãe que o filho é autismo, se arrasta pelo chão, tem condições financeiras... mora aqui no bairro, ela queria que eu desse para ela duas calças, só que se eu desse duas para ela iria faltar para outro. Então era uma calça, eu poderia dar duas blusas, porque blusa teria. Ela ligou para a PMBM e disse que

eu estava deixando de dar uniforme para ela. Aí me ligaram e perguntaram, eu expliquei o que eu dei e por acaso eu até dei um do ano passado que estava perdido aqui. E ela tem condições e independente dela ter condições se nós tivéssemos aqui eu daria. E depois ela me procura e pede para eu colocar na bolsa dela escondido que ninguém iria ver, então assim você vê que não entende. E todo dia ela pede a mesma coisa, ela continua pedindo! A pessoa não tem aquele entendimento que existe uma regra, que a direção assina o mapa de entrega dos uniformes, eles não entendem que existe uma quantidade certa. Ela continua pedindo a mesma coisa. E quando ela não consegue comigo, aí ela acha que é pessoal, ela vai em outra pessoa da equipe e pede. Então assim tem essa dificuldade da mãe e o pai, a família entender como funciona aqui dentro. Os pais não podem entrar, porque antes vinha membro de algumas famílias para bater em filho do outro. Eles não entendem. Até entender foi uma luta. Então falta essa compreensão de como as coisas funcionam. Por exemplo, mudou a direção então mudou muita coisa: uso do uniforme, cumprimento do horário, não estavam muito acostumados com essa disciplina e tiveram que passar por algumas mudanças, aí foi um choque para eles.

EQDP18M05BM - A falta de instrução dos pais porque às vezes você tenta relatar alguma questão, algum problema e eles acabam não compreendendo o que está acontecendo, muitas vezes até porque tem uma superproteção muito grande em cima do filho.

Então muitos chegam na escola achando que o filho ele não... que ele nunca vai fazer nada de errado. Então se você diz que ele fez alguma coisa de errado, mesmo que seja mínima, mas que ele, por exemplo, desacatou o professor, você chama a família e eles não aceitam.

V.XXVII– Pergunta n. °5 – Grupo A – famílias - VR

Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os professores e direção ou com outros funcionários da U.E. De seus filhos?

F1FVR - Não há dificuldades.

F2FVR - Não há dificuldades. A escola possui um plantão três vezes por semana: segunda, quarta e sexta, tem um horário fixado lá na porta e está disponível também online, a escola está sempre à disposição. Ou você pode tirar dúvidas pelo Whatsapp ou você pode nos dias agendados para você ir lá pegar material, conversar, tirar dúvidas. Tinha livros do meu

filho que ficavam no armário na escola eu só agendei com ela de ir tirar e buscar. Então assim tudo que a gente precisa a gente é atendido.

F3FVR- Não há dificuldades.

V.XXVIII– Pergunta n. °5 – Grupo B – docentes - VR

Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?

P2 F28VR- Antes da pandemia isso fluía bastante, agora na plataforma eu tenho alguns pais que deixam mensagem para mim. Professora a atividade x estou com dúvida, eu não consegui orientar meu filho. E também nas videoaulas, geralmente quando a criança está assistindo a minha videoaula tem um pai perto, estão ouvindo tudo e de repente um pai diz: “Espera aí professora eu não concordo com isso”, no meio da videoaula! Hoje eu discuti com um pai porque eu estava falando que a resposta certa era a letra A e ele estava falando que era a letra B. Eu tive que falar não pai... enfim tive que discutir a questão com ele. Depois ele entendeu! Agora a minha diretora também é impecável, as crianças que não estavam entrando na plataforma ela telefonava, ela corria atrás. No princípio da plataforma eram bem pouquinhos as crianças e famílias que participavam, mas a conversou com as famílias, argumentou porque alguns sempre estavam no facebook e as crianças não estavam fazendo aula, etc., então as crianças começaram a participar.

P3F24VR - Eu acho que é o fato deles chegarem já na escola “armados”, na defensiva, pois eles têm essa visão de que lá, se foi chamado é porque alguma coisa tá errada. Uma vez até aconteceu um caso que durante o Conselho de Classes alguns alunos foram elogiados, então eu fiz um bilhetinho e mandei um bilhetinho, pensei vou chamar esses pais e vou falar que eles foram elogiados, e eu mandei na sexta-feira, teve aluno que ficou de castigo no final de semana! A dificuldade é essa, nem sempre vamos chamar para algo negativo.

V.XXIX– Pergunta n. °5 – Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME - VR

Quais são as dificuldades encontradas no diálogo com os responsáveis legais e com os alunos?

EQDP14F30VR - A relação. É a relação que a gente começou falando. A gente traz essa relação de volta. De que forma eu compreendo aquela família? De que forma eu

compreendo um rompante, de que forma eu compreendo uma insatisfação, de que forma eu compreendo que o pai foi fazer uma reclamação, então dependendo da forma como eu compreendo isso, dependendo da empatia eu vou ter uma reação. Então eu reagindo negativa ou positivamente, dependendo da forma como eu recebo aquela informação, da forma que eu recebo aquela reclamação, então eu tenho uma reação. O nosso trabalho está exatamente no cuidado com essa relação para que eu consiga ouvir o outro, me colocar no lugar do outro, tendo como conduzir a situação. Porque eu ainda tenho o outro lado: eu recebo aquela situação e eu ainda tenho que passar essa situação para os outros envolvidos, muitas vezes é um servente, é o próprio diretor, é o professor. De que forma eu vou levar isso para o professor, que às vezes fica na defensiva, então a gente trabalha muito essa questão também, de o cuidado que a gente precisa ter, não é tomar a defesa de um lado, mas é conhecer todos eles e dar um encaminhamento que satisfaça muito à escola e à família. Então a relação é sempre encaminhada de forma a ser amigável, compreensiva, essa é o maior problema a relação. Então a dificuldade é quando as pessoas envolvidas não possuem essa visão. O que eu particularmente penso a família por si ela não conhece os processos dentro da escola, eu sou escola eu conheço. Então eu devo ter um comportamento profissional, é como um SAC, você não liga para fazer uma reclamação? Você está sempre sendo bem atendido, ninguém briga com você lá do outro lado da linha, a escola é a mesma coisa, quem recebe a reclamação é como se fosse o SAC e você tem que conduzir. Então às vezes a condução falha por conta do profissional que está do outro lado. A família chega estourada, a gente sabe que isso é deselegante, mas nós somos os técnicos, então é o técnico que tem que receber e receber, por mais que doa que seja difícil, tem que digerir para poder dar uma devolutiva adequada. Eu não posso ser a favor nem contra, mas eu vou adequar.

As famílias são participativas, são ativas, reclamam, eles não deixam a gente parar. E nós trabalhamos... o que eu penso nós que somos mais antigos na Educação a gente vem de uma Educação que não reclamava de nada, a escola estava tudo perfeito, a escola mandou tem que fazer, a escola disse é isso mesmo. E hoje as pessoas estão sendo educadas pela mídia, pela própria escola com todas as opções que oferecem, pelos professores que dizem que o aluno tem que ser reflexivo, então a nossa parte a escola precisava também mudar do lado de lá, e as pessoas hoje são mais esclarecidas, as pessoas sabem muito mais hoje dos seus direitos, então naturalmente elas falam mais, antes a gente comprava uma coisa estragada jogava fora e pronto. Hoje não, a gente pega a coisa anota e leva no mercado para dizer: eu quero outro. As pessoas fazem a mesma coisa com Educação e elas não estão erradas, elas

estão no seu papel de cidadão, de reivindicar o seu direito. E isso às vezes é difícil a gente entender, porque dói, incomoda, mas é o nosso papel. As famílias exercem sua cidadania. Muitas ainda não, uma pena, e é um número muito expressivo as famílias que participam. Em Volta Redonda, famílias que não participam é a minoria.

Há uma História em Volta Redonda de Emancipação. As pessoas querem se posicionar, as pessoas querem falar, e querendo ou não a Escola está contribuindo para isso. Porque ela está chamando essa família há muito tempo para dentro dela, e ela está indo, só que não está indo agora só para ver exposição, porque quando eu chamo para ver o que não está bom dentro da escola, para construção do PPP da escola, é o mesmo que eu dizer para ele: - Você agora pode falar. Você pode falar sobre isso também, isso também é pauta da sua fala. Então de toda forma a escola está promovendo esse diálogo, ela está pedindo que a família vá lá e fale. Que vá lá e faça isso. Quando eu digo que quero um aluno crítico, se não tiver a família dessa forma, ela anula esse aluno para que eu trabalhe para que ele seja crítico, então todo um contexto por mais imperceptível que seja ele favorece ou atrapalha esse diálogo, essa fala da família. Eu acho que isso é uma construção. O que posso dizer como eu trabalho aqui há mais de 20 anos, eu vejo o que nós tínhamos de reclamação antes, quando eu cheguei aqui, eu tinha que ir atrás da reclamação ela não chegava até aqui. Hoje se deixar eu passo o dia recebendo. Aquilo que na maioria das vezes eles podem resolver na escola eles já procuram um órgão também, pra dizer olha lá não está bom. Eles vêm cobrar posturas nossas, e do governo. Sai da escola e vem aqui dizer vocês não estão atendendo a escola. Por que não tem o papel x dentro daquela escola? Eu fui ao depósito da escola e lá não tem! Eu quero isso! Eles não reclamam só da escola eles defendem também a escola. E isso para mim é muito bacana porque a comunidade está se fazendo valer como escola, como instituição, como colegiado que é.

EQDP15F20VR - Olha o que a gente escuta muito dos pais, existem algumas crianças que têm uma dificuldade comportamental, às vezes a gente escuta muito na periferia: “não sei mais o que fazer”, o pai não saber mais o que fazer com o filho, no caso de aluno de terceiro ano bater na avó, e, por exemplo, na escola que trabalho ela fica no morro onde a droga é muito presente. Aconteceu um fato no ano passado de um aluno bater na professora, e na escola uma briga entre alguns meninos em que um segurou o que bateu na professora para os outros baterem nele. E conversando com um deles ele me disse os meninos disseram que se ele pode bater na professora ele pode apanhar também vamos pegar ele aí. Então eu indaguei:

- Mas você conversa com esses meninos (traficantes)? Ele responde: - Eu converso, o meu pai já é o gerente! Então entendeu? Eles estão muito nesse meio. São poucos os pais que são mais cuidadosos com os filhos nesse local. Vive naquele meio e tudo é normal.

V.XXX – Pergunta n.º 6

A pergunta n.º 6 se mesclou ora com a pergunta n.º 2 ora com a n.º 4 em suas respostas, pois as pessoas entrevistadas tiveram liberdade para usar a palavra e quando respondiam já às questões de outras perguntas essas eram consideradas.

V.XXXI – Questão n.º 7 – Grupo A – famílias - BM

Narre uma situação positiva e/ou negativa dessas relações entre famílias e escolas vivenciadas.

F4FBM - Aconteceu uma situação com a minha filha que ela chegou em casa falando que um colega tinha falado umas coisas assim feias para ela, que não se fala para uma menina, aí eu fui lá conversar. A diretora sentou comigo, a orientadora, a professora. Chamaram a minha filha para conversar, para ela falar a versão dela, fez a ata tudo direitinho e eu achei legal porque eu já ouvi falar que tem escola que o diretor nem aparece. Resolve lá o orientador lá, e pronto.

F5FBM - No ano passado meu filho estava com certo problema, como eu falei ele tem problema de aprendizado. Eu cheguei na direção, conversei e fui muito bem atendida. Muito bem atendida e resolveu meu problema. Expus o que estava acontecendo, quando eu procuro sempre me atende, não tenho do que me queixar.

F8BM - Meu filho era apaixonado pela escola e de repente ele começou a reclamar, dizendo que não queria ir, ele começou a ficar agressivo, uma criança de quatro anos na época, já não queria ir mais à escola, e quando estava lá era muito agressivo, mas aí a escola não me chamou, mas eu ouvi várias mães reclamando da professora, porque trocou de professora, acho que três vezes durante o ano, e as mães ficavam reclamando na porta da escola, aí o que eu fiz, eu procurei a escola e para minha surpresa, quando procurei a escola e disse eu preciso conversar, a direção da escola estava fazendo uma reunião com a professora do meu filho e me perguntou se eu me importava de participar da reunião. Participou da reunião: eu, a direção, mais uma pedagoga e a professora. E foi uma sabatina da escola em relação à professora, eu não gostei. A professora falava que ia chamar a polícia para as

crianças, ela não tinha condições nenhuma de estar ali. E a escola não resolveu o problema. Isso foi até ao final de ano e começou a tratar meu filho de forma diferenciada. Acho que se meu filho batesse nela ela não ia fazer nada lá! Por receio de eu tomar alguma medida. A mesma coisa a escola o que meu filho fizesse eles iriam aceitar. E não foi isso que eu fui lá buscar. Algumas semanas depois meu filho pegou uma doença contagiosa e precisou se afastar da escola e o ano acabou. A escola não procurou a professora não procurou, eu que procurei e quando eu cheguei lá a situação estava muito pior, a escola falando para professora que todos os pais estavam reclamando dela, que ninguém estava suportando-a, mas não tomaram atitude, foram empurrando.

V.XXXII – Questão n.º 7 – Grupo B – docentes - BM

Narre uma situação positiva e/ou negativa dessas relações entre famílias e escolas vivenciadas.

P1F30BM- Eu tive um aluno que tem paralisia cerebral, quando ele chegou na escola ele nem andava. No segundo ano veio para mim e eu sou meio maluquinha né?! Eu comecei a ensinar a ele subir em cadeira, fiz um varal para ele pendurar toalha, aí um dia a mãe dele chegou para mim e disse: eu não sei o que acontece lá em casa quando eu estou estendendo roupa no varal o S pega uma vassoura e fica me cutucando. Aí eu expliquei para ela que eu estava trabalhando coordenação motora e procurando fazer em sala coisas que ele gosta. A partir daí a mãe perdeu o medo, ela tinha medo do S correr de ele andar e cair e se machucar, então ela começou a entregar as coisas na mão dele para ele mexer, e agora ele já está conseguindo fazer movimentos com a mãozinha que ele não tinha, mas foi minha doideira que fez ele incentivar a mãe a perder o medo do filho se machucar. Agora o negativo, eu tive uma experiência muito ruim no ano passado eu usei a palavra DIABO na alfabetização, mas deu um problemão com um pai, ele não compreendeu que era vocabulário que fazia parte dos grafemas a serem trabalhados. Eu até tirei isso das minhas atividades, eu não falo mais em DIABO.

P4F04BM - Uma situação muito positiva a meu ver foi quando uma aluna sofreu um acidente e nós fomos convocados a ministrar aulas domiciliares, já tem um tempo isso, e ali através do contato com essa família, que não foi só o contato com a aluna, interagir e perceber as reais dificuldades. A gente focou naquilo que ela tinha dificuldade enquanto aluna e pôde prestar toda uma assistência para a família, o irmão que também estudava na escola, foi uma interação positiva, a mãe entendeu o seu papel e era muito presente, buscava as tarefas e

procurava interagir, nós também todas as vezes que fomos solicitados conseguimos caminhar e aí vimos o sucesso dessa aluna. Hoje ela está formada, ela progrediu e isso é muito bacana. A gente vê que foi uma experiência que deu certo. Negativamente existe também aquela ameaça do adolescente mais desesperado, mães que sequer sabem em que ano de escolaridade o filho está, e quando são convocadas chegam ali perdidas: “Eu sou a mãe do fulano, mas não sei a turma, o ano”, enfim você tem que ficar pesquisando, investigando para saber a turma. Pede o caderno o aluno não tem... e quando tem, eu ainda sou da moda antiga que dou visto em caderno, então quando a gente chama a família do aluno e o aluno com o caderno ali na presença do responsável a gente vê que a maioria nem sequer assina os bilhete no caderno que a gente manda para casa. E como isso é um processo não tem como a gente colher sucesso de um processo que começa fracassado. Enquanto todos não tomarem ciência do seu papel, porque a gente não trabalha sozinho. Se a gente precisa de um retorno da família e a família não dá, é como se fosse um tripé e ele vai despencar, infelizmente quem perde é o aluno que teria tudo para progredir e por conta desse desajuste é fadado ao fracasso.

P5F24BM - Experiência positiva eu me lembro de um aluno com necessidades especiais que chegou à escola para nós e quando ele chegou, a mãe com todos os cuidados, para você ter uma ideia ele quando chegou fazia pouco tempo que ele havia aprendido a comer porque ele se alimentava por uma sonda. Ele ficou comigo no primeiro ano durante dois anos e foi visível o crescimento dele porque ele tem uma família muito participativa. A mãe inclusive faz parte do Conselho Escolar junto com a gente. E o amor que ela tem por ele é visível e esse amor reflete em todo o desenvolvimento dele. A história dele é uma história de superação. Eu me tornei amiga dos pais desse aluno.

Quando houve problemas a equipe se uniu junto aos pais e as coisas acabaram por se resolver, como foi o caso daquela menina que chorava e não queria ficar em sala, apesar de um início marcado por faltas ela depois de várias conversas com a família melhorou e se desenvolveu e a mãe acabou por entender que queríamos ajudar.

Experiência que eu vejo de negativa são os alunos que a gente perdeu pelo caminho para o tráfico de drogas ou perderam mesmo a vida.

P6F11BM- A experiência positiva que eu tive, vocês vão me achar muito repetitiva, mas uma experiência que eu trago comigo e que me dá muita satisfação do meu trabalho , de quando eu olho para trás e vejo assim e vejo que teve um resultado muito bom foi a minha interação com as famílias dos meus alunos de inclusão, porque eu tive trabalho com inclusão

e quando a família veio, participou e confiou no meu trabalho, às vezes tem mãe que interferem, a família interfere dentro daquilo que você está fazendo, mas quando eles confiaram no meu trabalho, quando ajudaram quando foi solicitado, eu tive um resultado muito bom! E eu já tive também resultado de inclusão quase nenhum, porque a família não aceitava, questionava o trabalho o tempo todo. De questionar o aluno é assim na escola e em casa não é. Eu já tive pontos muito positivos, mas também alguns negativos que atrapalharam até no desenvolvimento do aluno. Quando eu vejo o rendimento das minhas inclusões me dá muita satisfação no meu trabalho.

P7M07BM - No meu caso o que ficou marcado para mim foi a relação com a família e o resultado final. da minha turma em 2019. Não foi fácil! Mas aquelas crianças que precisavam de atenção, que precisavam que a família chegasse perto, que precisava do apoio do professor, que precisavam da nossa atenção pedagógica, que precisavam que a nossa relação com a família fosse boa, elas cresceram. Esse aspecto positivo é esse o resultado nessa turma de primeiro ano de 2019 e agora segundo em 2020.

Negativo eu vejo a falta de tato da família em cuidar de alguns alunos, já gerou situações, por exemplo, até de agressão do aluno para comigo. Então eu percebo a falta de instrução para a família, a falta da família entender que alguns assuntos não são para aquela criança, daquela idade, não são para a criança saber, e que ela precisa ter limite, ela precisa ter rotina, que ela precisa ter hora. Então essa interferência real da família na vida de seu filho, da criança, nosso aluno, faz total diferença também negativa, então a gente vê que a família tem um poder muito grande.

V.XXXIII – Questão n.º 7 – Grupo C – funcionária de apoio escolar - BM
Narre uma situação positiva e/ou negativa dessas relações entre famílias e escolas vivenciadas.

FUN1F20BM - Positiva foi quando um aluno teve uma necessidade e a escola se mobilizou para arrecadação de dinheiro para ajudar a família que não tinha como custear certos medicamentos para o aluno e isso funcionou bem. A escola se abriu, abriu em pleno domingo para fazer um bingo junto com a comunidade para arrecadar dinheiro para ajudar o aluno. Não um só, mas com vários alunos já aconteceu isso. Negativa quando a escola não se abre, quando ela não escuta o outro, ela não tenta ajudar de uma forma ou de outra. Eu lembro de um caso em que precisou se mobilizar através de uma escola em que não trabalhei, mas fiquei sabendo dessa situação, um aluno era menor infrator e foi para o DEGASE, e os pais

foram pedir ajuda com a escola, numa questão não de tirar o aluno, mas de dar um encaminhamento para a família que não sabia nem por onde começar. E infelizmente isso não ocorreu, a escola não se abriu para orientar, tipo assim: o problema é seu, você se vira, você corre atrás. Não deu instrumentos para que os pais pudessem se mobilizar da melhor forma possível, porque tudo tem começo, meio e fim. E o primeiro passo de ajuda não deu. A pessoa que poderia ter ajudado, não deu. Uma vez meu filho era um antigo aluno da escola e a diretora é advogada e eu precisei da ajuda dela e ela me ajudou, não sei por que fui funcionária e ele ex-aluno, mas ela ajudou, mas nesse caso que contei a escola poderia ter ajudado e não o fez. Na questão humana. A escola é mais do que uma instituição que ensina, mas é social, mas que acolhe, que se presta a ajudar ao próximo, não pode se fechar só no ensinamento, mas hoje na realidade que a gente vive o aluno tem que vir à escola com muitos mais motivos que na nossa época, a gente hoje luta ... a escola, a igreja luta contra o mundo lá fora que oferece muito mais do que tem aqui dentro da escola, dentro da igreja. Então hoje a escola tem que usar de outras formas de recursos pra abraçar essa criança, entendeu? Para acolher, para ouvir, para escutar, até para interagir. Hoje em dia você não fica só presa em quadro a passar dever, ou ensinar uma coisa ou outra, não! Você tem que ser amigo também, tem que parar prestar atenção no aluno, observar. Hoje a escola tem muito mais recursos, melhores e gente muito mais estudada, capacitada, deveria investir muito mais nos professores. Deveria investir muito mais naquele que educa.

V.XXXIV – Questão n.º 7 – Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME - BM

Narre uma situação positiva vivenciada e uma negativa nas relações entre escolas-famílias

EQDP1F27BM - Tem o caso de uma mãe que é extremamente atenciosa, solícita, uma mãe que é exigente, presente, está sempre dialogando. Essa família que acompanha a criança, que leva no tratamento da psicologia, que leva até à fonoaudióloga, que escuta a escola, que diz que não está gostando de alguma coisa, que traz os pontos positivos e negativos que ela está observando, que traz informações a mais sobre a criança, então tudo se torna mais fácil. A escola tem mais aquela acolhida. Então por exemplo, essa criança quando chegou para mim ainda não falava, não tinha adquirido a linguagem, só balbuciava, mas desenhava Barbie e bailarina para todo lado. Mostrei para mãe que o centro de o interesse da criança por balé. Um dia com a autorização da diretora coloquei a mãe no carro no horário de

atendimento e fomos até ao SEST SENAST e assistimos a uma aula de balé e ao final houve um entrosamento com as outras crianças, e o serviço de lá recebeu a aluna no Projeto Dança e Magia. Hoje dança balé para plateias lotadas, apesar de ser autista. Já desenvolveu a linguagem, nas primeiras apresentações de balé ela saía, mas houve um projeto de inclusão. A mãe e a escola se uniram em favor do desenvolvimento dessa criança.

Eu tenho um outro caso em que eu atendi durante dois anos, que a mãe tem o desejo de ajudar, que a mãe ama incondicionalmente, mas é uma pessoa adoecida, ela tem aparentemente uma estrutura histórica diante do que aparenta, não tenho diagnóstico, mas a mãe por ser doente por ter esse comportamento diferente, ela não consegue trabalhar essa criança que também tem possibilidades, então o que acontece, esse menino tem prejuízos. Ele faz birras e birras na rua, grita, faz pirraça, ela ficou 3 horas para pegar um ônibus com ele porque ele só queria sentar no banco da frente. Ela não consegue ter autoridade com ele. Dentro da escola ela está sempre no lugar da queixa, no lugar da vítima. Ela se vitimiza o tempo todo, ela não dá conta, as pessoas a orientam e ela não absorve, ela não consegue compreender, ela não assimila. E aí vem aquela situação: a falta de políticas públicas, pois é um caso para CAPS, CREAS, está assistindo e aí foge aos padrões dos trabalhos da escola, sai fora dos muros da escola, aí é um trabalho para Rede de Apoio. A escola orienta, faz um trabalho legal, acolhe, olha para ela de uma forma diferenciada, porque já é perceptível que ela tem uma necessidade especial também que não dá conta do filho especial também, agora se essa mãe fosse bem trabalhada essa criança teria um ganho maior. A escola está tentando, mas esbarra na família adoecida. Na maioria dos casos é isso ou é um grande desconhecimento ou é uma família adoecida.

Que aquela família que é estruturada promove condições de melhores desenvolvimentos.

A família que não é atuante sempre tem um porquê. Ela não consegue. Precisa haver uma Rede de Apoio, políticas públicas para pensar no resgate das famílias, a família está doente.... Enquanto os governantes não pensar... não criar políticas públicas para o resgate dessas famílias...isso vai acontecer porque é um pai alcoólatra, é um pai usuário, uma mãe usuária, outra hora é uma pessoa que tem uma doença mental, e aí o quê que o Estado está fazendo? Se aquela pessoa não é autossuficiente para tomar conta de uma criança, alguém tem que fazer alguma coisa! Alguém tem que fazer alguma coisa por essa família para que essa família não gere mais problemas futuros. Porque no momento que se trabalha bem uma criança independente se ela é portadora de necessidades especiais ou não, no futuro se ela for

autônoma, conhecer os seus direitos e seus deveres, ela vai caminhar na vida e não vai dar trabalho para ninguém, agora no momento que ela sai de uma família em que todos não se respeitam, onde não conhecem seus deveres, valores e vive a vida no “oba, oba” e deixa a vida me levar, o que acontece? Ou será vítima de tudo isso ou entra para criminalidade, enfim alguma coisa de negativo acontece. Infelizmente desencadeia os problemas sociais. A Educação que é a porta que prepara para a vida e de quem é a responsabilidade? Família e escola se os dois não estiverem amarradinhos e não houver uma rede de apoio, fica difícil. Se nós tivéssemos verbas, políticas públicas... Porque as orientadoras não têm pernas e braços para dá conta de tudo isso! Deveria ter por polos pelo menos, um trabalho de assistência social, psicóloga, uma equipe multidisciplinar próximo às escolas, para trabalhar essas famílias. Um projeto.... Trabalhar essas famílias, ajudar, resgatar, realizar encaminhamentos, ouvir, porque por trás de uma família que tem uma criança assim tem alguém que sofre, tem alguém pedindo por socorro, às vezes uma mãe chega na escola gritando, falando alto, mas lá no fundo ela está pedindo por socorro, ela está em sofrimento. Então eu sempre falo com as meninas, quando chegar uma mãe assim agitada quanto mais calma você falar com ela melhor. Outra coisa a abordagem porque você não pode falar com elas na defensiva tem que acolher. Porque no momento que você acolhe ela se abre e aí você vê que ela está pedindo socorro. Na verdade, a vida está pesada demais e ela não está dando conta e aí ela se desorganiza, e é exatamente isso, se tivesse um projeto, não precisava ser uma equipe por escola, poderia ser por polos, para estar trabalhando eu penso que iria fluir melhor, iria ser muito bom.

EQDP2F22BM - Tem um aluno que eu atendo ele é deficiente intelectual, está com 16 anos no nono ano, a família é muito parceira, tanto o pai quanto a mãe é muito participativa, a mãe trabalha fora também e a escola de onde eu atendo esse aluno é de tempo integral então ele passa o dia todo na escola, ele fica o tempo todo. Em reuniões quando a mãe não pode ir à maioria das vezes ela não pode porque trabalha, o pai que faz turno vai em todas as reuniões, a gente até procura marcar a reunião de pais de acordo com a agenda de trabalho dele. E essa relação é fundamental porque essa troca esse acompanhamento ajuda muito nos ganhos que a gente observa no aluno. Então é uma família assim muito presente e o aluno é apaixonado pela escola, apesar de estar no nono ano com 16 anos, ele ainda não está totalmente alfabetizado, está em processo, mas tem um relacionamento com os amigos, os professores, muito tranquilo, muito educado, é um menino que cativa a todos. Isso é fruto

desse relacionamento que ele tem na casa dele, que ele recebe dos pais, e na escola ele conhece todo mundo, e todo mundo conhece ele. E é um caso que eu pontuo como positivo. Nesse sentido de a gente conseguir ter essa parceria, de sentar com a mãe e ela dizer:” olha nesse lado ele não está evoluindo, por quê? Eu não quero que meu filho fique isolado num canto e em algumas disciplinas isso está acontecendo porque ele ouviu uma história e não consegue repetir, interpretar. pegar informações implícitas ainda. Ele copia, escreve tudo, mas não acompanha como os demais”. Então quando a família traz essas dificuldades que ela observa, então a gente vai sentar com o professor e vai planejar de acordo para atender as necessidades desse aluno. Muitas vezes o professor demora a perceber, quando a família participa, vai à escola e pede ajuda, isso é positivo.

Há uma outra família em que o aluno fica totalmente entregue ao que a escola dá, ao que a escola oferece. A gente pede documentação, atualização das idas ao médico, tratamento: “Ah não consegui marcar, não deu para vir à reunião, o menino não gosta da escola” Então assim em cadeia vem tudo ao contrário do que eu disse no primeiro caso, quando não existe essa interação e essa preocupação. Isso é negativo.

EQDP3F12BM - Há famílias que não aceitam a realidade do filho. Isso é muito importante também de sensibilizar essas famílias de acolher e de cuidar. Não deve ser fácil também ter um filho com deficiência.

Tem um caso de uma criança que tem na Rede e que eu até coloco como negativo, hoje tem 7 anos, ele tem todos os traços de psicose e uma questão mental muito forte. E assim a escola lutou muito, o CEMAE, mas a família que tem toda a estrutura financeira, tem plano de saúde, os pais são separados, mas estão sempre juntos para tentar resolver a questão do filho, mas do jeito que eles acham que é, não sei se não conseguem enxergar ou se eles tem medo, e o menino está ficando cada vez pior. Na escola os alunos o chamam de monstinho. Porque ele aterroriza. Ele derruba uma sala inteira, ele bate no professor, ele bate no aluno e a família não consegue enxergar. Ele bate na mãe, bate no irmão. Eu conversei com a mãe não enxerga e não quer ver. Têm os casos de negligência, Têm os casos em que falta política pública e têm os casos em que a família não tem estrutura de encarar o problema, de encarar a situação. A gente tenta muito trabalhar isso e orientar essa família.

EQDP4F15BM - Há um caso de uma criança que eu e a EQDP5 vivenciamos em outra U.E. Uma criança do quarto ou quinto ano, que era muito agitada, uma criança muito

difícil, que a escola toda já não sabia mais como trabalhar com aquela criança. Um certo dia a professora pediu para a disciplinária que encaminhasse ele para mim... porque não estava conseguindo ele estava muito agitado. E quando ele chegou na minha sala eu estava preenchendo um documento, então eu dei uma folha para ele e disse faz um desenho para mim que eu estou resolvendo um probleminha aqui e a gente já vai conversar. Ele desenhou e quando ele terminou ele chegou para mim e disse:” ... tia olha o que eu fiz.” Quando eu olhei o desenho era o órgão genital masculino bem grande e uma criança. Aí eu comecei a conversar e naquele momento ele conseguiu falar para mim que ele estava sendo abusado por um primo de 15 anos, e ele pediu para não contar para mãe, mas diante de nossa responsabilidade, apesar de que sabíamos que a mãe era muito complicada que não iria acreditar na história. E realmente no primeiro momento: “Não foi alguém que fez isso aqui na escola com ele” ... foi aqui na escola! Foi no banheiro da escola.... Foi um menino grande que fez isso! Eu falei: Olha mãe eu não posso te garantir que nada acontece aqui dentro porque eu não estou com ele o tempo todo, mas eu acho muito difícil porque a criança é acompanhada pelo disciplinário, no corredor e ele falou bem claramente e falou até o nome da pessoa. E ela foi embora. Muito nervosa, tentou falar com o psicólogo. Aí quando foi no outro dia ela voltou pedindo desculpas pra gente. Que naquele dia o primo tinha ido até a casa dela e ela ficou de olho e ela pegou a situação.

EQDP5F60BM - Ela ouviu a conversa do primo que ele estava achando ruim com ele, que ele iria bater nele porque ele contou o segredo dele na escola.

EQDP4F15BM- Então assim a importância que tem a relação família-escola. Naquele momento... Ele já estava passando por aquilo há alguns anos, não era há pouco tempo, e ele tinha toda uma reação que ninguém conseguia entender, nem mesmo a mãe, ele era acompanhado por psicóloga, psiquiatra, tomava medicamento e naquele momento ele conseguiu se abrir. Eu pedi para a mãe não quebrar a confiança que ele teve em mim, não contar que eu falei. Mas naquele caso eu tinha que contar. Ele foi encaminhado para o Conselho Tutelar, porque era responsabilidade da escola.

EQDP8F15BM - Tem muita experiência rica, tem muita experiência assim de construção mesmo com a família toda reunida, porque assim a gente pensou em coisa para a família, eu acho que a criança ganhou muito com essa família reunida ali por ela, mas teve uma situação de uma escola, até deu a devolutiva no dia da reunião do PDE, que o pai você via que estava muito cansado, ele chegou e eles estavam sentados na mesa da cozinha, e aí ele

começou a ler uma história que a gente mandou para criança, e conforme ele lia a criança toda animada e ela regia assim à leitura do pai... e ele ficou atento e olhava para ele, e o pai muito cansado, aí no final o pai pergunta ao filho: você gostou da história? E o filho todo animado responde sim com o corpo, aí o pai fez um carinho nele e disse: que bom! Agora o pai vai tomar um banho porque ele está muito cansado... Até chego a me arrepiar! Por que é simples? É simples: Esse é um mais simples, mas.... Aí ele garantiu um momento riquíssimo que vai ficar gravado na memória desse filho para sempre.

Se não fosse esse momento de pandemia, se não fosse esse plano de estudo, esse pai com cansaço tamanho de todas as atribuições do dia a dia, do cansaço do trabalho... ele pararia naquele momento para ler para o filho? É de uma simplicidade e de uma grandiosidade que eu acho que sintetiza de positivo de tudo o que aconteceu. E em termos de questão negativa.... Foi: A gente passou por uma situação que uma família... Uma mãe não leu a proposta... ela simplesmente pegou o plano de estudo e foi para a rede social dizer: como pode um material desse com tanto texto para uma criança de quatro anos que não sabe ler? Então a pandemia, com esse distanciamento, oportunizou com que a família registrasse tanto um momento rico, superpositivo, que a EQDP8 narrou, que a gente não teria conhecimento, não teria sido divulgado, não teria conhecimento, não teria nem sequer acontecido se não fosse a pandemia, se não fossem as tecnologias, o plano de estudo. E ao mesmo tempo sem as tecnologias a gente não iria saber de uma interpretação totalmente equivocada dessa mãe. A escola mediou com a mãe para que ela entendesse.

EQDP10F30BM - Bom positivo a gente vê assim eles mudam, até da parte de orientação que a parte que eu mais atuo, eles mudam muito a postura com os filhos, a gente percebe, tem mãe que chegava... Eu estou com um aluno agora do quinto ano que está saindo daqui, mas quando chegou no primeiro ano na nossa escola, era aquela mãe extremamente ansiosa, extremamente desesperada, que o filho não tinha liberdade de fazer nada, que não tinha direito à experiência nenhuma porque a mãe não permitia, o pai não permitia, e hoje ela agradece imensamente à escola porque ela é outra mãe. Então para mim, quando a gente consegue esse resultado num adulto que já tinha a cabeça formada, aquele conceito de vida... de educação formada e que ele percebe que errou, mas que o erro dele foi um erro construtivo e que daqui para frente pode ser muito melhor! Às vezes são pais de filhos únicos, e serão crianças marcadas para o resto da vida se a família não crescer não desenvolver! Então eu penso que isso aí é um resultado muito positivo.

E negativo, o que eu vejo, principalmente quando as pessoas não aceitam as nossas orientações e acabam até tirando as crianças da escola. Quando não aceitam as nossas orientações omitindo os casos, as coisas, não revela verdadeiramente o que está acontecendo e a decisão mais drástica acontece, tira a criança da escola. Coloca num outro lugar qualquer, em que não vai ser questionado, em que essa família não vai ser cobrada em nada, e aí ela deita em berço esplêndido, ela acha que aquilo ali é o melhor do mundo e que a gente é que está errada. E isso não acontece uma vez no ano não, são vários casos, mas tem mãe que se arrepende. Esse ano mesmo nós tivemos casos de mães que tiraram no ano passado, crianças extremamente necessitadas e por conta da gente chegar nesse ponto ali: que tem que ter transformação familiar porque é esse nosso maior objetivo aí a pessoa se recusa e tira a criança, a criança está sofrida e agora quer voltar com a criança para a escola. A gente até abre as portas novamente, mas tem que ter um ato de comprometimento aí, de transformação, de melhoria. É um sofrimento para gente ver a criança ser colocada numa situação dessa. Então para mim negativo é quando a família não aceita que a escola tem conhecimento sobre a vida da criança, sobre a conduta e a vida da criança. E ela se recusa a ouvir a escola.

EQDP12F30BM - Um aluno do ano passado, filho de pais surdos, a gente o recebeu e tentamos dar assistência a ele o ano todo. Nós só conseguimos encaminhamento para o CEMAE no final do ano. A avó tem um relacionamento bom com a gente. Tanto é que no final do ano passado ele saiu daqui e nesse ano a avó ligou para falar dele e buscar ajuda nossa. A gente nem ajudou tanto quanto deveria, mas ontem eu estava conversando com a enfermeira do postinho de saúde, ela falou que conseguiu um neurologista para ele. Ele ainda precisa de fonoaudióloga. A avó está tomando conta do neto, mas ela não consegue dar a assistência médica que ele precisa, mas ela sente essa segurança na U.E., ela vem nos procurar, e a gente tenta ajudar no que pode, mas também é difícil. Tinha um aluno nosso que estava dando muito trabalho na parte sexual, estava com a sexualidade muito aguçada, e nós chamamos a mãe para conversar e a mãe disse que não sabia o porquê. Como as coisas continuaram nós chamamos novamente. E fomos apertando e a gente descobriu que os pais estavam separados e que no fim de semana que o menino ia para casa do pai, o pai colocava vídeo pornográfico e às vezes até assistia junto com o menino. ...mas a conversa com a mãe resolveu.

Geralmente os pais não admitem no início, vários outros casos também tivemos que chamar mais de uma vez para interferir e tentar ajudar a criança.

EQDP17F06BM - Eu vou dar um depoimento como mãe. Eu tenho um filho de 23 anos e um de quatro aninhos. E quando entrei na Faculdade, quando fui fazer meu curso... Eu passei uma situação escolar muito difícil em relação ao meu filho, em uma dessas escolas aqui da Rede. Meu filho tinha 11 anos, quinto ano, e meu filho é negro, e eu sempre fui uma mãe cuidadosa com todos os materiais, e eu não sabia que meu filho estava sendo assediado dentro da escola, todos os dias ele tinha que entregar o lápis, um kit, como ele era filho único na época todos os materiais dele eram do flamengo, da Faber Castell, aquelas coisas bacanas, e eu cheguei na escola para pegar o passe escolar na secretaria e encontrei com a professora de português na secretaria, e ela falou: você é a mãe do fulaninho, eu falei sou, ela disse muito bem, bandido a gente conhece na quinta série! Então naquele dia eu saí da escola aos prantos, eu tinha na época o sexto ano. Uma mulher de vinte e poucos anos só tinha o sexto ano. Eu saí aos prantos da escola porque ela disse que meu filho é bandido. Ela disse: - Bandido, mãe, a gente conhece na quinta série. Então eu fui socorrida por algumas professoras e daquele dia em diante eu entrei na escola para estudar. Para eu saber o que está acontecendo nas escolas. Então entrei na escola Estadual VM e estudei sexto, sétimo, oitavo, nono ano, Ensino Médio junto com meu filho! Ombro a ombro. Quando eu terminei o Ensino Médio eu entrei na faculdade. Porque meus professores falaram assim: você vai... você vai estudar. Hoje eu estou na Pedagogia e o meu estudo é sobre a Inserção do Menor Infrator dentro das escolas. Eu acredito numa Pedagogia voltada para essa sociedade, para essa criança, para esse Menor Infrator, mas meu filho não era Menor Infrator! E essa marca, esse marco me fez avançar. E eu estou estudando justamente por causa disso, eu quero entender esse menor em estado de risco dentro da escola, e porquê. Tanto social quanto aqui dentro. Então assim eu acho que o professor e a escola também precisa entender a família, porque o filho do traficante ele aprende, o filho do bêbado ele aprende, o cérebro não para. Não é porque ele é filho de A ou B que ele deixa de aprender. Então a gente tem que entender também o lado da escola, existem Profissionais da Educação que precisam entender que a família também precisa de cuidado. Quando a criança é doente, é especial, a família também adocece.

Voltando no caso do meu filho, o que eu descobri é que ele tinha que pagar um Real para um aluno para ele não apanhar, isso dentro da escola, então eu descobri que estava acontecendo isso dentro da escola o sobrinho de um traficante estava pegando dinheiro das crianças para não bater nas crianças. Meu filho foi assaltado dentro da escola, no portão, levaram calça, mochila, levaram tudo, a diretora deu um vale transporte para um menino de

11 anos... ele veio a pé chorando e chegou em casa e disse: mãe roubaram tudo o que eu tenho. E aí eu chego lá para pegar esse passe a professora fala: bandido a gente conhece na quinta série! Então eu tenho esse trauma muito grande...dentro das escolas esse julgamento.

Dentro da Câmara de Vereadores, como estudante de Pedagogia um dia eu tive uma oportunidade de relatar esse fato e uma pessoa falou assim: “Você precisa entender melhor essa realidade estudar isso para saber o que está acontecendo” E eu falei assim vocês políticos que fazem as leis de nosso município, de nosso Estado deveriam entender melhor o que acontece na nossa comunidade, no nosso bairro.

Então assim taxar uma criança negra vai ser bandido! Porque não tem um lápis. “Seu pai não tem um lápis!” Eu falei como meu filho não tem um lápis? Eu compro todo o dia... eu comprava material bom.... Ela falar que meu filho era filho de bandido e que não tinha um lápis! Aí eu fui investigar o que estava acontecendo era isso.

Então há um pré-julgamento também dentro das escolas e que isso pode ser reproduzido não só lá fora como aqui dentro.

Tem que ter esse cuidado para isso não se reproduzir. Fulaninho está em grupo de risco sim, mas aqui dentro ele é igual, vamos tratá-lo como igual, nós vamos pegar essa criança, nós vamos trabalhá-lo para devolver ele para casa com um ideal diferente, com um mover diferente no coração.

V.XXXV – Questão n.º 7 – Grupo B – docentes -VR

Narre uma situação positiva vivenciada e uma negativa nas relações entre escolas-famílias

P2F28VR - Eu tenho uma aluna que a mãe está operada e uma tia está dando suporte para essa aluna nas atividades online. Uma aluna superinteressada, que 7h da manhã já está na plataforma. Eu vejo que ela está aprendendo porque quando eu faço a vídeo aula eu questiono e ela está sempre respondendo. Tia eu sei a resposta, isso estava na atividade 25 que eu li. Isso eu acho positivo. Negativo que eu tive uma experiência que a menina chegava sempre atrasada na escola, sempre atrasada e um dia eu chamei a atenção dessa menina e ela deve ter conversado com a mãe em casa e a mãe no dia seguinte foi reclamar com a direção da escola e com a orientação pedagógica que a menina não sabia ler e que eu não estava ensinando nada para a menina. E a menina já sabia ler, a menina fazia todas as atividades. A mãe não gostou

de eu ter chamado a atenção e arrumou uma reclamação infundada. Acho isso muito ruim o nosso trabalho ser colocado em xeque por essas coisas. Eu lembro que a aluna falou assim: ah lá em casa minha mãe acorda tarde, aí eu respondi então passa a acordar cedo porque você tem que estar aqui 13h.

P3F24VR - Positivo quando estava faltando uma professora na escola e fizemos uma reunião com os pais, e um pai disse: mas o que nós podemos fazer? Nós explicamos a força que a comunidade tem juntado com a escola e foi agendada uma reunião com a Secretária de Educação de VR, a comunidade e a representante da escola. Uma semana depois chegou a nova professora.

Negativa foi os pais fazerem um abaixo-assinado para tirarem uma professora sem comunicar com a escola, sem dialogar com a escola.

V.XXXVI – Questão n.º 7 – Grupo D – equipes pedagógicas/gestoras escolas/SME - VR

Narre uma situação positiva vivenciada e uma negativa nas relações entre escolas-famílias

EQDP14F30VR - Positivo continuo relatando aqui que são os depoimentos das famílias dos alunos da Ed. Especial. Não consigo deixar de dizer que isso para mim tem sido o mais importante. Mostrar o valor dessas pessoas, nem digo alunos, mas desses cidadãos. A gente conseguir ver uma família reconhecendo o potencial de seu filho, que antes não acontecia. Então isso para mim é muito positivo.

E o que é muito negativo tirando disso tudo é o sofrimento do nosso professor. O professor está muito sofrido, o professor está deprimido, o professor está se considerando sobrecarregado por conta da demanda de organização que nós exigimos então o professor está precisando realmente de um tempo para ele, eu reconheço isso. Não podia ser diferente disso para que se organize uma Rede de 39.000 alunos, quase 39.000, e você dá um mínimo de organização para esse professor. O professor ficou um pouco sobrecarregado no sentido de que... isso para mim chega a ser um pouco negativo uma vez que a gente não conseguiu lidar bem com isso, porque nós temos pessoas que não conseguiram lidar bem com toda essa organização, com esse cumprimento de regras, porque nós tivemos que estabelecer novas regras para o Ensino Remoto. Isso tem uma consequência positiva, mas se a gente está

deixando alguém um pouco sofrido com isso é negativo, porque essa pessoa deveria estar bem. Mesmo fazendo tudo isso. São dois pontos que eu coloco. Porque o Ensino Remoto para o professor que é do giz, que vem de uma cultura do uso do giz, não é fácil. E eu não vou crucificar a pessoa porque para ela está sendo difícil.

EQDP15F20VR - Olha eu acho que eu tenho muito mais positiva que negativa porque o fato de você viver uma boa parte da sua vida, eu vivo o meu dia inteiro dentro de uma escola. Quando a gente vê o sucesso da aprendizagem e a interação nos projetos que a gente propõe. Nós fizemos um projeto Mãos que Transformam com a participação de toda a comunidade em 2019, foi um projeto com a integração de todos com temas de ética, cidadania, de conscientização mesmo. A gente sabe que eles estão muito abertos a aprender, mas falta oportunidade e as vezes a escola não dá conta fora dos seus muros, lá fora em que eles optam por outros caminhos. Então o sucesso deles e o que a gente faz na escola com a integração da família é muito positivo e gratificante.

O negativo que eu digo é essa falta de atuação dos pais nesse acompanhamento da vida escolar dos alunos. Muitas mães novinhas, muitos pais separados, a criança não tem essa referência de família pai e mãe dentro de casa, são vários irmãos um de cada pai, às vezes um irmão preso, outro irmão envolvido lá na droga. E isso nos deixa muito tristes.

Outro ponto negativo que me ocorreu é a falta de políticas públicas para trabalhar essa família, por exemplo, existia o CRAS no bairro e que foi tirado. Também quando uma criança apresenta dificuldades acentuadas de aprendizagem e a gente não consegue um laudo com facilidade, existe uma fila enorme na saúde, para que essa criança seja atendida, às vezes uma criança que precisa de fonoaudióloga, uma criança que precisa mesmo de um tratamento para diagnosticar o porquê não consegue reter informação. Então às vezes a criança passa pela escola e a gente não conseguiu dar essa resposta, então é falta de políticas públicas mesmo. O que eu penso que os nossos governantes deveriam fazer é manter essas crianças ocupadas no contraturno, com atividades no contraturno para que elas seguissem um caminho até que eles tivessem as suas opiniões próprias, para que elas não tivessem que seguir o caminho que às vezes os pais ou alguém já está no meio das drogas, no meio da bandidagem. Então faltam sim políticas públicas.

Têm muitos programas em VR, mas é pouco, e pouco atrativo, não abarca a nossa demanda. O único projeto que tem em VR que é muito bom é o de música, mas também não atende a demanda.

